

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE CIENCIAS TECNOLOGICAS - CCT
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO - CAU

TAYNAH MACHADO PACÍFICO DE SOUSA

A resiliência a partir da rua. Espaços itinerantes na Rua 26 no bairro da Vila São Luís.

São Luís -MA

2021

TAYNAH MACHADO PACÍFICO DE SOUSA

A resiliência a partir da rua. Espaços itinerantes na Rua 26 no bairro da Vila São Luís.

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para obtenção do grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Ingrid Gomes Braga

São Luís -MA

2021

Universidade Estadual do Maranhão. Sistema Integrado de Bibliotecas da UEMA

S725r

SOUSA, Taynah Machado Pacífico de.

A Resiliência a partir da Rua. espaços itinerantes na rua 26 no bairro da Vila São Luís. /Taynah Machado Pacífico de Sousa. – São Luís, 2021. 106 f. : il.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Ingrid Gomes Braga.

1. Saúde urbana. 2. Resiliência. 3. Rua.

CDU: 711.4:614(812.1)

TAYNAH MACHADO PACÍFICO DE SOUSA

A resiliência a partir da rua. Espaços itinerantes na Rua 26 no bairro da Vila São Luís.

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para obtenção do grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: São Luís, 25/01/2022

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ingrid Gomes Braga – Orientadora

Doutora em Conservação e Restauração de Bens Culturais - UPV.



Prof. Dra. Marluce Wall de Carvalho Venâncio – 1º Examinador

Doutora em Urbanismo - UFRJ.



Prof. Me. Izabel Cristina Melo de Oliveira Nascimento – 2º Examinador

Mestre em Design – UFMA.

Dedico esse trabalho a todos que possuem a esperança de que cidades melhores e uma vida melhor nas cidades são possíveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de poder ter saúde e força para seguir caminhando em direção aos meus objetivos. Agradeço aos meus pais e à minha família por sempre quererem o melhor para mim e sempre acreditarem que sou capaz de fazer o que almejo. Eles, sem medir esforços, me ajudaram a realizar meus sonhos até aqui.

Aos companheiros que se tornaram grandes amigos nessa caminhada de formação e da vida, aos amigos que fiz que levarei no coração por toda minha vida. Aos amigos de grupos em especial Ana Valéria, Eduarda David, Isabella Matos, Lívia Serra, Pedro Adálio, Reisyenne Ribeiro, Vinícius Dantas e muitos outros que marcaram minha trajetória e que se tornaram a minha família de todos os dias por muitos anos, compartilhando experiências incríveis e de muito apoio. À família da FAU.

À oportunidade de realizar dois anos de iniciação científica junto o grupo de pesquisa TESCER e pelo apoio imenso e constante da Professora Ingrid Gomes Braga, que sempre acreditou no meu potencial e no meu trabalho e por ser uma grande inspiração. À professora Izabel Nascimento pelas dicas e muitas correções, as quais contribuíram significativamente para que meu trabalho final pudesse ficar o melhor possível.

Ao apoio de pessoas que, mesmo de longe, estiveram todos os dias ao meu lado, dando-me energia para seguir caminhando, dando-me carinho e suporte emocional. Dessa forma, tornaram-se imprescindíveis na minha trajetória.

Agradeço imensamente ao grupo de moradores entrevistados durante esta pesquisa e em especial à Lucilene Martins, que possibilitou as muitas visitas que fiz ao bairro da Vila São Luís e por ter me dado ânimo para que eu superasse os momentos de ansiedade e por estar sempre torcendo pelas minhas vitórias. A todos, o meu muito obrigada.

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Eduardo Galeano

RESUMO

Nos mais diversos aspectos da vida cotidiana, a cidade pode estimular e até mesmo atrapalhar as experiências no meio urbano, incluindo os processos de saúde e doenças. Por essa razão, a qualidade do meio está diretamente ligada à como a cidade responde às necessidades de seus usuários. Uma vez que bem direcionada para responder às adversidades, uma boa cidade pode ser considerada propulsora de resiliência por fomentar apropriação por parte dos cidadãos nos espaços públicos, ressignificando assim a experiência e propiciando ambientes saudáveis, seguros, confortáveis e propulsores de vitalidade urbana. Em momentos de maior estresse para cidades, como a exemplo recente, a pandemia de viral de Covid-19 de grandes magnitudes, mostrou que os sistemas que antes já apresentavam déficits, numa crise de magnitudes como essa, a saúde e as próprias cidades não estavam preparadas. A rua por sua vez, pode ser um grande instrumento de respostas resilientes às adversidades que a vida nas cidades apresenta, especialmente quando ela configura-se como uma das únicas soluções possíveis no momento. Este estudo busca entender as estratégias de promoção de saúde através de resiliência urbana junto à pesquisa bibliográfica em artigos científicos sobre o tema, bem como leituras e análises complementares qualitativas de experiências urbanas de recuperação que reforcem o papel do espaço público da rua como fator impulsionador de vitalidade urbana. Juntamente com a observação sistemática e com levantamento fotográfico e a aplicação do Mapa da Empatia como forma de conhecer as necessidade e anseios do bairro Vila São Luís. Este trabalho pretende elaborar um plano de ocupação para um recorte da Rua 26 no bairro da Vila São Luís, com isso, tem a intenção de impulsionar a resiliência urbana com o intuito de melhorar a qualidade de vida e bem-estar dos que ali residem. Portanto a construção de cidades resilientes revelam uma resposta à emergência de espaços saudáveis, políticas que possibilitem esse cenário e sobretudo, espaços adaptáveis frente aos desafios.

Palavras-chaves: Saúde urbana; Resiliência; Rua.

ABSTRACT

In the most diverse aspects of daily life, the city can stimulate and even hinder experiences in the urban environment, including health and disease processes. For this reason, the quality of the environment is directly linked to how the city responds to the needs of its users. Once well-directed to respond to adversities, a good city can be considered a driver of resilience by fostering ownership by citizens in public spaces, thus re-signifying the experience and providing healthy, safe, comfortable environments that promote urban vitality. In times of greater stress for cities, such as the recent example, the Covid-19 viral pandemic of wide magnitude, showed that the systems previously already had deficits, in a crisis of magnitudes like this, health and the cities themselves were not prepared. The street, in turn, can be a great instrument for resilient responses to the adversities life in cities presents, especially when it is one of the only possible solutions at the moment. This study aims to understand health promotion strategies through urban resilience simultaneously with bibliographic research in scientific articles on the subject, as well as qualitative complementary readings and analyzes of urban recovery experiences that reinforce the role of the public space on the street as a driving factor of urban vitality. Along with the systematic observation with photographic survey and the application of the Empathy Map as a way of knowing the needs and desires of the Vila São Luís neighborhood, with this, it intends to boost urban resilience in order to improve the quality of life and well-being of those who live there. Therefore, the construction of resilient cities reveals a response to the emergence of healthy spaces, policies that make this scenario possible and, above all, adaptable spaces in the face of challenges.

Keys – Word: Urban health; Resilience; Streets.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1. Modelo de Dahlgren e Whitehead, 1999..... | 21 |
| Figura 2. Modelo de Solar & Irwin, 2010..... | 21 |
| Figura 3. <i>Healthy Cities Vision. Health and Well Being</i> | 26 |
| Figura 4. <i>City Resilience Framework</i> | 28 |
| Figura 5. Roda da resiliência | 29 |
| Figura 6. <i>Streets - Western Addition</i> | 45 |
| Figura 7. Paulista reaberta..... | 46 |
| Figura 8. Encenação da Via Sacra ao ar livre pelas ruas do Anjo da Guarda | 49 |
| Figura 9. Mapa da empatia..... | 51 |
| Figura 10. Área Itaqui-Bacanga na cidade de São Luís | 54 |
| Figura 11. Origem e ocupação de São Luís (Recorte Itaqui-Bcanga) | 55 |
| Figura 12. Mapa da Vila São Luís e bairros adjacentes | 56 |
| Figura 13. Rua da esperança..... | 59 |
| Figura 14. Campo do Canarinho..... | 60 |
| Figura 15. A rua 26 e suas conexões..... | 61 |
| Figura 16. Delimitação da área de estudo | 62 |
| Figura 17. Usos da quadra 01 da rua 26..... | 62 |
| Figura 18. Usos da quadra 02 da rua 26..... | 63 |
| Figura 19. Usos da quadra 03 da rua 26..... | 63 |
| Figura 20. Diversidade comercial na rua 26..... | 64 |
| Figura 21. Infraestrutura ao longo da rua 26 | 64 |
| Figura 22. Infraestrutura ao longo da rua 26..... | 65 |
| Figura 23. Feira Mauro Fecury II. | 65 |
| Figura 24. Funcionamento da feira durante o dia durante a semana. | 66 |
| Figura 25. Funcionamento da feira durante a noite durante a semana..... | 67 |
| Figura 26. Funcionamento das barracas de lanches no domingo.. | 67 |
| Figura 27. Funcionamento das barracas de lanches no domingo | 68 |
| Figura 28. Funcionamento das barracas de lanches no domingo | 68 |
| Figura 29. Feirante organizando sua tenda e varrendo a sua área da calçada | 69 |
| Figura 30. Síntese dos pontos mais citados pelos entrevistados | 86 |
| Figura 31. Aulas de ginástica e dança na noite da semana | 87 |
| Figura 32. Aulas de ginástica e dança aos domingos..... | 88 |
| Figura 33. Mapa da localização da proposta das aulas de ginástica e dança | 88 |
| Figura 34. Feira + viva..... | 90 |
| Figura 35. Mapa da localização da proposta da Feira + viva..... | 91 |
| Figura 36. Cinema ao ar livre | 92 |
| Figura 37. Mapa da localização da proposta do cinema ao ar livre..... | 93 |
| Figura 38. Oficina de teatro na rua 26 | 94 |
| Figura 39. Mapa da localização da proposta da oficina de teatro..... | 95 |
| Figura 40. Recreação infantil na rua 26 | 96 |
| Figura 41. Mapa da localização da proposta de recreação infantil..... | 96 |
| Figura 42. Quadro síntese das atividades propostas | 97 |
| Figura 43. Mapa geral das atividades | 97 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-----------|---|----|
| Quadro 1. | Quadro resumo das técnicas utilizadas para cumprir com os objetivos específicos | 12 |
|-----------|---|----|

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|----------|---|
| DSS | Determinantes Sociais de Saúde |
| IBGE | Instituto de Geografia e Estatística |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| COVID-19 | Coronavírus Disease |
| EMAP | Empresa Maranhense de Administração Portuária |
| GUME | Grupo de Mulheres Evangélicas |
| GRITA | Grupo independente de Teatro Amador |
| LADOT | <i>Los Angeles Department of Transportation</i> |
| QGIS | Software que permite a visualização, edição e análise de dados georreferenciados. |
| UEMA | Universidade Estadual do Maranhão |
| WHO | <i>World Health Organization</i> |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 2. OBJETIVOS | 16 |
| 2.1 Objetivo Geral..... | 16 |
| 2.2 Objetivos Específicos..... | 16 |
| 3. SAÚDE E AS CIDADES..... | 17 |
| 3.1 Determinantes Sociais de Saúde (DSS) | 18 |
| 3.2 Movimento de Cidades Saudáveis..... | 24 |
| 4. CIDADES RESILIENTES | 27 |
| 4.1 Planejamento para cidades resilientes..... | 32 |
| 4.2 Vitalidade urbana como estratégia resiliente..... | 35 |
| 4.2.1 A construção da resiliência a partir da rua | 39 |
| 4.3 Resiliência urbana em tempos desafiadores..... | 41 |
| 4.3.1 Boas práticas de resiliência urbana em período de pandemia da Covid-19. | 43 |
| 4.4 Boas práticas de resiliência em São Luís (MA)..... | 46 |
| 5. CONSTRUINDO A PESQUISA | 50 |
| 6. VILA SÃO LUÍS..... | 54 |
| 6.1 A área Itaqui-Bacanga e a Vila São Luís..... | 54 |
| 6.2 Reconhecimento do recorte..... | 60 |
| 6.2.1 O valor de intervenções temporárias e marcas deixadas na cidade | 69 |
| 6.3 Aplicação do mapa da empatia..... | 72 |
| 6.4 Proposição do Plano de ocupação para a Rua 26..... | 85 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 97 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 100 |

1. INTRODUÇÃO

Como um grande centro atrativo, as cidades são dotadas de grande complexidade e para abarcar todo esse desenvolvimento, que por muitas vezes é de rápido espraiamento, os centros urbanos são rapidamente transformados e muitos aspectos ficam aquém desse processo. Aspectos estes que estão diretamente ligados à forma como a cidade está sendo consolidada com influência direta na vida de seus habitantes. A partir dessa realidade consolidada, percebe-se que ela se baseia em uma realidade de déficit, ou seja, esse contexto das cidades está diretamente ligado ao fator de não correspondência às demandas. Assim, a qualidade tem sido inversamente proporcional ao desenvolvimento dessas áreas urbanas, e acentua todas as disparidades que levam a vulnerabilidades ligadas à todas as esferas (social, econômica, ambiental ou política) neste meio, principalmente as que estão diretamente ligadas à vida de seus habitantes, como a saúde e qualidade de vida.¹

Rompe-se então o ideal de que viver em um centro urbanizado traz benefícios irrefutáveis, quando os benefícios são questionáveis e as consequências por muitas vezes podem ser permanentes. O papel do ambiente construído na saúde faz-se cada vez mais evidente quando comparadas às diferentes realidades socioeconômicas da população, como discorre Hirao (2020). Estes são reconhecidos e analisados como Determinantes Sociais de Saúde (DSS), por Pellegrini e Buss (2007), e estão profundamente relacionadas às disparidades nas estratificações sociais que geram iniquidades em saúde em decorrência de fatores básicos da sociedade, tidos como direitos humanos: habitação, saneamento, educação, transporte, serviços de saúde, entre outros.

Através da mudança de perspectiva sobre saúde-doença em meio urbano, foi possível compreender que é necessário uma abordagem e entendimento mais holístico sobre o tema. Como a própria Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu, em 1948, saúde é um estado de bem-estar físico, mental e social, absoluto e não somente a inexistência de doença.

Os esforços mundiais para sanar essas iniquidades em saúde passam a ter uma maior evidência em meio às discussões para mitigação delas nas cidades. Por meio dessa visão, a OMS criou o Movimento Cidades Saudáveis (*Healthy Cities Movement*), o qual possui como

¹ Pesquisa científica desenvolvida em 2020/21, no Laboratório TESCER (UEMA), pela bolsista Taynah Machado Pacífico de Sousa, amparada pela Universidade Estadual do Maranhão na modalidade do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (UEMA/PIVIC), com o título “A cidade como promotora de saúde e bem-estar: um estudo sobre o Movimento Cidades Saudáveis e Resilientes”.

principal objetivo aplicar de forma democrática e participativa uma abordagem de aproximação das condições de saúde, de vida, da população de cada país com enfoque local, fornecendo um banco de dados para propagação das experiências para agendas.

Dessa forma, Fajersztajn, Veras, Saldiva (2016), debruçam-se sobre formas de sanar essas iniquidades ao explorar as infinitas práticas que não atribuem seus esforços apenas ao setor da saúde, pois são multidisciplinares. Estas práticas implicam,

“...na utilização de uma grande variedade de técnicas, que vão desde a construção de indicadores de saúde, de caráter objetivo e quantificáveis, até o uso de outros instrumentos, como os de abordagem qualitativa, que permitem recolher informações relacionadas às percepções e aos desejos dos cidadãos.” (RUMEL et al. 2005, p.138).

Em decorrência desses novos instrumentos e novas percepções, a linha de ação com estratégias mais complexas em promoção de saúde frente às fragilidades em escala global, representam uma tentativa de construir cidades mais saudáveis, democráticas e prósperas de modo a impulsionar o papel da resiliência na recuperação de situações de vulnerabilidade.

Partindo desse ponto de vista, tem-se o vasto espectro da resiliência na forma de melhorar como o espaço urbano é utilizado e como as pessoas se relacionam com o meio urbano reforçando o papel da vitalidade, o qual é tido como um dos mais importantes para a manutenção da vida na cidade e, conseqüentemente, tornando-a saudável e sustentável, através do uso da rua.

De maneira a levar em consideração os desafios dos centros urbanos, esta pesquisa almeja entender como a prática de resiliência nas cidades, independentemente da sua escala, pode trazer melhorias para a qualidade de vida nesses locais através do uso da rua. Para tanto, analisa-se através da observação a dinâmica do bairro da Vila São Luís para então propor um plano de ocupação e valorização de espaços públicos do bairro.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Evidenciar o conceito de resiliência urbana como ferramenta eficiente de estímulo à saúde e bem-estar das pessoas.

2.2 Objetivos Específicos

- Entender como os lugares podem promover ou dificultar a saúde e a qualidade de vida aos usuários, e compreender características organizacionais e formas de trabalho da Rede de Cidades saudáveis e a Rede de Cidades Resilientes.
- Identificar os principais problemas do bairro e da área de recorte estudada
- Desenvolver um plano de ocupação com foco no espaço público para a construção da resiliência na rua 26 no bairro da Vila São Luís.

3. SAÚDE E AS CIDADES

As áreas rurais pouco a pouco foram perdendo o seu contingente populacional ao passo que as cidades cada vez mais foram enlanguescendo o tecido urbano, se tornando cada vez mais complexas e subordinando por completo as áreas não urbanas. Alvo de um grande êxodo rural, como discutem Sousa (2019) e Caiaffa *et al.* (2008), as cidades receberam um grande contingente populacional cuja demanda não correspondia ao que era oferecido.

As condições de rápido desenvolvimento e densidade populacional trouxeram consigo um acúmulo de atividades e serviços com infraestrutura insuficiente para abranger a cidade. Assim, o crescimento das cidades caracterizou-se por uma evidente pluralidade de condições sociais das mais diversas, formadas e influenciadas por condicionantes econômicas e políticas que por muitas vezes injustas se estabeleceram de forma desigual e então resultaram em um ambiente favorável não só aos problemas socioeconômicos quanto às doenças ligadas às más condições de vida. Estes, segundo Fajersztajn, *et al.* (2016), seriam considerados as desvantagens do viver nas cidades. Embora posteriormente, considerem que o advento das mudanças de políticas públicas visando a promoção à saúde, bem como o desenvolvimento científico-tecnológico, representam uma vantagem cidadina (para a saúde) sobre o rural.

Por seu caráter agora heterogêneo, as urbes eram e são constantemente relacionadas à uma boa qualidade de vida e centro gerador de oportunidades. Com isso, a consequência dessa pluralidade das cidades por muito tempo fugiu do controle das políticas públicas, que visavam resolver o emaranhado urbano e as problemáticas sanitárias decorrentes.

Dito isso, somente no século XIX, com a intensificação de atividades em meio científico e desenvolvimento, os interesses voltaram-se para o meio urbano e as políticas públicas que promovessem reformas com o caráter higienista, a fim de sanar a insalubridade relacionada à poluição e à degradação ambiental geradora de doenças que havia se instalado. Então, essas reformas apresentaram-se como uma solução iminente de clara intenção de medicalização do espaço e da sociedade, mas “eram os lugares que deveriam ser medicalizados, não as pessoas doentes” (ANTUNES; CARMO, 2020, p. 5). Embora a percepção inicial dessas investigações, mais aguçadas sobre a relação de doenças em meio urbano, possuisse ainda um olhar voltado para fatores biológicos, já eram capazes de responder às mudanças sociais e justificar as práticas urbanísticas como realizadas em nome da saúde, chamadas de higienistas, como discute Pellegrini e Buss (2007) e Antunes e Carmo (2020).

Enquanto no campo geral de desenvolvimento do t3pico da sa3de urbana, as doen3as est3o relacionadas ao 3mbito f3sico e podem ser perpetuadas at3 mesmo pelo contato f3sico, sobretudo pela insalubridade dos ambientes. Na Idade Antiga, atribu3a-se a sa3de um car3ter m3stico em que as doen3as eram resultantes de situa33es externas ao indiv3duo e ao ambiente f3sico, eram vistas como uma penalidade para aqueles que se desviassem da respectiva cren3a e cultura. No decorrer dessas transi333es de abordagens, muitas indaga33es vieram 3 tona em diversos debates, como baseado nos estudos de Pellegrini e Buss (2007):

No centro do debate estiveram quest3es como: deve a sa3de p3blica tratar do estudo de doen3as espec3ficas, como um ramo especializado da medicina, baseando-se fundamentalmente na microbiologia e nos sucessos da teoria dos germes ou deve centrar-se no estudo da influ3ncia das condi33es sociais, econ3micas e ambientais na sa3de dos indiv3duos? Outras quest3es relacionadas: a sa3de e a doen3a devem ser pesquisadas no laborat3rio, com o estudo biol3gico dos organismos infecciosos, ou nas casas, nas f3bricas e nos campos, buscando conhecer as condi33es de vida e os h3bitos de seus hospedeiros? (PELLEGRINI; BUSS, 2007, p.79)

Sob uma nova 3tica, a sa3de em meio urbano ultrapassa ao n3vel f3sico, onde j3 n3o se questiona sobre qual doen3a 3 apontada e sim por quais condi33es as doen3as s3o causadas. Essa nova 3tica parte do reconhecimento das condi33es sociais, econ3micas e pol3ticas como respons3veis por uma experi3ncia de qualidade a depender das cidades.

“Globalmente, portanto, todo o crescimento populacional futuro est3 previsto ocorrer nas cidades” (CAIAFFA *et al.*, 2008, p. 1786), por essa afirmativa, 3 imprescind3vel uma leitura das condicionantes do espa3o f3sico e liga33o com a sa3de em meio urbano, adicionando a esses fatores antes negligenciados (como o fator ps3quico-social), para assim compreender as problem3ticas e agir incisivamente na raiz das iniquidades e trazer o que seria de fato o bem-estar para todos.

3.1 Determinantes Sociais de Sa3de (DSS)

O incha3o populacional trouxe consigo in3meras novas condi33es para as cidades e seus habitantes. A falta de uma boa infraestrutura, um insuficiente abastecimento de 3gua, crise pol3tica e social, entre outros fatores, fizeram da cidade um local nocivo principalmente para condi33es socioecon3micas menos favor3veis e, por isso, algumas doen3as foram denunciadas por esses meios aglomerados e com pouca salubridade. Apesar do avan3o tecnol3gico e desenvolvimento de estudos sobre o meio urbano e doen3as, as determinantes sociais tomaram um lugar secund3rio e menos importante. Afinal, o avan3o entregaria um “bom retorno” apesar das m3s condi33es a que as popula33es eram expostas.

Fatores que hoje são relevantes e reconhecidos nos processos de saúde-doença - como por exemplo, habitação em áreas de risco, infraestrutura geral, níveis de educação, condições de trabalho e renda, gênero, etnia, oportunidades de praticar lazer, etc. -, em linhas gerais, são aqueles que produzem as iniquidades e são Determinantes Sociais de Saúde (DSS). Deste modo, pontua-se que:

As condições econômicas e sociais influenciam decisivamente as condições de saúde de pessoas e populações. A maior parte da carga das doenças — assim como as iniquidades em saúde, que existem em todos os países — acontece por conta das condições em que as pessoas nascem, vivem, trabalham e envelhecem. Esse conjunto é denominado “determinantes sociais da saúde”, um termo que resume os determinantes sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais da saúde. (CARVALHO, 2013, p.19)

As discussões acerca da temática social da saúde e o reconhecimento das iniquidades como fator desfavorável para a saúde, intensificaram-se principalmente com a própria criação da OMS, em 1948 - ainda que o foco fosse mais voltado, a princípio, para os condicionantes biológicos - e a própria liberação da Declaração dos Direitos Humanos no mesmo ano, configuraram uma visão mais intensa e acentuada sobre os direitos básicos do ser humano.

A Declaração de Alma Ata (1978) elencou e consistiu em um grande passo para a saúde social mundial, reforçando a importância da equidade com o programa “Saúde Para Todos”. Contudo, na década de 80, a abordagem retorna canalizada na assistência médica individual, que logo após deu lugar novamente, em discussões mundiais para as Metas do Milênio, ao realce dos determinantes sociais de saúde. Logo em seguida, com o advento da Comissão sobre Determinantes Sociais da Saúde (*Commission on Social Determinants of Health* - CSDH) em 2005, pela OMS, fomentaram-se as discussões acerca do tema e da relevância da consciência sobre a problemática das iniquidades sob a perspectiva mundial. Assim, um ano após, surgiu a Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS) como uma resposta aos movimentos globais, como consideram Pellegrini e Buss (2007).

As análises mais modernas que discorrem sobre os DSS são divididas em esquemas em que cada condicionante hierárquico faz parte das condições que moldam o estado de saúde dos indivíduos. Esses esquemas mostram assim, como compreender a diferenças entre grupos sociais e tornar mais palpável e transparente os fatores diretamente ligados às doenças. Alguns desses fatores são descritos como “...referentes às condições de saúde ou sua ausência, de conhecimento, de redes sociais, de empoderamento, de estilo de vida, de acessos a bens e serviços, do ambiente ou contexto, de fatores econômicos e demográficos e de governabilidade”

(CAIAFFA, W. T. *et al.*, 2008, p.1790). Ainda, há uma complexidade maior acerca de temas relacionados ao campo da saúde que não podem ser medidos diretamente, pois abrangem o espectro subjetivo do viver na cidade, tais como qualidade de vida, capital social, satisfação, felicidade, bem-estar (CAIAFFA *et al.*, 2008).

Os DSS são variáveis dentro da estratificação social, com isso percebe-se que em razão da diferença de renda entre as classes, surge uma precarização no acesso a infraestrutura e recursos, que por sua vez reflete nos aspectos psicossociais dessas pessoas que se sentem inferiorizadas por serem invisibilizadas. Para Souza *et al.* (2013) é impossível falar dos DSS sem descartar a invariável pressão do sistema sobre as camadas sociais e problemáticas socioeconômicas.

Contudo, viver bem e ter qualidade de vida na cidade não está inteiramente atrelado às questões financeiras, visto que mesmo países com um Produto Interno Bruto² *per capita* considerados baixo ou moderado podem ter indicadores de saúde mais satisfatórios do que aqueles de PIB maior. A partir de uma visão macro, não são as cidades mais ricas que vivem melhor, mas sim as cidades mais igualitárias, com alta coesão social e a governança priorizando as pessoas.

É através dessas análises que se busca responder adequadamente: “Como a estratificação econômico-social consegue ‘entrar’ no corpo humano?” (BUSS; PELLEGRINI, 2007, p.81).

² Segundo Buss e Pellegrini (2007), PIB é um macroindicador de riqueza de uma sociedade e ainda que o volume de riqueza concebido por uma sociedade seja fundamental para proporcionar melhores condições de vida e de saúde, eles não são indicadores que possuem relação com os indicadores de saúde.

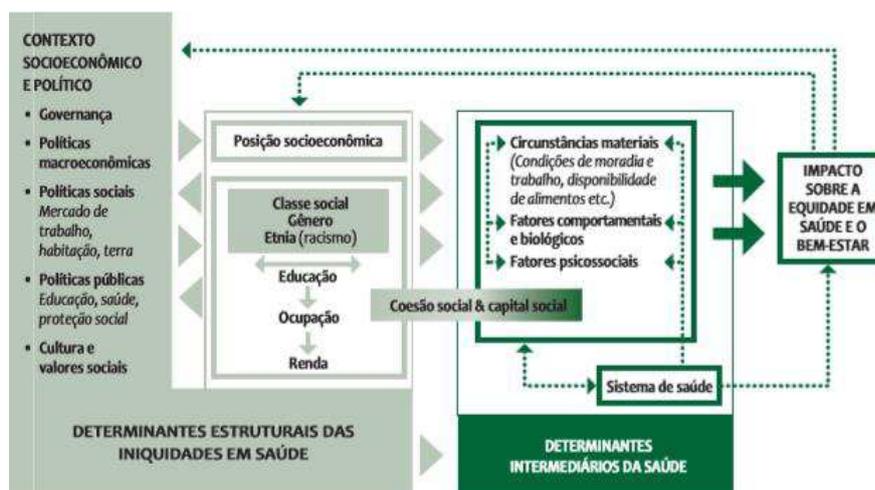
Figura 1. Modelo de Dahlgren e Whitehead, 1999.



Fonte: Centro de Estudos, Políticas e Informação sobre Determinantes Sociais da Saúde, 2011.

O modelo apresentado na Figura 01, de Dahlgren e Whitehead (1999), serviu de inspiração para exemplos posteriores, e funciona dividindo os determinantes em camadas que possuem relações diretas umas com as outras. Na base está a esfera individual, que compreende a esfera que não pode ser descartada da análise, pois os comportamentos individuais são relevantes para moldar a saúde, principalmente quando são compreendidos como não voluntários. Logo em seguida, as organizações sociais e comunitárias, as quais os indivíduos então vinculados, mostram a conexão social para condicionar a saúde. Por conseguinte, apresenta-se os próprios DSS, que configuram as vulnerabilidades ligadas à ausência ou não de uma boa condição de trabalho, moradia, educação, alimentação, acesso à serviços sociais e à infraestrutura. Por último, estão os macrodeterminantes sociais que são as condições econômicas, culturais e ambientais da sociedade que obtém maior peso nas estruturas da sociedade (BUSS; PELLEGRINI, 2007).

Figura 2. Modelo de Solar & Irwin, 2010.



Fonte: Carvalho, 2013.

Já o modelo de Solar & Irwin (2010), Figura 02, consiste em um modelo mais recente, possui sua base no modelo de Dahlgren e Whitehead (1999), porém confere aos determinantes sociais diferentes pesos. Os determinantes que recebem maior destaque como os principais causadores das iniquidades são os relacionados à distribuição de renda, o preconceito baseado no sistema de saúde, valores relativos a gênero e etnia, e os determinantes intermediários que se caracterizam nas condições de vida, nos aspectos psicossociais, nos elementos comportamentais, que podem também ser de caráter biológico. Nesse modelo, os determinantes estruturais são os que mantêm as iniquidades e as segmentações sociais, e estão relacionados com as estruturas de poder determinadas pelo modo de produção (CARVALHO, 2013).

Os determinantes estruturais que refletem as condições de distribuição de riqueza, poder e prestígio nas sociedades, como a estrutura de classes sociais, a distribuição de renda, o preconceito com base em fatores como o gênero, a etnia ou deficiências e estruturas políticas e de governança que alimentam, ao invés de reduzir, iniquidades relativas ao poder econômico. (CARVALHO, 2013, p.19)

Torna-se notório a discrepância entre os estados de saúde individuais e grupais, pois as condições de saúde e as diferenças entre os grupos e indivíduos, que não somente estão fora de controle como também estão acima destes. Logo, não podem ser atreladas ao fator biológico, visto que tais fatores são pré-estabelecidos e provêm de comportamentos e hábitos ditados pelas construções sociais, econômicas, políticas, que influenciam nas condições de saúde da população em geral.

Ainda, há uma confusão ao estabelecer algumas considerações sobre os determinantes de saúde de grupos populacionais e dos indivíduos. Não é exato considerar os determinantes de grupos por constatações levadas pelos determinantes individuais. Estes últimos são importantes para entender que dentro do grupo há indivíduos mais expostos às condições vulneráveis. Todavia, as diferenças entre estratos sociais estão atreladas aos graus de iniquidades. Nessa perspectiva, é de grande importância que haja uma investigação individual e seus fatores para que possam ser identificadas as vulnerabilidades dentro de um grupo. O que deve ser entendido como maior relevância no processo saúde-doença são as estruturas sociais que produzem as desigualdades e iniquidades (SOUZA et al., 2013 apud WHITEHEAD, 2000).

Os estudos debruçados sobre esses determinantes sociais de saúde, como supracitado, caminham e ainda caminham para um objetivo cujo, através deles, seja possível conhecer e pontuar incisivamente as intervenções para tornar a saúde acessível para todos em todos os setores. Contudo, os determinantes são bases para análises/avaliação da saúde dentro do ambiente urbano e não significam que são soluções e ações para as iniquidades. Em suma: são

as condições cotidianas as quais todos estamos expostos e uma vez compreendendo que a saúde e bem-estar são uma junção de fatores que precisa de atenção multisetorial, é possível diminuir as iniquidades que influenciam diretamente na saúde urbana e individual como um todo.

Logo, o tratamento em relação DSS por tal complexidade, abrange uma série de abordagens. Segundo Buss e Pellegrini (2007), o destaque seria, na primeira delas, a relevância dos aspectos físico materiais: que relacionam a disparidade de renda e falta de recursos, bem como um mal serviço de infraestrutura comunitária como habitação, saneamento, educação, transporte, serviços de saúde etc. Em segundo lugar, a relevância dos aspectos psicossociais que estão atrelados à própria percepção dos indivíduos quanto às desigualdades que estão expostos tanto quanto da consequência destas em sua condição de saúde.

Outra abordagem, seriam os enfoques ecossociais e os multiníveis, que buscam a dinamicidade histórica e ecológica na integração de abordagens individuais e de grupos, sociais e biológicas. Dando continuidade, o enfoque nas relações entre a saúde das populações, as desigualdades nas condições de vida e os vínculos e processos de associações entre indivíduos e grupos. Estes, concordantes sociais como a solidariedade e as relações de confiança, citados por Buss e Pellegrini (2007), como o desgaste do “capital social”.

Há em meio a discussão, uma problemática com raízes mais profundas. Para Souza *et al.* (2013) é impossível falar dos DSS sem descartar a invariável pressão do sistema sobre as camadas sociais e problemáticas socioeconômicas. Ele determina as condições estruturais, econômicas e sociais da sociedade em questão. É o sistema capitalista que produz as desigualdades e promove essa incansável segregação social, espacial, ambiental e econômico. Como ressalta Buss e Pellegrini (2007), “a pobreza que gera doença que gera mais pobreza”. E ainda, que “a própria problemática da saúde-doença ora é fruto direto da acumulação capitalista, ora é condicionada por ela” (BUSS, PELLEGRINI, 2007, p.56).

Uma outra abordagem, que também é voltada para a possibilidade de rompimentos dos valores atuais de organização social, econômica etc., é o projeto “Bem Viver”, “*Buen Vivir/Vivir Bien*” ou “*Good Living*” implementado no Equador. Com essa visão, o projeto representa uma busca latino-americana de promover saúde e tem uma proposta de crítica ao consumo inconsequente e seus riscos para o ambiente natural e ao ambiente físico. Ele apresenta uma perspectiva que busca priorizar a relação entre o bem-estar e a sustentabilidade, respaldados em respeito aos valores tradicionais locais genuínos e uma resposta, consideradas por muitos utópicos, à busca pela qualidade de vida.

Para que todos esses princípios de saúde sejam de fato colocados em evidência, e para que os DSS possam fazer parte da promoção de saúde num viés prático, é necessário haver o reconhecimento do impacto multidisciplinar à que a saúde está submetida. Por isso, muitas vezes as intervenções que atendem aos DSS, não estão norteadas pelo segmento de Saúde e sim pela ação Intersetorial aplicada.

De acordo com as abordagens sobre DSS, há um ponto relacionado à realidade das políticas na perspectiva da saúde e o porquê do não funcionamento e não eficiência das políticas existentes. De acordo com Carvalho (2013) e Torres et al. (2013), para que haja uma efetiva mudança dessa realidade é necessário que haja um reconhecimento das condições de saúde para a realidade socioeconômica da população. Assim, procura-se institucionalizá-la para reforçar o papel do Estado como o principal gerador de prestação de serviços imprescindíveis à saúde, como a própria infraestrutura básica (água, saneamento etc.). É de suma importância que os governantes preparem políticos que promovam e regulamentem atividades que afetam a saúde, e que estas sejam elencadas pelos mais diversos profissionais e áreas. Para haver uma ação eficaz são necessárias:

(...) políticas de abrangência populacional que promovam mudanças de comportamento, através de programas educativos, comunicação social, acesso facilitado a alimentos saudáveis, criação de espaços públicos para a prática de esportes e exercícios físicos (...). (BUSS; PELLEGRINI, 2007, p.86)

Não se pode afastar a ideia de que os países em desenvolvimento, como a maioria dos países da América Latina, são ainda incipientes em políticas mais abrangentes sobre a saúde. Caracterizados por uma ausência de articulação de programas, quando existem, de promoção e prevenção à saúde bem como assistência, são dotados de má qualificação da governança e corrupção (CARVALHO, 2013).

3.2 Movimento de Cidades Saudáveis

Tem-se em vista que as novas abordagens sobre a saúde urbana reconhecem o espaço como moldador da saúde de seus habitantes, além de entender a relação direta de questões estruturais e saúde urbana de modo que, conhecendo essas realidades apresentadas por pesquisas e análises mundiais, em 1987 a OMS criou o Movimento Cidades Saudáveis (*Health Cities Movement*) apoiado na Carta de Ottawa, de 1986, que define promoção de saúde como um processo que almeja capacitar as pessoas a aumentarem a autonomia sobre sua saúde com possibilidade de melhorá-la.

O Movimento Cidades Saudáveis considera relevante todo e qualquer fator ligado à saúde do ser-humano e o bem-estar geral. Como define a OMS, saúde é um estado completo de bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade. Não obstante, em suas diferentes fases, focaliza diferentes prioridades, estas voltadas para o bem-estar e qualidade de vida, equidade, desenvolvimento sustentável, e uma governança comprometida em desenvolver planos de desenvolvimento de metas participativas, multidisciplinares e intersetoriais.

Para cada fase concluída e para cada ano, são elaborados relatórios com o objetivo de servir tanto como banco de dados de experiências, aprendizado, dados, ferramentas e histórias a serem seguidas, quanto evidência que estão fazendo a diferença ao colocar a saúde no topo das agendas sociais e políticas (WHO, 2018). Além disso, o projeto facilita a aquisição e a disseminação de informação e propõe diagnósticos urbanos individuais adaptados no sentido de respeitar a diversidade de tipos de cidade e dos respectivos desafios, e segundo essa diversidade, produzir ferramentas e passos a serem seguidos e conhecidos principalmente pelos cidadãos, pois não há uma metodologia padrão (RUMEL *et al.*, 2005).

Tendo em vista que a saúde vai além do bem-estar físico, mental e social, é importante perceber o ambiente urbano em sua ampla significância física, política, social e econômica. Uma essência subjetiva que corresponde às percepções individuais em correspondência às suas aspirações é o que caracteriza o conceito de qualidade de vida. Este, por possuir caráter abstrato, apresenta uma dificuldade de conceituação devido ser considerado algo imensurável, e que só pode ser medido através de dados estatísticos consistentes, entre outras dificuldades. Como destaca Torres *et al.* (2013), qualidade de vida é:

(...) um conceito que pode ter diferentes significados, estando associado, por um lado, às diversas situações e modos de vida das pessoas, bem como às diversas situações e modos de vida e, por outro lado, as práticas, hábitos e estilos de vida das pessoas, bem como às representações que estas detêm face a si próprias, aos outros e em relação ao lugar onde vivem. (TORRES *et al.*, 2013, p.97)

A visão do projeto de cidades mais saudáveis, demonstrado na Figura 03 é pautada em processos de políticas públicas saudáveis e promoção de saúde, com foco em melhorar a qualidade de vida do cidadão buscando estratégias que vão da esfera individual à esfera local, e promove empoderamento de ambas sobre saúde. Além de ser uma ferramenta de estímulo, a partir de uma governança intersetorial que preconiza uma dinâmica participativa, a solidariedade, a cooperação e a relação de solidariedade entre as cidades e dentro da cidade. Antunes e Carmo (2020) afirmam a construção de uma cidade saudável não mais com viés urbanístico, nem atrelada às reformas urbanas, como anteriormente pelas reformas higienistas,

agora o foco concentra-se nos lugares e nas pessoas, a depender da vontade política contínua de progredir. Na definição da OMS (1988), cidade considerada saudável é aquela que põe em prática de forma contínua os processos de melhoria de seu meio ambiente físico e social utilizando todos os recursos de sua comunidade.

Figura 3. *Healthy Cities Vision. Health and Well-Being.*



Fonte: WHO, 2018.

Como evidenciado pela WHO (2018), as cidades ditas saudáveis devem garantir e propiciar a participação da comunidade nas decisões que afetam em como e onde as pessoas vivem, portanto esse é um dos pontos mais importantes para a conquista de um local saudável. Isto posto, a organização elenca como benefícios da participação: 1) Espaços e serviços urbanos aprimorados e personalizados com base nas necessidades da comunidade. 2) População mais empoderada e resiliente.

4. CIDADES RESILIENTES

Há muito, o desenvolvimento urbano territorial é posto às discussões que o ditam como desordenado. Isso corresponde à realidade das grandes cidades que hoje, tentam coexistir com o avanço em todos os aspectos o qual, em países em desenvolvimento esse processo é acentuadamente mais atropelado, trazendo consequências para seus centros urbanos e principalmente para seus cidadãos.

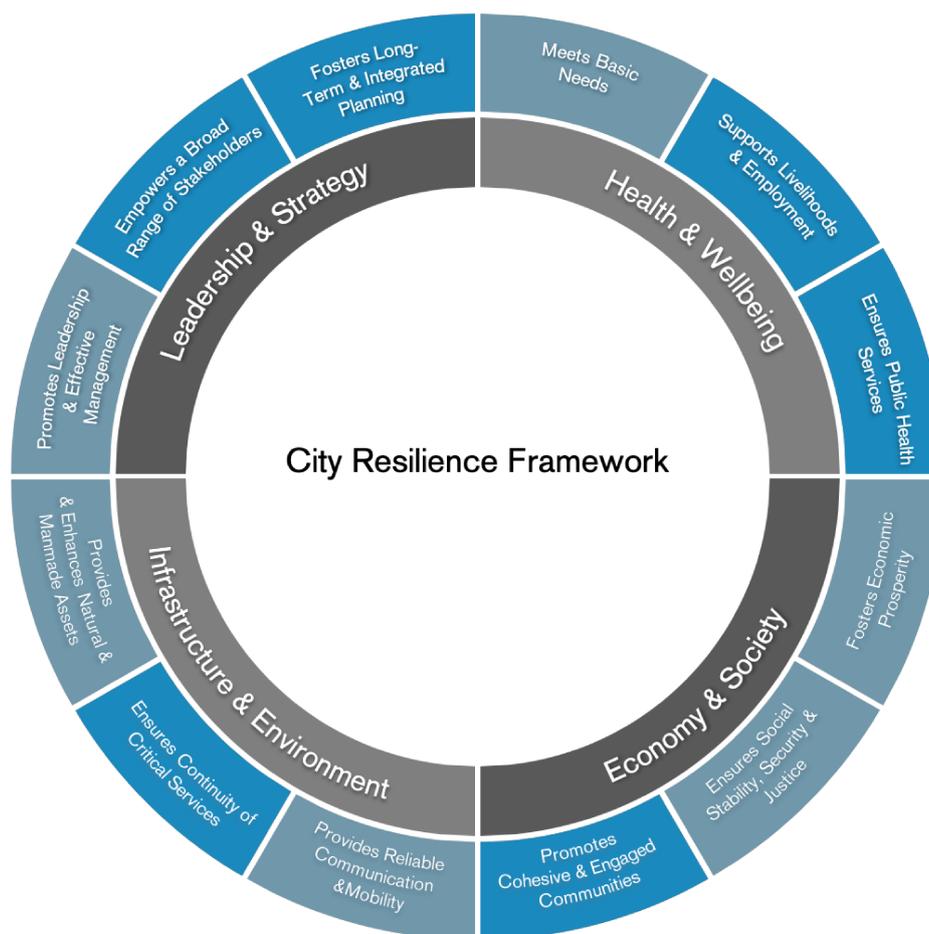
A caótica resolução em que as cidades estão tomando, deixa de proteger à sua população, principalmente as de áreas rurais nas quais há uma constante subordinação e desvalorização em relação à porção urbana em diversos aspectos. Essa condição deve-se muito à organização espacial e a distribuição do território que é desfavorável aos empobrecidos, onde o direito à cidade por muitas vezes é conflitante aos interesses corporativos em detrimento do bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos e para o próprio meio ambiente, como aponta Arrial (2017).

O contingente de aglomeração do sistema urbano é por muitas vezes nocivo e uma grande parcela da população é exposta às condições de vulnerabilidade, como exemplo, os assentamentos em localidades impróprias e os riscos de desastres advindos das mudanças climáticas. Estes com consequências diretas na população são ignorados e estão diretamente ligados à negligência de soluções para mitigação desses riscos. Desse modo, podem representar displicência de proteção civil com insuficiente percepção de risco e por esta razão não devem ser reducionistas (ARRIAL, 2017). Uma vez que os desastres não levam em conta etnia, gênero, nacionalidade, ou qualquer tipo de fronteira. Partindo desse entendimento, este é um dos pontos principais de inquietação da complexidade do conceito de resiliência frente aos riscos urbanos.

O título de uma cidade justa e resiliente deve-se muito “[...] à capacidade de indivíduos, comunidades, instituições, empresas e sistemas dentro de uma cidade de sobreviver, se adaptar e crescer, independentemente dos tipos de estresse crônico e choques agudos que experimentem.” (RESILIENT CITIES NETWORK, 2021, on-line). O projeto *100 Resilient Cities*, criado pela fundação Rockefeller em 2013, inclui em uma visão de resiliência (Figura 04) não só a resistência a terremotos, incêndios, enchentes, mas também as tensões que a cidade vive em seu cotidiano. Como exemplo, o projeto cita as altas taxas de desemprego, a ineficiência dos transportes públicos, aumento da violência, escassez de água e outros problemas.

Por uma outra ótica, a cidade que é considerada resiliente está além do fato de estar preparada diante de um desastre de natureza ambiental ou não. Ela também possui atitudes anteriormente bem planejadas com objetivo exclusivo de atender às necessidades básicas de seus habitantes, incluindo a participação sincronizada da própria comunidade junto a diversos órgãos e setores, e assim trabalhar mutuamente no processo para a melhoria de aspectos sociais e econômicos (ARRIAL, 2017).

Figura 4. *City Resilience Framework*.



Fonte: *Resilient Cities Network*, 2021.

Em busca de tentativas de abrandamento dos riscos de desastres e melhoria na capacitação das comunidades ao enfrentar fenômenos que causam algum tipo de estresse, individual ou não, a ONU (2009 apud. BIANCHI; ZACARIAS, 2016) destaca a importância do reconhecimento do significado de desastre e o risco. Este seria,

[...] definido como: Uma séria interrupção no funcionamento de uma comunidade ou sociedade, que ocasiona uma grande quantidade de mortes, bem como danos e impactos materiais, econômicos e ambientais que excedem a capacidade da comunidade ou da sociedade afetada em responder à situação a partir de seus próprios

recursos. (ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS, 2009, p. 13-14, apud. BIANCHI; ZACARIAS, 2016, p.248, tradução nossa).

Muito embora o guia para gestores públicos criado pela Organização das Nações Unidas intitulado “Construindo Cidades Resilientes – Minha Cidade está se preparando!” (2012), compreende desastre como algo que não é natural e procura considerar assim, os elementos de risco categorizado (como exemplo um terremoto, um ciclone a cheia de um rio, ou o fogo etc.) e da exposição das pessoas em condição vulnerável, bem como dos bens à essa ameaça. Através da identificação destes, planeja-se a atenuação e o enfrentamento dessas ameaças, condição a depender das capacidades institucionais e individuais, com rede de ação demonstrado na Figura 05.

Figura 5. Roda da resiliência.



Fonte: Como construir cidades mais resilientes: um guia para gestores públicos locais, 2012.

Para a WHO (2013) o processo de resiliência se consolida com a organização, gerenciamento e liderança política por parte do executivo em atividades complexas, que exigem o empenho e esforço de agentes interinstitucional, institucionais, privados e sociedade civil e devem ser interligadas para a mudança estrutural, social, ambiental, para a construção da resiliência entendendo que há obstáculos a serem superados, que estes não são fáceis dada as dificuldades das relações. Por esta razão, a promoção da resiliência das cidades demanda pesquisas e análises profundas que embasem ações concretas de planejamento em escala nacional, regional e principalmente local. Posto isso, inovações nesse campo são imprescindíveis com estratégias das mais variadas e integradas.

É importante ressaltar que a resiliência dessas cidades incita nos habitantes um maior sentimento de pertencimento ao local e a todo o seu contexto. Assim, quanto maior a participação nas decisões maior intimidade para com o local. À vista disso, a população sente-se mais capacitada para estar presente em decisões importantes no que tange o espaço urbano, adaptando-o constantemente para que ele supra as suas necessidades. Portanto,

Uma abordagem verdadeiramente participativa permite a oportunidade de incrementar as iniciativas locais inovadoras que colaboram para a construção da resiliência. Um importante fator na relação entre os governos municipais e aqueles que, dentro de sua jurisdição, são os que mais estão em risco, com uma resposta clara e direta às prioridades comunitárias (ONU, 2012, p.10).

Estudos de Arrial (2017) acrescentam uma temática com uma aproximação ambiental partindo da premissa de que: todos devem ser responsáveis pela criação de uma cidade mais justa e resiliente, posto que a própria sociedade e governo são os fatores das constantes imoderações para com a natureza, possuindo o papel de manter o equilíbrio de seus sistemas e consequentemente respondem com intensidade cada vez maior. Para o enfrentamento do desafio de fazer com que a cidade funcione e se desenvolva de forma sustentável é necessário que a gestão considere de maneira ecológica a natureza como força dominante e como a solução mais sustentável de funcionamento da cidade.

Outro ponto observado acerca das discussões de Arrial (2017), foi o papel dado a instituições em especial, escolas e hospitais e da própria governança em enfatizar o papel destas. Em meio ao processo de participação e engajamento das comunidades, ressalta-se a importância da atenção dada às escolas e hospitais pois estes, destacam-se pela herança positiva, que devem ser edificados com o mais alto grau de resiliência, pois devem ser prioridades no cenário, uma vez que ocupam funções essenciais e funcionais durante e depois dos desastres.

Em adição ao tópico, Bianchi e Zacarias (2016) levam a discussão para uma vertente organizacional e discorrem sobre a necessidade de um conjunto de ações elencadas pelo poder público, junto aos cidadãos, comunidade e entidades que estejam interessadas em propiciar a redução de riscos e criar chamados para ações.

Sabe-se, como já mencionado, que os parâmetros de desenvolvimento social e ambiental podem aumentar a exposição e vulnerabilidade para assim amplificar a possibilidade de risco. Diante disso, a construção de um ambiente torna-se cada vez mais imprescindível e cada vez mais multidisciplinar (educação, saúde, transporte, ambiente, etc.) envolvendo uma série de atores sociais.

Através desses princípios, em 2012 a ONU publicou um relatório inclinado a questões das cidades resilientes e supervisão, nomeado de Estratégia Internacional para a Redução de Desastres, a qual articula aspectos sobre os instrumentos utilizados em forma de políticas específicas para redução de riscos relacionados principalmente às mudanças climáticas (melhoria da infraestrutura e da prestação de serviços etc.), elencadas pelo poder público para com a sociedade e suas respectivas comunidades. Muito embora, analisa também casos de setores governamentais que falharam na missão de construção de medidas de redução de risco frente ao crescimento desordenado de suas comunidades, logo, são configuradas como frágeis. Além disso, esse fato dá-se igualmente pelo não alcance dessas políticas deficientes aos objetivos traçados, principalmente em razão de deficiências na infraestrutura social e da falta de investimento (BIANCHI; ZACARÍAS, 2016).

Para abrandar estes cenários de inconsistências, a Organização das Nações Unidas trouxe a campanha “Como construir cidades mais resilientes” com a proposta de ser um guia para que gestores públicos possam aprofundar-se nas medidas que reafirmem a resiliência em meio urbano. Nesta ação a geração de agendas foi especialmente baseada no “Quadro de Ação de Hyogo 2005-2015: Construindo a resiliência das nações e comunidades frente aos desastres”, o qual possui a intenção principal na redução de perdas vultuosas provocadas por ameaças naturais, que atentaram contra a vida e/ou mesmo materiais, ambientais ou econômicas. Ainda, relata a importância da distinção de papéis da sociedade civil, do próprio estado, espectro acadêmico, organizações e de iniciativas privadas na busca de mecanismos para o objetivo em comum.

Com o objetivo de construir ambientes mais capazes de reerguer-se em meio aos momentos de instabilidade, reafirma-se que a responsabilidade para uma melhor administração da cidade, deve-se a delegação de atividades e a atuação a todos os diferentes agentes que compõe o funcionamento do meio urbano, levando-se em consideração as particularidades sociais, econômicas, ambientais e culturais de forma sensível. Tira-se o olhar centralizador e atribuidor da função estatal e faz-se necessário um olhar multifacetado para as questões cidadinas, pois é um dever de todos.

De fato, para que isso aconteça, o desenvolvimento dessa mentalidade configura-se como um primeiro desafio. O trabalho parte da educação e reestabelecimento do legado da confiança na legitimidade nas estruturas e autoridades políticas, trabalhando para proteção da

vida e dos bens com a redução de desvios para recuperação da cidade, esses fatores são alguns dos considerados como vantagens de seguir um plano resiliente de acordo com a ONU (2012).

4.1 Planejamento para cidades resilientes

O surgimento de projetos com forte engajamento mundial é imprescindível para o desenvolvimento de instrumentos que possam levar as discussões à uma forma concreta de ação, apoiando-se na disseminação e intercâmbio de experiências para a evolução de propostas e estratégias de mitigação de riscos em diferentes contextos. É importante ressaltar que apesar do intercâmbio de informações e experiências, estas são apenas tidas como aprendizado e frisa-se que cada lugar é único com suas características e questões intrínsecas.

Dentro dessa perspectiva, a ONU protagonizou dentre os seus projetos, o Guia “Como construir cidades mais resilientes” e para que esse projeto fosse realizado e de fato aplicado com consequências benéficas para as pessoas e as cidades, trabalhou-se uma metodologia de passos e diferentes fases que guiarão os processos de criação de cidades mais resilientes. Dentre os dez passos, há tarefas dedicadas exclusivamente aos governos locais e estes devem cumprir e cada um apresenta-se em uma área de intervenção chaves que devem influenciar projetos de escala urbanística (UNISDR, 2012). Estes “Dez Passos” elencados pela ONU delegam:

1. Coloque em prática ações de organização e coordenação para compreender e aplicar ferramentas de redução de riscos de desastres, com base na participação de grupos de cidadãos e da sociedade civil. Construa alianças locais. Assegure que todos os departamentos compreendam o seu papel na redução de risco de desastres e preparação.
2. Atribua um orçamento para a redução de riscos de desastres e forneça incentivos para proprietários em áreas de risco, famílias de baixa renda, comunidades, empresas e setor público para investir na redução dos riscos que enfrentam.
3. Mantenha os dados sobre os riscos e vulnerabilidades atualizados. Prepare as avaliações de risco e utilize-as como base para planos de desenvolvimento urbano e tomadas de decisão. Certifique-se de que esta informação e os planos para a resiliência da sua cidade estejam prontamente disponíveis ao público e totalmente discutido com eles.
4. Invista e mantenha uma infraestrutura para redução de risco, com enfoque estrutural, como por exemplo, obras de drenagens para evitar inundações; e, conforme necessário, invista em ações de adaptação as mudanças climáticas.
5. Avalie a segurança de todas as escolas e centros de saúde e atualize tais avaliações conforme necessário.
6. Aplique e imponha regulamentos realistas, compatíveis com o risco de construção e princípios de planejamento do uso do solo. Identifique áreas seguras para cidadãos de baixa renda e desenvolva a urbanização dos assentamentos informais, sempre que possível.
7. Certifique-se de que programas de educação e treinamento sobre a redução de riscos de desastres estejam em vigor nas escolas e comunidades.

8. Proteja os ecossistemas e barreiras naturais para mitigar inundações, tempestades e outros perigos a que sua cidade seja vulnerável. Adapte-se a mudança climática por meio da construção de boas práticas de redução de risco.
9. Instale sistemas de alerta e alarme, e capacidades de gestão de emergências em seu município, e realize regularmente exercícios públicos de preparação.
10. Após qualquer desastre, assegure que as necessidades dos sobreviventes estejam no centro da reconstrução, por meio do apoio direto e por suas organizações comunitárias, de modo a projetar e ajudar a implementar ações de resposta e recuperação, incluindo a reconstrução de casas e de meios de subsistência. (UNISDR, 2012, p. 26)

Considerando-se todos estes princípios acima, o Guia “Como construir cidades mais resilientes” prepara 5 diferentes fases para aplicação eficiente desses princípios em forma de planejamento estratégico.

Na primeira fase concebe-se a organização para implementação dos Dez Passos e o conhecimento do cenário institucional do local, para assim avaliar a vontade política do conselho da cidade e das autoridades para incorporar o plano de desenvolvimento resiliente. Nesta fase são realizadas as distribuições dos agentes e instituições envolvidas nas atividades de redução de riscos, voltados já para designação de atores técnicos e equipe de trabalho, estas sendo multissetoriais e são trabalhadas a divulgação e supervisão das atividades. Nesta primeira fase há o convencimento de atores e a formalização do processo participativo do projeto, e são estabelecidas as prioridades e recursos necessários para o andamento das fases seguintes. Ainda, define-se aspectos da execução do projeto como a definição da metodologia a ser utilizada, os recursos necessários, a criação de um plano de trabalho e a solicitação de rede técnica de apoio dos órgãos competentes que podem dar suporte.

A segunda fase caracteriza-se pelo diagnóstico e avaliação dos riscos no município. Aqui são feitas as avaliações particulares dos riscos intrínsecos do local com a coleta de dados por meio de visitas, questionários, monitoramentos, e outros para estabelecer uma base de referência. Apura-se então os estudos já realizados, como planos anteriormente já estabelecidos e avalia-se os programas e seus impactos, também são avaliados os níveis de vulnerabilidade quanto ao acesso aos serviços do município. Aqui exerce-se a participação civil ao promover discussões para compreensão dos anseios e prioridades da comunidade e esta é capacitada. Nesta etapa além de serem avaliados os riscos ambientais, há a produção de um relatório de avaliação contra riscos e sua publicação.

Por conseguinte, na fase três inicia-se a real desenvolvimento de um plano municipal para segurança e resiliência. Sendo assim define-se a visão, os objetivos e ações principais e linhas de estratégia dos planos, logo em seguida os planos e projetos. Nesta terceira fase

acontece a institucionalização e manutenção do plano de redução de riscos com a elaboração do projeto do plano final com as devidas validações pelos públicos de interesse e é claro, um acentuado engajamento em divulgações para que haja conhecimento e consentimento por parte da comunidade específica e geral do município.

Na fase de número quatro acontece a materialização de todas as fases anteriores, o projeto e estudos já são transformados no plano concreto e na implantação do plano. O processo inicia-se com a mobilização de recursos, desenvolvendo estratégias de implantação, definição clara e organizada da estrutura, responsabilidades e papéis de cada agente envolvido na ideia, além de reforçar a participação e apropriação.

Junto a última fase, adiciona-se ao processo métodos de avaliação, os quais precisam ser definidos com indicadores para medir o progresso e a realização dos objetivos do plano. Junto a isso, é necessário ser efetuada a criação de um cronograma para a realização das avaliações e da entrega dos relatórios para que todo o plano seja executado com organização e eficiência.

Mediante a esse processo minucioso repleto de etapas estabelecidas, desabrocha-se caminhos para uma cidade resiliente que funcione de maneira íntegra, com prioridades estabelecidas e com foco em itens que corroborem para um maior envolvimento da comunidade civil e o poder público. Além de propor novos sistemas de governança, envolvendo urbanistas com a colaboração de outros profissionais, permite o envolvimento dos cidadãos nos processos de tomada de decisão, aproveitando as vantagens das novas formas de comunicação e tecnologias de informação.

Como parte do processo de construção da resiliência, evidencia-se a característica da adaptação aos valores e condições inerentes e às necessidades a serem atendidas para assim dar partido a um horizonte de ações. A proposta da resiliência é justamente tirar proveito da capacidade de superação de cada situação, sobretudo de riscos. Esse ideal faz-nos refletir acerca de diferentes escalas de desafios do ambiente urbano que por muitas vezes são validados como insolúveis e, assim, deixados no esquecimento dos “fazedores da cidade” e sob sentença de que não há perspectiva de melhoria para os diretamente afetados por tais condições.

Por isso, questiona-se se o desafio a ser superado é apenas uma adversidade urbana recorrente que impede as pessoas de fazerem um melhor uso daquele espaço, questão essa que corrobora com as afirmações de que pode haver situações que impedem aquele local de

ressurgir de seus embates, ou seja, ausência de processos resilientes. Estas vulnerabilidades podem ser constatadas como uma adversidade que impede o usuário de fazer um melhor uso do espaço ou mesmo ter sua qualidade de vida impulsionada por este espaço uma vez que a resiliência se baseia em: identificar, avaliar, observar, para então planejar e fortalecer.

Através desses questionamentos, busca-se o entendimento de como certos aspectos específicos, ainda que considerados não suficientes para gerar grandes engajamentos e melhorias, podem se tornar propulsores de resiliência urbana. Como ratifica Bianchi e Zacarias (2016) construir a resiliência trata-se de uma valiosa chance de melhoria das condições sociais, ambientais e econômicas da população e sobretudo no fortalecimento de comunidades para o enfrentamento de desafios.

A partir disso, procura-se impulsionar a resiliência urbana através de algumas estratégias de promoção de saúde que podem ser implementadas nas cidades, delineando resultados que promovam a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Como exemplo prático e simples desse ponto de vista, tem-se o vasto espectro da resiliência na forma de melhorar, ainda que pontualmente, a forma em que o espaço urbano é utilizado, e como as pessoas se relacionam com a cidade, o qual é tido como um dos mais importantes para a manutenção da vida na cidade e, conseqüentemente, tornando-a saudável e sustentável.

4.2 Vitalidade urbana como estratégia resiliente

A vida na cidade é como um organismo vivo e para manter este organismo funcionando em bom estado, é necessário um processo de autoalimentação e autorreforço para a nutrição de seus sistemas. Portanto, é importante ressaltar que as experiências exitosas fazem parte das tentativas, pois a cidade é fruto de fracassos e sucessos. Dessa forma, as cidades exitosas somente recebem esse título por serem cidades feitas a partir do olhar das pessoas e para pessoas (GHEL, 1936).

Uma cidade nada atraente não enche os olhos dos seus usuários, nem mesmo de visitantes. Até a caminhada mais simples, se torna monótona. A cidade que não é feita para pessoas não oferece uma experiência convidativa, viva, tampouco diversa e com isso, não gera identificação ainda que seja de uma relação longa e então, resulta em não pertencimento, falta de identidade e não construção do sentido.

Entende-se que uma “boa cidade” é fruto da construção de um conjunto de qualidades, dimensões básicas interdependentes (LYNCH,1959), como a construção de sentido e como o espaço é compreendido, a adequação da forma e capacidade dos espaços de corresponderem ao cenário comportamental, ao acesso proporcionado por esses locais bem como o grau de utilização e controle por aqueles os que usam. Dentre as quais a vitalidade corresponde ao

Grau em que a forma do aglomerado populacional suporta as funções vitais, os requisitos biológicos e as capacidades dos seres humanos acima de tudo, protege a sobrevivência da espécie. É um critério antropocêntrico, apesar de um dia podermos analisar como o ambiente suporta a vida de outras espécies, mesmo quando isso não contribui para a nossa própria sobrevivência. (LYNCH,1959, p.117).

Partindo dessa discussão, Lynch (1959) aponta a vitalidade como uma característica de um bom habitat quando ele pode servir de apoio para a saúde e sustentação da vida. A discussão volta-se para a saúde quando passamos a estender o tema da vitalidade também como um fator biológico da vida nesse ambiente. Em decorrência disso, existem características que dão origem ao título de vital, estes dando origem à saúde e ao bom funcionamento no sentido biológico, ou seja, a um ambiente adequado à vida em todos os sentidos.

O primeiro deles é a sustentação, refere-se ao abastecimento adequado a todo tipo de necessidade local incluindo os sistemas de abastecimento. A temática da segurança se torna relevante na discussão de ambientes vitais e para isso, propõe uma estrutura fisicamente segura. Embora a concretização da segurança esteja apoiada na prevenção de riscos individuais e/ou grupais, sendo eles poluição, desastres de toda sorte, violência, contaminação alimentícia, vetores de doenças etc. O terceiro tópico seria a consonância a qual estaria descrita através da harmonia entre o ambiente e as necessidades básicas humanas biológicas para o funcionamento do organismo, como simplesmente apoiar os ritmos naturais de temperatura corporal, atividade sensorial e ergonomia. Dessa forma, o autor também se refere a erradicação de riscos bem como o limite de tolerância para tais probabilidades de danos à saúde do corpo e a oportunidade de desenvolver capacidades, sobretudo em como os fatores afetam esse desenvolvimento a partir da infância (LYNCH,1959).

Como evidenciado, a “vitalidade é um bem público, tão genuíno quanto qualquer outro da nossa lista, uma vez que a saúde e a sobrevivência são valores considerados de uma forma muito alargada, e as ameaças à saúde são muitas vezes indiscriminadas na sua incidência.” (LYNCH, 1959, p.122). O autor articula que essa condição de discriminação se dá pelo fato de que se conhece mais a vitalidade por suas violações, em virtude de as consequências

do seu aumento ou da sua diminuição sobre as pessoas tem pouca relação com os reais benefícios, tal qual a maioria dos bens públicos.

Lynch (1959) também aponta que a preocupação com cidade ser um ambiente vivo é um fenômeno relativamente recente uma vez que os requisitos para vitalidade eventualmente foram as razões norteadoras dos construtores e urbanistas, pois estes por algumas vezes foram levados a agir em nome de condições de força maior como pragas, situações de fome e incêndios.

Para o autor, no passado, a construção de cidades estava relacionada à defesa de ataques do próprio ser humano, ao passo que hoje, a essa defesa parece esvair-se e por isso parecemos viver à mercê de “armas” contra as quais não se identifica nenhum tipo de proteção e nem de defesa em âmbito físico (LYNCH, 1959). Portanto, Lynch (1959, p.123) menciona que a ausência dessa defesa desagua sobre as pessoas de forma que “a utilização da forma da cidade como defesa contra o ataque vira-se agora para o desencorajamento dos crimes a nível local ou para formas de convivência com o automóvel, o nosso querido assassino.”

Tendo em vista essa condição de que a cidade toma forma para uma boa convivência com automóvel, concretizou-se então uma inversão de prioridades onde os automóveis eram alvos das vantagens. Esta inversão de valores, como elucida Jan Ghel (1936), distancia as pessoas da convivência em espaços públicos e assim, acaba por definir a função da cidade como ponto potencial de agregação. Para Nóbrega e Trindade (2019, p.65), “a cidade é, assim, um reflexo de ações e planejamentos direcionados ao tráfego do automóvel.” Lobo e Silva (2015), também refletem em suas linhas sobre a atual forma de vida nas cidades, a qual

O sujeito vive em modo automático, percorrendo a cidade, não mais a pé, mas de dentro do seu carro ou dentro de um ônibus lotado, um sujeito que não consegue refletir sobre as experiências na cidade, que não tem oportunidades para construir uma relação afetiva com os espaços por onde anda (LOBO; SILVA, 2015, p.05).

Aos poucos, os olhares dos planejadores urbanos foram adquirindo uma nova lente: a lente na qual possam observar de perto o ambiente urbano de forma complexa e deliberada. Assemelha-se muito aos estudos em saúde como antes já comentado no decorrer da pesquisa, estes passaram por uma evolução de conceitos até chegarem em frente de ações abrangentes e entendedoras de um espaço moldador da qualidade de vida de seus usuários.

Em contrapartida, Lynch (1959) aponta uma dificuldade de aplicação dos conhecimentos já existentes, que por sinal são vastos, acerca de condições para um ambiente

dotado de vitalidade. Conhece-se o vasto espectro claro do conceito, mas há o ponto do custo para transformar a cidade em um ambiente vital que por muitas vezes tendem a coerção e à um controle central os quais negligenciam as consequências ambientais de riscos e tensões que sofrerão os indivíduos. O ponto é que estamos longe de saber adaptar os cenários construídos pelos seres humanos em consonância com o ambiente e condições naturais, em que a espécie humana esteja incorporada adequadamente.

Critica-se assim a forma como a concepção tradicional de cidades procurou transformá-las em uma máquina de morar ³ onde a cidade sempre era criada para reduzir o esforço físico, diminuir o transporte modal humano em detrimento das novas opções modernas e mecânicas etc. Portanto, essa crítica faz-nos refletir acerca do que já não deveria pertencer a cidade, embora ainda distante

Conceber com intenção de promover o uso do corpo, em vez de o evitar, é um objetivo que pode estar a caminho: não apenas através da disponibilização de espaços para o desporto, no qual se envolve apenas uma parte menor da população, mas através de medidas que encorajem a atividade corporal no dia-a-dia, ou que a tornem obrigatória. (LYNCH,1959, p.124).

Acerca do caminho ao objetivo comum almejado, Lobo e Silva (2015) trazem uma abordagem um pouco mais subjetiva acerca das relações entre o cidadão e cidade para com as ruas e como estas podem ser transformadoras em direção a qualidade vital do ambiente citadino, ao expor que

A vida contemporânea tirou do indivíduo a experiência com a rua, impondo muros e barreiras que colocam em crise a ideia de cidade, alterando a paisagem e confundindo o indivíduo com a presença de não-lugares. Através da arquitetura é possível proporcionar experiências diversas e reestabelecer vínculos entre o espaço e suas funções (...) e é através de ações que envolvam a valorização do espaço, qualificando a arquitetura como marco, como identidade, que essas experiências se transformam. (LOBO; SILVA, 2015, p.06)

Os autores acrescentam que a rua deve também cumprir a função de lugar pois os espaços públicos acolhem e geram sentimentos de identificação, sobretudo transmitem significado, ou seja, características essenciais para uma boa experiência urbana (LOBO; SILVA, 2015). Por essa razão ratificam que “É na rua que está a essência da cidade.” (LOBO; SILVA, 2015, p.06).

³ Conceito esse dado pelo arquiteto francês Le Corbusier, figura importante para o movimento modernista e traduz de forma direta as linhas norteadoras desse movimento, nas quais cada constituinte presente nessa “máquina” está encarregada por um papel mecânico específico (VILAÇA,2015).

Nesse sentido, Nóbrega e Trindade (2019) trazem à tona o principal ponto desse entendimento sobre as ruas e as ações em prol de um bom espaço público: a retomada do valor humano nas cidades para a reativação da vida urbana, de forma intencional. No caso dessa pesquisa, a rua é o objeto de maior interesse para a reativação do ambiente.

4.2.1 A construção da resiliência a partir da rua

A construção da resiliência das diferentes escalas para com a cidade dá-se muito a partir de como a cidade é moldada e com base em como nos acomodamos à cidade e sua forma no cotidiano. A relação com o espaço sempre existirá, seja ela positiva ou negativa, danosa ou com benefícios como antes discutido. A relação com a cidade parte do princípio mais simples: de como esses moldes são feitos e quais são os seus efeitos e consequência aos que estão submetidos a eles.

Partindo dessa discussão, reflete-se acerca de como espaços públicos, quando bem planejados, podem ser grandes fatores de uma boa experiência de lugar. Para Jacobs (2011), a crítica veemente do planejamento urbano moderno e ortodoxo, o modo de como as cidades foram e estão sendo produzidas segue a premissa de que são incapazes de estimular a vitalidade urbana. Além do fato de que para os dogmas modernos de planejamento, a unidade mínima urbana seriam as quadras, de maneira a considerar as ruas como complemento e simples elementos de conexão entre as quadras (JACOBS, 2011). Para a autora, “[...] a arte do desenho urbano, ainda não se afastaram do conforto ilusório das vontades, das superstições conhecidas, do simplismo e dos símbolos e ainda não se lançaram na aventura de investigar o mundo real” (JACOBS, 2011, p. 20).

Ao aproximar-se dessa visão, entende-se que este seria um lugar com seus valores traduzidos em vitalidade. Uma cidade com estas características, é capaz de proporcionar uma boa experiência aos seus moradores com boa mobilidade, lazer, segurança, uma cidade saudável e sustentável, com suas respectivas dinâmicas respeitadas e a suas ruas como elementos que abarquem a vida na cidade. Fazendo a clara oposição aos valores dogmáticos dos antigos modos de planejar as cidades, nos quais a preferência era canalizada para as dinâmicas que favorecem aos automóveis e às dinâmicas simplistas que contribuem para o caráter monótono para as vias.

O fato citado por Jacobs (2011) é que as ruas possuem funções agregadas, como acomodar veículos e prover o espaço da calçada que seria a porção conferida aos pedestres. No entanto essa porção tida como calçada possui uma conotação ainda mais profunda quando suas

funções são distribuídas de maneira compatível. Por isso, as ruas e calçadas culminam numa relação básica e primordial de um centro urbano, sendo assim, as mais vitais estruturas.

Através dessa perspectiva, Ghel (1936) discorre sobre as premissas de uma cidade viva e aponta como imprescindível a sensibilidade a partir da perspectiva humana, e às questões inerentes ao comportamento de seus habitantes, o respeitando à escala humana, aos aspectos subjetivos como o próprio contato para com pessoas e sem dúvida ao valor dado aos espaços públicos de qualidade e em como eles têm capacidade suficiente para atrair as pessoas quando recebem a atenção necessária no processo de planejamento.

Uma vez que o espaço público possui função catalisadora de atividades, as ruas, praças, parques etc., são tidos como principais pontos de vivência das cidades. Ao elucidar esses aspectos, os mais diferentes usos dados a esses ambientes públicos proporcionam uma infinidade instrumental para o aprimoramento de suas dinâmicas e conseqüentemente, a melhoria da qualidade da vida nesses centros urbanos (GHEL, 1936). Ainda, são discutidos os redesenhos de cidades que hoje, são referências em vitalidade embora ressalte que os diferentes contextos sociais, econômicos e políticos dos países são determinantes. Contudo sabe-se, através de exemplares por todo o mundo, que é possível caminhar para tais objetivos e superação de desafios pois

Não é de se estranhar que a estreita ligação entre uso de espaço público pelas pessoas, a qualidade desse espaço e o grau de preocupação com a dimensão humana seja um padrão geral que pode ser visto em todas as escalas. Assim como as cidades podem convidar as pessoas para uma vida na cidade, há muitos exemplos de como a renovação de um único espaço, ou mesmo a mudança no mobiliário urbano e outros detalhes podem convidar as pessoas a ver um padrão de uso totalmente novo (GHEL, 1936, p.16).

Essa ideia é reforçada por Jacobs (2011), quando discute a relevância das ações geradas nas ruas e a possibilidade de troca entre os indivíduos que ali transitam. Quando essa troca é positiva, a rua passa a ser entendida como uma extensão do que é chamado de casa, ou seja, do espaço tido como privado, justamente pelo fato de propor experiências que agregam valor de uma vizinhança agradável e assim resultam num novo tipo de relação com o espaço, consciente ou não, a rua se torna este espaço para: passar, caminhar, permanecer, sentir e perceber. A autora também pontua que essa relação depende da aparência dessas ruas e da cidade, uma vez que “se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona” (JACOBS, 2011, p. 30).

4.3 Resiliência urbana em tempos desafiadores

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2019 havia publicado uma lista de revisão do que considerava serem as dez principais ameaças globais e o risco de uma nova pandemia havia sido apontado. Logo, a pandemia foi efetivada e o novo coronavírus denominado Sars-Cov-2 foi apontado como um novo desafio mundial.

Mais especificamente no ano de 2020, os efeitos e consequências começaram a tomar volume e a doença que era antes desconhecida, recebeu atenção máxima e o mundo foi apresentado à uma nova pandemia viral de SARS-CoV-2. Esta, sendo uma pandemia de carácter respiratório e considerado por Guimarães, Costa e Nossa (2020), um inimigo invisível que se prolifera muito rápido.

Agora, mais do que nunca, a saúde é colocada como protagonista de problemáticas das cidades. Nelas, as problemáticas ganham maior escala pelo fato de concentrar o maior número de atividades e pessoas. Por essa razão, são mais afetadas por níveis de poluição do ar, ciclos patogênicos mais curtos, alteração na disponibilidade e no controle da qualidade da água (GUIMARÃES; COSTA; NOSSA, 2020).

A realidade posta pela pandemia apresenta-se de forma caótica e pôs à prova os sistemas que nutrem as cidades, sobretudo o âmbito da saúde. Agora, um “novo normal” vem sendo trabalhado nas cidades e nelas, lideram-se os processos de recuperação. Sabe-se que este processo de retomada busca delinear uma nova realidade para os centros urbanos de forma diferente com o propósito de torná-los mais seguros, com uma perspectiva prospera e, essencialmente, mais resiliente para todos, especialmente aos indivíduos em situação de maior vulnerabilidade, incluindo idosos, pessoas com deficiência, crianças e mulheres. É importante ressaltar que o impacto do vírus é mais devastador em áreas mais pobres e densamente povoadas, a exemplo das favelas das cidades, pois as medidas mais simples de higiene são de difícil aplicação em razão de fatores básicos se fazerem ausentes nessas áreas, como a própria existência de um sistema de distribuição de água eficaz (ONU-HABITAT, 2020).

Outro ponto abordado pela ONU-Habitat (2020), são as questões quanto a falta de emprego no sentido de que, este déficit alargado expressa que as pessoas têm que movimentar-se e sair de suas casas, dessa forma expondo-se ao risco, em busca de um trabalho com o objetivo de atender suas necessidades diárias básicas de sobrevivência. Ponto afirmado também pela OMS (2020) que avalia a relação de risco de infecção em áreas de vulneráveis e adensadas ao trazer dados sobre exclusão social e pobreza, nesse caso, pessoas com maior porcentagem

de contaminação por COVID-19. Ainda sobre contaminação, a questão dos transportes públicos levanta um debate de a alta suscetibilidade à contaminação quanto o maior número de pessoas em um mesmo espaço, e com isso surge a necessidade de novos modais de transporte, ou pelo menos alternativas modais para dissipar a aglomeração.

A OMS (2020) traz à tona a discussão e o reconhecimento acerca da situação dos mais afetados pela pandemia como consequências estruturais. Busca responder de forma simples e direta à questão sobre “Por que algumas pessoas sentiram os efeitos da pandemia de forma mais aguda?” de forma que a atenção se voltou aos mais fragilizados em aspectos como emprego, habitação, questões de gênero, etnia, educação, acesso à informação e às redes de conectividade, comunidade, apoio social, cuidados de saúde etc. Ainda, a OMS (2020) aponta duas condicionantes de forma a mitigar as iniquidades em saúde: condições de vida e de trabalho seguras que lhes permitam viver uma vida saudável e prosperar; o acesso a serviços de saúde de qualidade quando e onde precisam, sem enfrentar dificuldades financeiras.

De acordo com Zapata-Garesché (2021) para uma ação resiliente, a saúde e bem-estar, sociedade, economia, infraestrutura geral e tudo que tange a dinâmica urbana, incluindo meio ambiente, governança e suas respectivas lideranças, são consideradas dimensões da resiliência urbana. Por isso, principalmente nesse momento de crise, afirmar-se que essas dimensões são inextricáveis e não devem ser tratadas separadamente, porque quando tratadas isoladamente não oferecem múltiplos benefícios nem para o ambiente tampouco para as pessoas.

De forma eminente, para que haja o planejamento para uma resposta resiliente à COVID-19, é de extrema importância discernir que a pandemia reflete e desenrola-se de maneira distinta em lugares diferentes e seus efeitos podem ser volumosos. E esse fator do grande aglomerado de considerações práticas é particularmente discutido por Morera (2021), e o acusa como um dos maiores desafios para o planejamento, pois há diversos impactos indefinidos e inúmeros efeitos colaterais. Ainda, as metodologias de planejamento urbano comumente utilizadas podem ser suficientes até certo ponto como resposta, embora a cerne do planejamento esteja em constante mudança para urgências de outros domínios.

Em adição, Morera (2021) destaca a chamada *Recuperação Estratégica*, e então traz à tona a questão de que no Sul Global há uma maior dependência externa e a tornam muitas vezes inexecutáveis para os governos a nível local.

Não obstante, também evidencia que para a criação de uma ferramenta estratégica de recuperação baseada em três princípios: Habilitação de processos mais ágeis, pois implicam em maior agilidade de respostas não só às emergências, como na implementação e planejamento para recuperação; Integração de uma abordagem iterativa ao planejamento, pois as condicionantes podem ser afetadas em diversos fatores que são variáveis e subjetivos (como o comportamento das pessoas e/ou dinâmicas políticas) e; Orientação do plano de ação em fases bem definidas e suas prioridades as quais, no início, são caracterizadas por abordar coleta e com sistematização de dados e posteriormente o foco estará na articulação de ideias e sua priorização (MORERA, 2021). As fases são nominadas, respectivamente, como: Avaliação de recuperação, definição de portfólio ou plano de ação concreto e por fim, aprimoramento do projeto e Aprendizagem pós-crise, respectivamente, segundo Moreira (2021).

Muitas nações têm trabalhado arduamente para superação desse momento. Muitos planos e ações de recuperação têm sido desenvolvidos com excelência e estes podem e devem ser tidos como exemplo para os demais países. Embora desenvolvidos com base de trabalho de análise dos dados locais, é possível levar em consideração a metodologia, a visão e o compromisso que sirvam de inspiração à outras localidades, uma vez que projeto algum possui as mesmas causas, efeitos e consequências, portanto, inspiração.

4.3.1 Boas práticas de resiliência urbana em período de pandemia da Covid-19

Seja em ações pontuais ou elaboração de planos mais estratégicos e ferramentas incisivas, reitera-se que a saúde urbana não se configura como um setor unilateral e não depende apenas de ações numerosas somente no setor de saúde. Em um momento de crise como o de uma pandemia, a resolução e mitigação podem ser resultado de um trabalho metódico desenvolvido pelas instituições e pela sociedade civil, ou seja, a saúde pode ser reconstruída a partir desse ponto em diante. De acordo com essa visão, analisa-se casos de boas práticas urbanas de diferentes contextos sociais, políticos e econômicos que podem ser tidos como relevantes para todo o globo e inspiração para novas buscas de soluções ao dado momento.

***Slow Streets* - Los Angeles - EUA**

A cidade está entre as 100 Cidades Resilientes da Rede de Cidades resilientes (*Resilient Cities Network*) e sendo assim, Los Angeles apresenta um projeto que possui intenção

de criar uma oportunidade para as pessoas permanecerem fisicamente ativas enquanto socialmente distantes, reduzindo o excesso de velocidade nas ruas do bairro. Como resposta ao e ao fechamento de locais de recreação como parques, trilhas, os demais serviços e locais considerados não essenciais e/ou que facilitem a propagação do vírus e é claro, amenizar os efeitos negativos do confinamento. O projeto baseia-se na premissa de que, em um momento de pandemia, a saúde sobressaiu-se e a partir disso, evidenciou-se também a importância de ter uma vida ativa e manter a saúde mental com caminhadas e ciclismo seguros uma vez que seria uma das poucas opções de lazer possíveis a serem praticadas frente à necessidade de isolamento social e toda a problemática.

Ainda, o projeto também prioriza a questão do transporte seguro, o qual pode ser útil na busca de novas alternativas de mobilidade, além de já ser uma luta constante para combater o uso de automóveis, poluição e até mesmo acidentes e assim, reforçar o transporte ativo. A intenção é diminuir a velocidade dos carros, por conseguinte diminuir as chances de acidentes e conseqüentemente minimizar o impacto do já colapsado setor de saúde por motivos de COVID-19 (STREETS FOR ALL, 2020).

A princípio o funcionamento da dinâmica será realizado de forma temporária. No entanto, a intenção do projeto é ser transformado para atender necessidades a longo prazo e espalhado para mais bairros e ruas devido a boa resposta. Para tanto, o *Slow Streets* é realizado através da colocação de sinalização horizontal (placas) para indicar que determinadas ruas residenciais estão fechadas para evitar o tráfego e incentivam os motoristas a reduzirem a velocidade e/ou compartilhar a estrada (figura 06). Já são cerca de 80 quilômetros de *Slow Streets* em 30 bairros da cidade com petições já realizadas para expansão. A implantação de ruas mais lentas deve-se O departamento de transporte da cidade (*Los Angeles Department of Transportation* (LADOT)) junto ao Conselho da cidade de Los Angeles (*Los Angeles City Council*) os quais estreitaram os laços com a comunidade local e fomentar a autonomia desta. As comunidades interessadas podem inscrever-se online para o estudo de viabilidade (LADOT,2020).

Figura 6. *Slow Streets - Western Addition.*

Fonte: SFMTA, 2021.

Paulista Aberta - São Paulo – Brasil

A Avenida Paulista é um importante símbolo para a cidade de São Paulo e concentra grande número de negócios e atividades das mais diversas por todo a sua extensão e arredores. Ela é um importante espaço de lutas sociais e protestos por diversas vezes utilizada como um espaço de resistência e conflitos ou simplesmente comemorações como é o caso das festas de fim de ano.

Em 2014 a Prefeitura da cidade de São Paulo, junto a organizações, coletivos e a própria sociedade civil, mobilizaram-se pela abertura da Avenida Paulista e pelo Programa Ruas Abertas, demonstrado na figura 07, para o uso da avenida por pedestres nos dias de domingos e feriados e, assim, tornar a cidade mais ativa, com atividades como diversas manifestações artísticas, práticas de exercício físico, feiras e entretenimento em geral. A ideia de tornar a avenida um espaço de convivência teve o início efetivo em 2014 e partiu de campanhas online e movimentos de ocupação das calçadas com atividades lúdicas. Contudo, somente em 2016, por decreto do então prefeito Fernando Haddad, veio a sua real efetivação e, é claro, com os devidos estudos de impacto de tráfego realizados (MINHASAMPA, 2020).

Em 2020, com o início da pandemia da Covid-19, as atividades foram interrompidas pelo estado de emergência decretado no estado e na cidade. Após o período de vacinação e com 70% da população já vacinada, em julho de 2021 a Avenida Paulista pôde retornar com as atividades que a princípio, voltaram em fase de teste e cumprindo os protocolos sanitários estabelecidos (uso de máscara, álcool em gel e distanciamento social sem aglomerações). O

espaço da avenida fica disponível para lazer de pedestres e ciclistas no trecho entre a Rua da Consolação e a Praça Oswaldo Cruz e o fluxo de veículos é suspenso das 8 horas da manhã ao meio-dia (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2021).

Figura 7. Paulista reaberta.



Fonte: G1, 2021.

4.4 Boas práticas de resiliência em São Luís (MA)

Dado o fato, um elemento notório de um ambiente resiliente, está no foco voltado para as pessoas e como tudo desenrola-se em direção a elas. Como já afirmado anteriormente, uma cidade que não é feita para as pessoas ela não escuta o que realmente a vida ali almeja, quais os anseios e as frustrações, logo, não são sanados. Por muitas vezes as necessidades encontram-se nas entrelinhas do cotidiano da cidade. Desta maneira, apresentam-se adversidades e as respostas a esses anseios e frustrações são, por muitas vezes, dadas de formas práticas utilizando das práticas local como potencial e a rua como local de resistência, refúgio e resiliência. De acordo com essa visão, analisa-se casos de boas práticas em contextos da cidade de São Luís do Maranhão que sinalizam a pertinência do uso da rua como esse espaço de construção da resiliência. A intenção de fazer referência a esses exemplos de resiliência é mostrar que já há na própria cidade resiliência que utilizam da rua como essa força maior e também, que sirvam de alguma forma, como uma inspiração para o produto final desse trabalho.

O caso da Rua Miguel Dominici Soares no bairro do São Francisco

De forma prática e muito particular, a resiliência se faz presente em muitos ambientes urbanos dispostos por vezes “de baixo” dos olhos da cidade. O estudo realizado por Ferreira (2017) acerca da Rua Miguel Dominici Soares localizada no bairro do São Francisco na cidade de São Luís, demonstra a construção da resiliência como forma de resistência frente as vulnerabilidades que a cidade os apresenta.

A metodologia desenrola-se a partir da perspectiva do usuário e da forma como contam a história do lugar e das adaptações do uso cotidiano desses moradores. O embasamento tomado como mais apropriado para fonte de informações foi a utilização do diálogo com a comunidade ali localizada. Previamente, sinaliza que havia sido previsto um projeto de revitalização urbana dos espaços livres ali dispostos, como dito pela autora, supostamente necessária a partir da perspectiva de arquitetos e urbanistas. Quando decidiu-se levar em conta questões do tipo: “Como é a vida ali? Quais as reais necessidades daquele lugar? Será violento como comentam? O que aquelas pessoas pensam de onde moram? O que seria revitalizar aquele lugar? É realmente necessário revitalizar qualquer aspecto dali? De que forma isto poderia acontecer?” (FERREIRA, 2017, p.05).

A área está disposta por um bairro que normalmente apresenta disparidades por ser considerado um bairro “nobre” ao passo que é ao mesmo tempo que em algumas áreas passaram a ser frequentemente associadas à violência, sendo assim visto com maus olhos. Local de insegurança, falta de infraestrutura e uma acentuada criminalidade parecem ser os carros chefes do bairro frente à cidade. Embora seja um lugar que está no esquecimento tanto da própria cidade quanto do poder público, os usuários daquele espaço demonstram sua forma de resistir às adversidades impostas pelo cotidiano e pelo espaço urbano em contexto. O espaço, não oferece infraestrutura suficiente para abarcar as atividades diárias dos moradores, como o simples fato de pegar um ônibus, fato esse salientado por Ferreira (2017), o qual é uma condição em defasagem pois as paradas mal existem nem as frotas de ônibus servem bem a região. Bem como, a falta de equipamentos urbanos e a falta de manutenção do mínimo apresentada na área contribuem para um empobrecimento da experiência do usuário. Portanto salienta-se que todas essas condicionantes são fatores que tolhem os usuários de se apropriarem completamente do espaço em questão.

Por isso, diversos usos sobressaem-se nesse local como forma de resistência e coexistência frente às regras urbanas impositoras. Situações como a introdução de árvores no

canteiro pelos próprios moradores e com orgulho, contam que tiveram essa atitude, também adaptações do espaço com o uso de tendas, a construção de uma pequena praça por uma das famílias residentes. Durante todo o percurso da rua, nota-se pontos de encontros, locais de permanência e com mobiliário improvisado. Portanto os usuários são criadores e as crias das memórias e significados do espaço (FERREIRA, 2017).

A vista desses aspectos observa-se a resiliência surgindo sutilmente nesses ambientes de forma a agregar melhoria da experiência no local e para a qualidade de vida das pessoas demonstrando a possibilidade da rua para tais fins.

Bairro do Anjo da Guarda e o uso da rua

O bairro do Anjo da Guarda está localizado na área Itaqui-Bacanga, e tem sua história marcada por luta dos residentes e que ainda preservam suas tradições. Segundo Pereira e Alcântara Jr. (2017), o Bairro do Anjo da Guarda foi ocupado e posteriormente loteado para abrigar uma população vindos de um incêndio de palafitas em uma área chama de Goiabal, um outro bairro de São Luís. Para Pereira e Alcântara Jr. (2017),

Se até os anos de 1970 a cidade cresceu seguindo o Caminho Grande até o Anil, ocupando a porção central do território, em um processo cumulativo de agregação ao tecido urbano tradicional; com a construção da ponte e da barragem seriam ocupados novos territórios. A barragem do Bacanga permitiu a ocupação do bairro Anjo da Guarda, que foi loteamento implantado para abrigar a população de palafitas situadas numa área conhecida como Goiabal (...) (PEREIRA E ALCÂNTARA JR. 2017, p. 991).

Itaqui-Bacanga teve o seu ponto de partida há 53 anos e há 25 anos a população residente se expressam através do uso da rua. Apesar do déficit de infraestrutura, segurança, saneamento básico e saúde, o bairro ainda emerge em razão da criatividade e resiliência de seus residentes (GOVERNO DO MARANHÃO, 2018; O IMPARCIAL, 2015; COSTA, 2017). Através dessa expressão cultural e religiosa, a realização da encenação da Paixão de Cristo pelo Grupo Independente de Teatro Amador (GRITA), figura 08, possibilita empregos, oportunidade de capacitação e renda para a comunidade, posto que mais de duas mil pessoas estão envolvidas na organização para então aguardar um público de cerca de mais de 250 mil pessoas nos dois dias de espetáculo que se estendem por vários pontos dispostos em palcos nas principais praças do bairro, segundo Sarayva (2019).

Figura 8. Encenação da Via Sacra ao ar livre pelas ruas do Anjo da Guarda.



Fonte: Governo do Maranhão, 2021.

A expressão é um dos caminhos de apoio do bairro e dos bairros adjacentes. A utilização da rua mostra-se um ativo incentivador para seus visitantes e usuários. A demonstração da arte por meio da utilização do espaço público demonstra um ponto potencial de identidade e pertencimento, que como já mencionado, é essencial para a construção da vitalidade urbana. Além disso, apesar da área ser composta por uma certa inconsistência organizacional e a falta de assistência por parte do poder público, fato esse ressaltado pela Empresa Maranhense de Administração Portuária (EMAP) no diagnóstico de 2012, que é a força comunitária que toma frente das lutas em prol de direitos básicos para a população e marca a história da área desde o princípio.

Além do GRITA representar a força criativa da área em questão, também conta com diversas outras instituições que estão à frente da luta de direitos básicos e assistência para a população, como a Associação Comunitária Itaqui-Bacanga, com foco em projetos e estudos ambientais; a educação infantil é apoiada pelo Clube de Mães do Anjo da Guarda e atende cerca de 160 crianças bem como o Adolescentro, que dispõe de suporte para os jovens da região (EMAP, 2012).

5. CONSTRUINDO A PESQUISA

O presente estudo é uma pesquisa exploratória qualitativa por, a princípio, trazer maior familiaridade com a problemática através de conceitos e ideias em abordagens a princípio sobre saúde em meio ambiente urbano. Ela iniciou-se com a fundamentação teórica, através da revisão sistemática de estudos realizados por autores como Alcantara e Sampaio (2017); Buss e Filho (2007); Torres et al (2013); Caiaffa et al (2008). Logo, também foram adicionadas leituras de relatórios disponibilizados pela plataforma Organização Mundial da Saúde (*World Health Organization*) e plataforma virtual de 100 Cidades Resilientes (*100 Resilient Cities*), tanto para estudos de caso quanto para arcabouço teórico. Leituras acerca de resiliência e processos resilientes foram adicionadas para o embasamento teórico da pesquisa com os textos de Bianchi e Zacarias (2016), Arrial (2017) e Zapata-Garesché (2021). Para dar continuidade à pesquisa e embasar o ponto de vista de vitalidade urbana e valor do espaço público e das ruas para a cidade, as referências foram centradas nas discussões de Jacobs (2011), Ghel (1936), Lynch (1959) juntamente a autores que valorizam o uso da rua como uma alternativa para local de potencial vitalidade nas cidades, dos quais Nóbrega e Trindade (2019) e Lobo e Silva (2015).

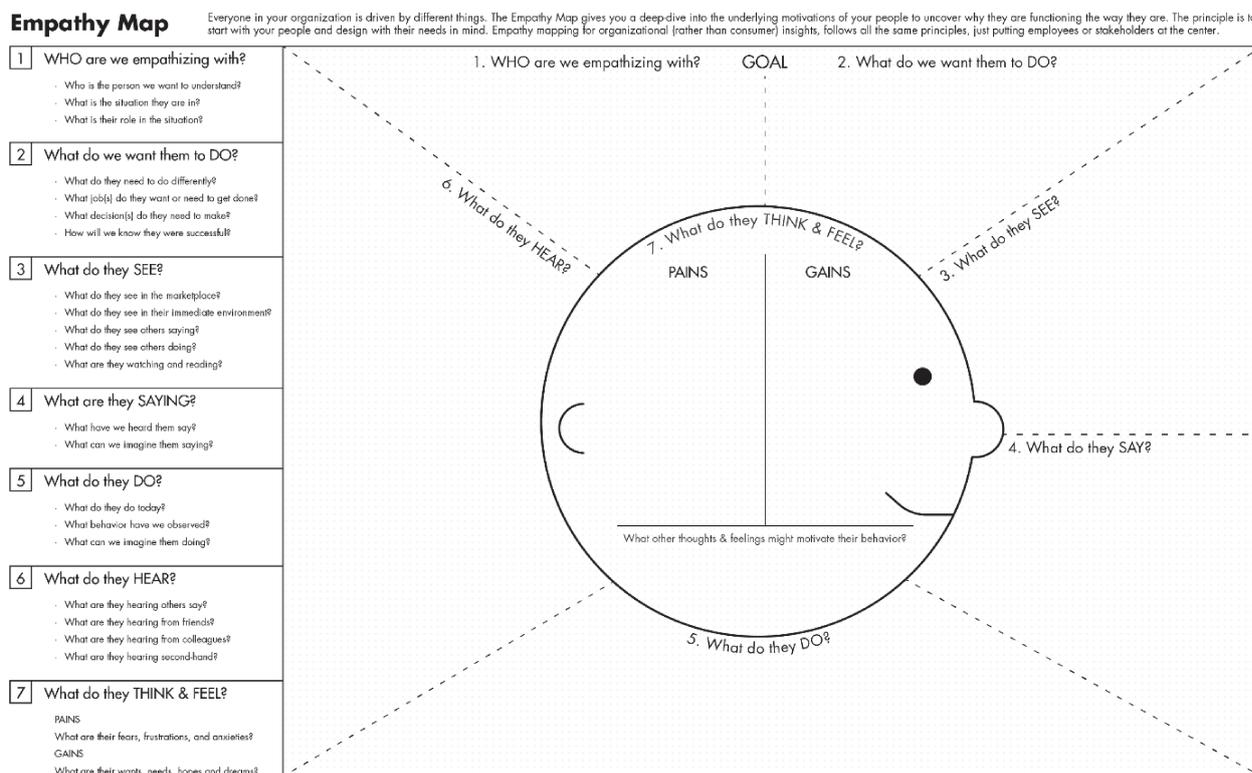
Para a fase de desenvolvimento de estudos sobre as boas práticas de resiliência urbana, tem-se o trabalho desenvolvido por Ferreira (2017) baseados em exemplos locais nos quais a rua foi base de estudo e potencialidade da área em questão. Já os estudos do bairro anjo da guarda, foram embasados em pesquisas em websites locais de notícias, diagnósticos (como os da EMAP (2012)) e artigo de Alcântara Jr. (2017) e dados disponibilizados pela Prefeitura de São Luís (2006; 2010).

A presente pesquisa tem como recorte investigativo para o estudo da vitalidade e resiliência através da rua o bairro da Vila São Luís. Na fase de reconhecimento e justificativa da escolha da área da Vila São Luís, buscou-se base nas leituras de reconhecimento do bairro e da área para compreensão das características locais, tanto históricas quanto da dinâmica da área e de usos do espaço, sobretudo os usos temporários. Acerca desse tema, a discussão foi embasada em autores que discorrem acerca da relevância de ações temporais nas cidades com ênfase em consequências permanentes que essas ações podem deixar para a cidade e para seus cidadãos. A base de mapas será elaborada a partir do software QGIS e alguns mapas também serão recuperados a partir de diagnósticos e relatórios da EMAP, do IBGE e da Prefeitura de São Luís.

O cumprimento dos objetivos da pesquisa dá-se por aplicação da técnica de observação sistemática (MARCONE; LAKATOS, 2003) com um grupo de residentes do bairro por meio

do Mapa da Empatia (XPLAIN, 2021). É uma ferramenta de *Design thinking*⁴ voltada para empresas e que permite conhecer de forma mais holística e íntima o seu cliente. Embora direcionada a empresas, esta estratégia oferece uma sensibilidade especial a qualquer objetivo que seja voltado a conhecer os anseios, vontades e todo o universo relacionado a um público alvo baseados nas diretrizes apresentadas pela XPlane⁵ (figura 09).

Figura 9. Mapa da Empatia.



Fonte: Xplain,2021.

Embora adaptadas para o contexto urbanístico, o processo dá-se a partir de questões como:

- **O que pensa e sente?**

Esta pergunta é de cunho particular, porque aqui busca-se saber um pouco de como a pessoa se sente em relação ao bairro, do que realmente importa pra o morador, as suas aspirações pessoais e sonhos para o futuro no bairro ou não e para o bairro. Sobretudo busca-se entender as suas preocupações sobre o bairro.

- **O que vê?**

⁴ *Design Thinking* é um conjunto de práticas ativas e processos como método do campo do Design que proporcionam uma abordagem holística de soluções de problemas colocando em prática a empatia, colaboração e a experimentação (IDEO,2009).

⁵ Pioneira no Mapeamento de Empatia visual como uma ferramenta técnica para rapidamente identificar a perspectiva do cliente (XPLAIN,2021).

Pergunta-se aqui o que o bairro da Vila São Luís lhe oferece, quais são as suas relações no e com o bairro (se nasceu e cresceu no bairro, tem muitos amigos e como são, inimigos etc.), como é que a pessoa vive no bairro e o que seria mais comum em seu cotidiano.

- **O que fala e faz?**

Esta pergunta diz respeito a como a pessoa usufrui do espaço disponível pelo bairro, no quesito serviços, desde quando tomou a decisão de estabelecer-se no local. Busca-se entender literalmente os comportamentos dos residentes: o que a pessoa fala? O que faz e como age? O que gosta de fazer em seu dia-a-dia? Tem hobbies? Que tipo de lazer busca no bairro? O bairro disponibiliza esse tipo de atividade?

- **O que ele escuta?**

Nesta questão averigua-se o que se escuta sobre o bairro da Vila São Luís e o que escutam sobre quem mora e de que não mora quando falam que vivem ou viveram nesse local. Interessa aqui entender a tipo de influências estão submetidos e quanto ao que relatam as mídias.

- **Quais são suas dores, seus medos, frustrações e obstáculos?**

Aqui as perguntas direcionam-se para o conhecimento dos medos, frustrações e obstáculos dos residentes e o que é necessário para a superação desses desafios no bairro.

- **Qual seriam os seus ganhos e desejos específicos?**

Qual seria positivo pra sua vida e para o próprio bairro caso o que você considera bom pro bairro fosse realmente realizado e seus medos e frustraões fossem sanadas? O que mudaria na tua vida se isso fosse realizado?

- **O que é um bairro ideal para você?**

Pergunta adicionada pela pesquisadora ao mapa da empatia, com o objetivo de complementar a questão anterior.

Pretende-se a aplicação desse método através de questionários, entrevistas e conversas com um grupo de moradores da Vila São Luís, junto ao reconhecimento da área por meio de visitas com o intuito da realização de levantamento fotográfico e situacional da rua 26. Por meio desses processos busca-se então fazer o reconhecimento das necessidades dos residentes e do local, para assim propor um plano de ocupação para o recorte da rua 26. Por fim, a representação visual do que seria o plano. A síntese da pesquisa dá-se pelos seguintes métodos descritos no Quadro 01 para o cumprimento dos respectivos objetivos.

Quadro 1. Quadro resumo das técnicas utilizadas para cumprir com os objetivos específicos.

| OBJETIVOS ESPECÍFICOS | TÉCNICAS UTILIZADAS |
|--|---|
| Entender como os lugares podem promover ou dificultar a saúde e a qualidade de vida aos usuários, e compreender características organizacionais e formas de trabalho da Rede de Cidades saudáveis e a Rede de Cidades Resilientes. | Pesquisa exploratória qualitativa e revisão sistemática da bibliografia. |
| Identificar os principais problemas do bairro e da área de recorte estudada. | Levantamento fotográfico e situacional da rua 26 junto à representação dos dados. |
| Desenvolver um plano de ocupação com foco no espaço público para a construção da resiliência na rua 26 no bairro da Vila São Luís. | Observação sistemática através do método do Mapa da Empatia para basear as propostas do plano e a representação destas. |

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

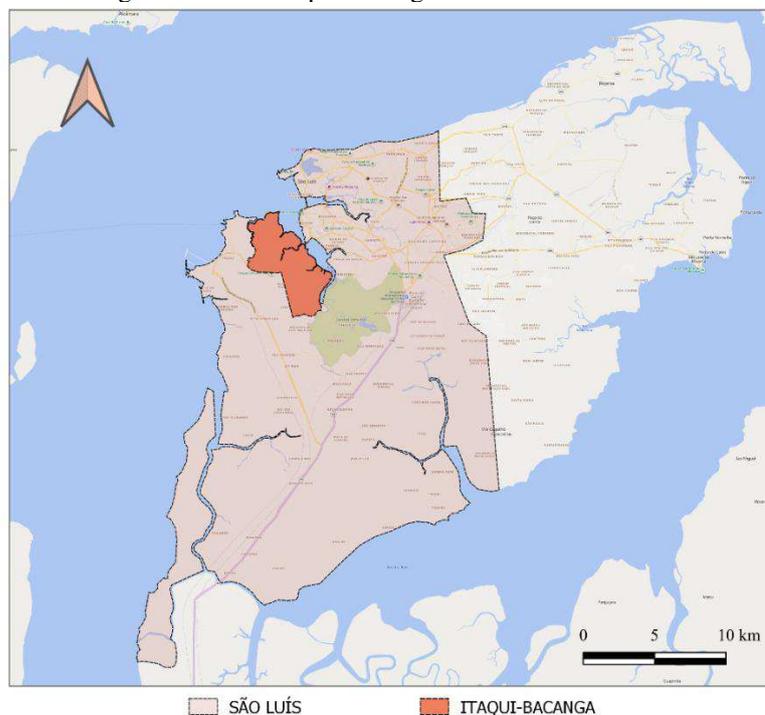
6. VILA SÃO LUÍS

Nesse capítulo é apresentado o diagnóstico do bairro da Vila São Luís e da área de recorte da pesquisa, nos aspectos: localização, acessos ao local, um breve histórico, características socioeconômicas, populacionais e alguns aspectos urbanos do bairro ⁶.

6.1 A área Itaqui-Bacanga e a Vila São Luís

O bairro da Vila São Luís está localizado na área identificada como Itaqui-Bacanga, figura 10, a qual leva o título de área mais populosa da cidade e também uma das mais carentes (EMAP, 2012). Seu núcleo foi iniciado nos anos de 1960, após o incêndio de grandes proporções no bairro do Goiabal. As famílias atingidas foram recolocadas para a área que seria, a princípio, o bairro Anjo da Guarda, onde o grupo de vítimas ficaria “provisoriamente em barracos de palha, e dentro de 90 dias receberiam 25 suas casas de alvenaria, construídas dentro do programa da CETRAP⁷” (SANTOS, 2012, p.57 apud SERRA, 2019, p.13). Projeto esse que nunca veio a realidade e ao final dessa data o local continuou com a infraestrutura abaixo do necessário. Ademais a área já havia começado a fazer parte da construção da Barragem do Bacanga, compondo a ligação com o então núcleo da capital maranhense (EMAP, 2012; COSTA, 2017).

Figura 10. Área Itaqui-Bacanga na cidade de São Luís.

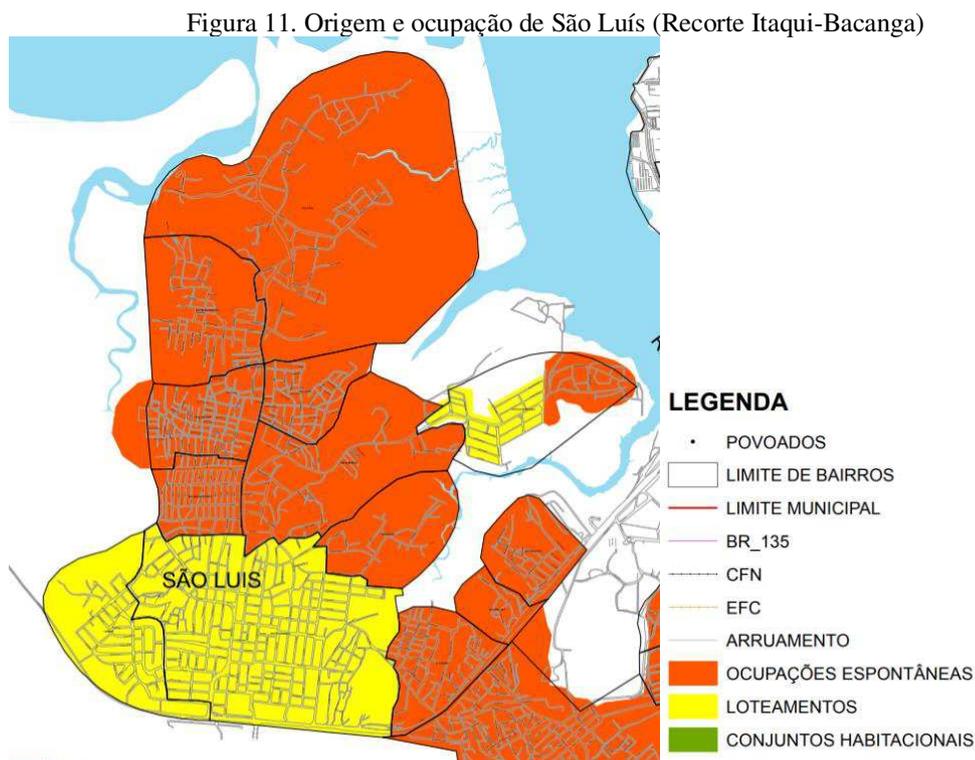


Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

⁶ Algumas informações foram retiradas de diálogos com residentes da própria Vila São Luís e adjacências.

⁷“A CETRAP (Comissão Executiva de Transferência de Populações) se responsabilizou em transferir os moradores das palafitas e bairros próximos à construção da Barragem do Bacanga” (DUTRA, 2017, p.57).

Dessa forma, o bairro e a área foram consolidando-se e, como é possível observar na figura 11, o processo de formação deu-se a partir de loteamentos e, em algumas regiões, de forma espontânea. Algumas ocupações foram efetivadas pela primeira chegada de moradores em meados dos anos 70. Como evidencia Dutra (2017), essa região foi alvo de um contingente populacional vindo do interior do estado em busca de melhores condições de vida e por isso, a cidade expandiu por muitas áreas sem planejamento algum e estabeleceu-se uma malha urbana desordenada.

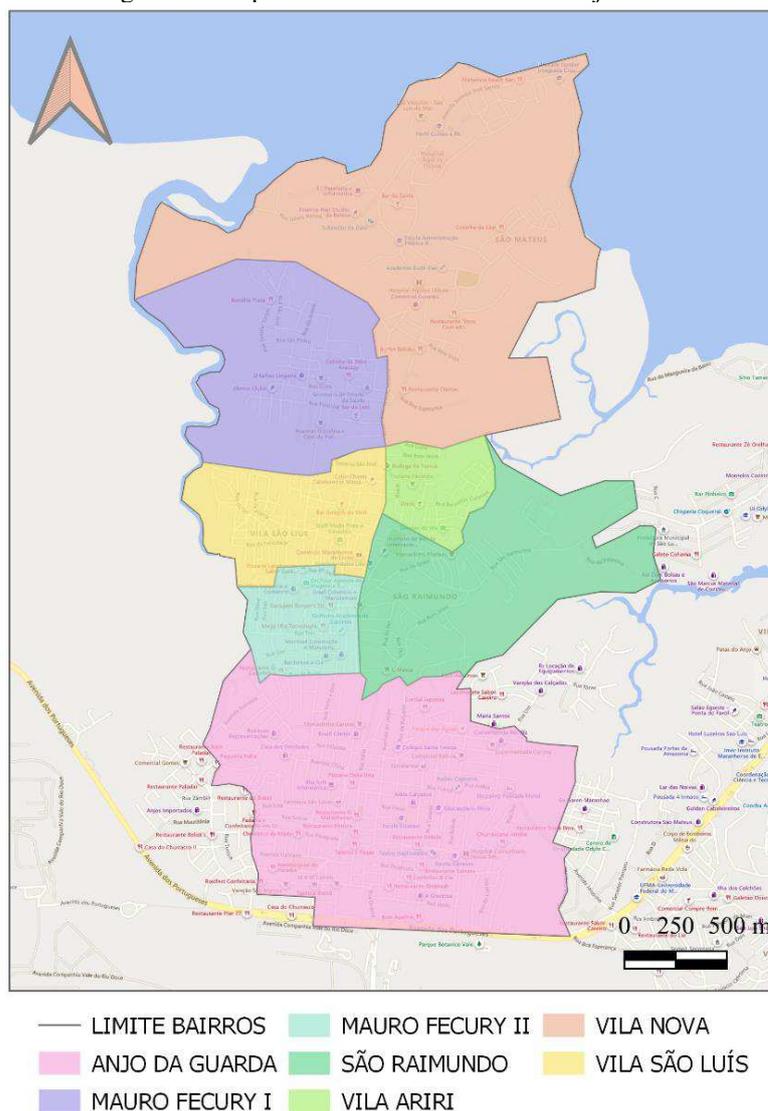


Fonte: INCID,2010; SEMURH,2001.

Embora a área seja formada por certas inconsistências organizacionais e a pouca atenção por parte do poder público, a EMAP (2012) salienta a força comunitária motora que toma frente das lutas em prol de direitos básicos para a população desde o princípio da formação do bairro e adjacências.

Dentre os 60 bairros pertencentes a área do Itaqui-Bacanga, a Vila São Luís é compreendida como um bairro satélite do Anjo da Guarda (figura 12) por ser um bairro de maior influência e o mais bem servido de serviços e equipamentos urbanos, segundo a EMAP (2012).

Figura 12. Mapa da Vila São Luís e bairros adjacentes.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

De acordo como diagnóstico realizado pela Empresa Maranhense de Administração Portuária (2012) a área conta com diversas deficiências com algumas demandas urgentes. Demandas essas onde a população da região enfrenta situações de violência, atendimento médico deficiente, mobilidade urbana precária, exploração sexual de jovens, submissão de crianças ao trabalho, além de muitos outros pontos sensíveis.

Observa-se que grande parte dos residentes possuem formalização adequada da propriedade e cerca de 50% das áreas são consideradas aglomerados subnormais⁸, ou seja, não

⁸ O IBGE (1991) define, aglomerados subnormais como um conjunto composto de no mínimo 51 habitações carentes e na maioria dos casos, carentes também de serviços essenciais, ocupando ou tendo ocupado, terreno de propriedade que não seja própria, sendo ele particular ou público, estando geralmente distribuídas de forma densa

possuem condições urbanas básicas de infraestrutura e serviços. Ainda sobre a infraestrutura, o bairro carece de abastecimento de água, nos quais 472 residências estão em estado de abastecimento abaixo do necessário. Além disso, 60% dos domicílios não possuem qualquer tipo de encanamento de esgoto e, portanto, recorrem a alternativas como a fossa séptica e fossa negra (IBGE, 2010).

A área também carece de sistema de saúde eficientes e de alta cobertura, por isso há dificuldade nos acessos aos serviços de saúde. Por muitas vezes há baixa capacidade nos atendimentos e equipamentos em más condições para efetivar as consultas e procedimentos. Respectivamente na área da Vila São Luís a população conta com a cobertura do atendimento médico oferecidas gratuitamente pelo SUS do Centro de Saúde São Raimundo com especialidades que vão de odontologia a atenção básica, pré-natal, partos, fisioterapia, tratamentos para hanseníase, etc.

Outro dado bastante alarmante, é a questão do trabalho infantil, que através de relatos encontram-se em oficinas e bicicletarias. 4% dos entrevistados identificaram trabalho infantil na região. A pesquisa apresentou dados nos quais 78% dos entrevistados alegaram “não, eles não existem” para o quesito espaços de esporte e lazer para crianças e adolescentes. Especificamente na área da Vila São Luís, 82,14% alegaram ausência desses tipos de espaços (EMAP, 2012; IBGE, 2010).

Segundo o diagnóstico da EMAP (2012), foram identificadas 10 dimensões para estratégias estruturantes baseadas nas condicionantes dos bairros da região. Dentre elas estão compreendidas: a adequação das condições de moradia, infraestrutura e o entorno (Nesse tópico encaixam-se os subtópicos relacionados à regularização fundiária, infraestrutura de água, esgoto e lixo, adequação do sistema de transporte público e espaços de esporte e lazer, parques e praças para a população); fortalecimento da educação; combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes; combate ao trabalho infantil; regularização da oferta e qualidade do atendimento em saúde com especial atenção à saúde materno-infantil; ações de combate ao desemprego; ações de combate ao desemprego, diminuição da pobreza; ações de garantia dos direitos das pessoas com deficiência, em especial acessibilidade física e comunicacional; segurança cidadã e o combate ao uso abusivo de álcool e drogas.

e desalinhada. Estas possuindo urbanização fora dos padrões mínimos, tanto por tamanho de vias, alinhamento, desordem no tamanho de lotes e precariedade em geral no sentido de serviços públicos.

A EMAP (2012) expõe alguns outros aspectos pertinentes sobre a região como a percepção de exclusão por parte da população pelo fato de estarem localizados entre empresas que geram grandes riquezas e uma grande universidade e não são verdadeiramente alcançados positivamente por elas. Além disso, agrega-se que a população sente-se afastada de decisões e aspectos políticos governamentais e não governamentais, principalmente sobre reverberação positiva no bairro. Apesar de que conforme relatos há hoje em dia uma maior movimentação acerca dessas questões na região.

A Vila São Luís

De certo, o bairro e as redondezas abordados na pesquisa estão inseridos em contexto de desigualdades estruturais e são alvo de pré-conceito por parte de parcela da população que habita em bairros considerados de classe média e/ou alta.

Serra (2019) observa em seus estudos sobre assentamentos urbanos, que a Vila São Luís é considerada um território onde predominam as linguagens de autoconstrução e são, sobretudo, mais uma evidência de que a população procurou consolidar-se nesse território por conta própria e como as soluções de habitação surgiram ao longo do tempo. Embora rotulado como um bairro unanimemente de baixa renda, de acordo com Serra (2019), no que diz respeito ao caráter rústico das habitações, essa não é uma característica única da região pois a mesma possui fatores econômicos variáveis hoje em dia, ou seja, há no bairro uma variação das tipologias por causa da diversidade de condições econômicas.

O bairro é predominantemente residencial com alguns poucos pontos de comércio na rua 26 e em algumas outras vias adjacentes (rua Cinco e a própria avenida José Sarney são alvos de adensamento comercial) afinal, o bairro é adensado e os espaços livres e disponíveis para qualquer outro tipo de atividade são raros. Portanto, os residentes utilizam as ruas para algumas atividades do cotidiano.

A Vila São Luís encontra-se nesta condição de dependência de outros bairros em alguns aspectos. Embora algumas necessidades imediatas sejam atendidas (como é o caso de supermercados, feira, lojas de roupas, padarias e lanchonetes).

Ao percorrer as ruas do bairro e conversar com alguns residentes da Vila São Luís, percebe-se uma parcela de pessoas engajadas nas atividades da e na comunidade. De acordo

com relatos de moradores, a rua da Esperança foi pavimentada com bloquetes sextavados de concreto pelos próprios moradores da rua e da área circundante, figura 13, através do projeto Rua Digna⁹. A rua dá acesso ao Campo do Canarinho (figura 14) o qual é outro fator que reuniu a força da comunidade local e autoridades para a construção. O campo é o local onde ocorrem as competições de futebol do Campeonato da Vila São Luís do time local e adjacências.

Figura 13. Rua da Esperança.



Fonte: Arquivo Taynah Machado, 2021.

⁹ Projeto realizado pelo Governo do Maranhão onde foram realizados por intermédio da associação comunitária nos bairros espalhados pela capital. A realização dá-se na forma de mutirão, no qual a prefeitura fornece os materiais e os moradores dão a mão de obra (GOVERNO DO MARANHÃO,2020).

Figura 14. Campo do Canarinho.



Fonte: Arquivo Taynah Machado, 2021.

6.2 Reconhecimento do recorte

Como resultado das visitas ao local, do levantamento de dados e também do relato de moradores sobre aspectos da região, foram elaborados levantamento e mapas para análises. Algumas informações foram recolhidas via websites, arquivos digitais e os mapas confeccionados através do software de produção de mapas QGIS.

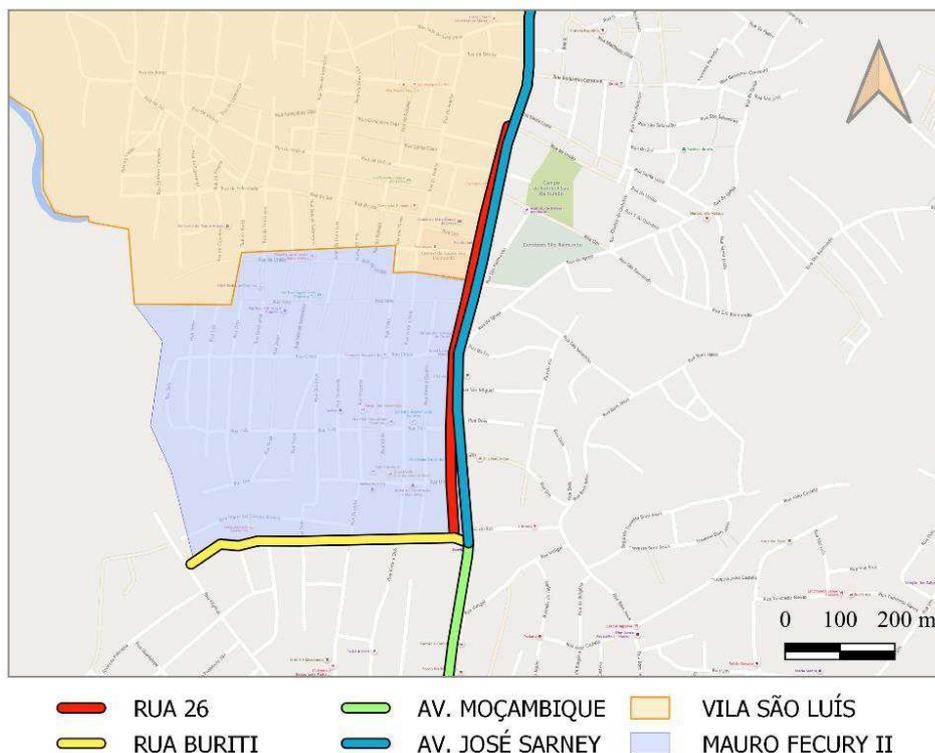
A rua 26 e acesso

Os principais acessos à área de estudo se dão por conexões da Avenida José Sarney e a Avenida Moçambique e perpendicularmente conectada a rua Buriti. A rua 26 faz a conexão entres os bairros Mauro Fecury II e Vila São Luís, configurando-se como rua paralela e coletora à Avenida José Sarney, conforme indicado no mapa (figura 15).

O acesso principal e único do Bairro da Vila São Luís dá-se pela avenida Moçambique vinda diretamente do Anjo da Guarda e logo, depois da ligação perpendicular com a rua Buriti torna-se avenida José Sarney. A rua 26 entende-se por cerca de 700 metros até novamente se desfazer em um ponto de encontro com a avenida José Sarney.

Embora a rua possua uma relevante extensão, para este trabalho foi realizado um recorte demonstrado na figura 16. Neste recorte, são trabalhadas 3 quadras de usos residencial, institucional, comercial e misto (figura 17,18 e19)¹⁰, abrangendo uma extensão de cerca de 400 metros. O recorte mencionado parte da rua Três até a rua da União as quais fazem ligações perpendiculares diretas com a rua 26.

Figura 15. A rua 26 e suas conexões.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Como justificativa para a escolha do recorte, tem-se o relevo que a partir da ligação da rua 26 com a Três há uma acentuada declividade, dificultando assim a proposição de algumas atividades e também é um ponto no qual há possibilidade de escoamento caso a rua seja interditada temporariamente por alguma atividade. Já para a outra extremidade, justifica-se a limitação até ponto de encontro da rua 26 com a rua da União em razão de haver, a partir desse ponto, uma área de infraestrutura acentuadamente precária como esgotamento a céu aberto e a má infraestrutura de calçadas e via, impossibilitando algumas propostas.

¹⁰ Para fins de organização, as três quadras trabalhadas foram enumeradas de baixo para cima (Figura 16), em 01, 02 e 03.

Figura 16. Delimitação da área de estudo.



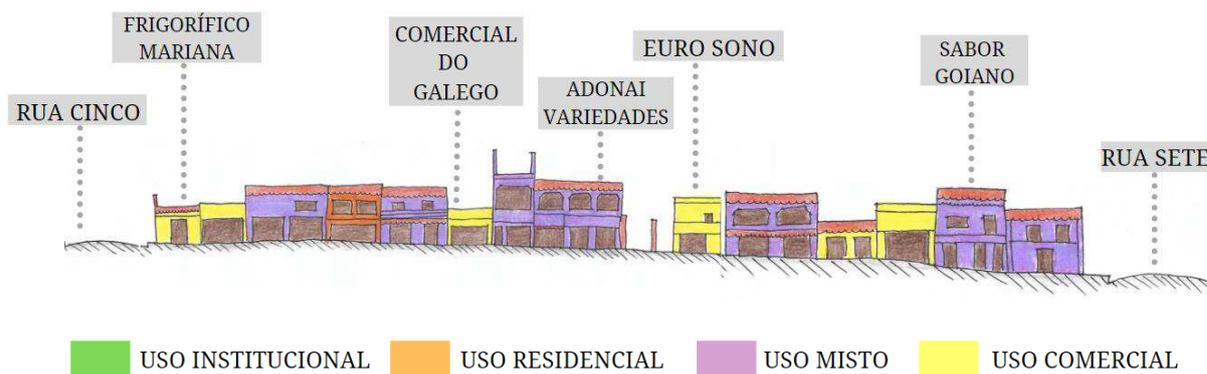
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Figura 17. Usos da quadra 01 da rua 26.



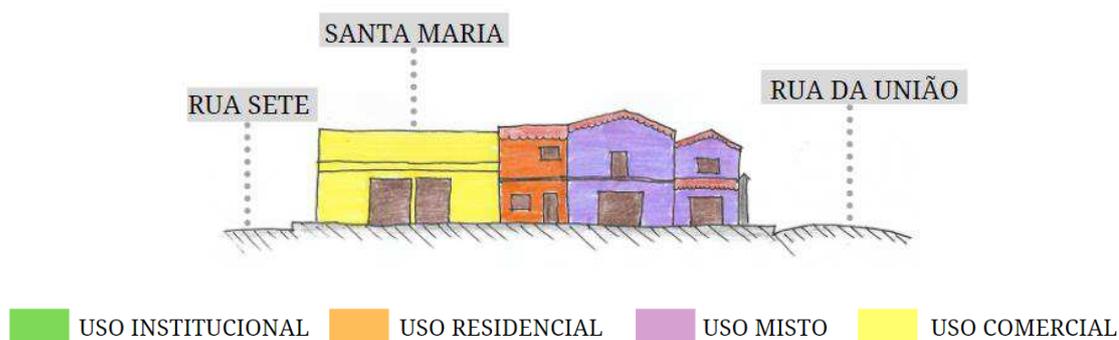
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Figura 18. Usos da quadra 02 da rua 26.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Figura 19. Usos da quadra 03 da rua 26.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A influência da rua 26

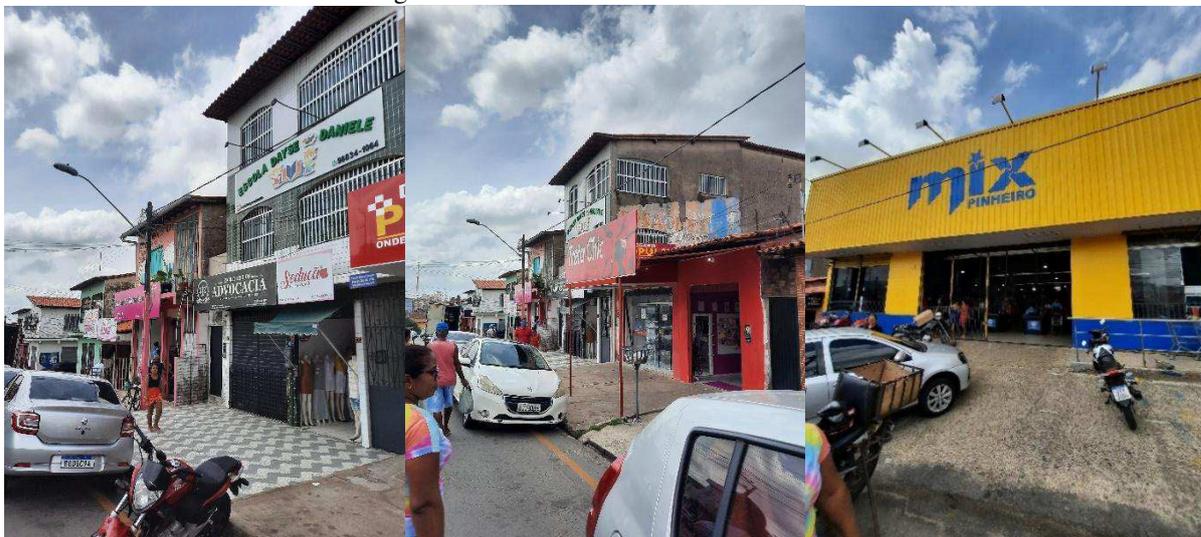
A vila São Luís possui carácter denso. Por esse motivo, as áreas livres são pouco observadas na área. Além disso, a rua 26 é considerada como uma rua coletora¹¹ e abarca algumas atividades comerciais além da feira, como supermercados, lojas de roupas, padarias e lanchonetes, como mostra a figura 20.

Os diagnósticos correspondentes à região denunciam a infraestrutura precária. Ao observar esses aspectos *in loco*, a questão do esgotamento sanitário é de fato algo preocupante principalmente quando se trata de comércio sobretudo alimentício, como mostrado na figura 21

¹¹ O Código de Trânsito Brasileiro, Lei Nº 9.503/1997, define via coletora como aquela destinada a coletar e distribuir o trânsito que tenha necessidade de sair ou entrar das vias de trânsito rápido (conhecidas como arteriais), possibilitando o trânsito dentro das regiões da cidade (BRASIL, 1997).

e 22. Portanto, de acordo com a visita realizada, para a pesquisa alguns aspectos foram observados. Quanto a questão da infraestrutura na rua varia em alguns pontos ao longo da via e há a presença de esgotamento sanitário a céu aberto e calçadas em mal estado de conservação precário.

Figura 20. Diversidade comercial na rua 26.



Fonte: Arquivo Taynah Machado ,2021.

Figura 21. Infraestrutura ao longo da rua 26.



Fonte: Arquivo Taynah Machado, 2021.

Figura 22. Infraestrutura ao longo da rua 26.



Fonte: Arquivo Taynah Machado, 2021.

A rua 26 faz conexão entre os bairros Mauro Fecury II e a Vila São Luís abarca a maioria das atividades entre esses dois bairros. Dentre as atividades aquela de maior evidência é a feira conhecida como a Feira da Mauro Fecury II (figura 23).

Figura 23. Feira Mauro Fecury II.



Fonte: Arquivo Taynah Machado, 2021.

A feira acontece todos os dias e, segundo relatos dos moradores, o abastecimento das barracas acontece durante a madrugada, embora o movimento de vendas comece às 7:00 da manhã, que é o horário de pico de saída para o trabalho (e demais ocupações) da maioria dos residentes durante a semana (Figura 24). Perto das 12:00 o movimento diminui, embora ainda haja algumas barracas que permanecem ativas por todo o dia até cerca de 18:00 e 19:00, que é o horário de pico de chegada dos moradores que trabalham fora do bairro. Outro fato observado é que no decorrer do dia algumas barracas que antes funcionavam para a venda de um certo produto pela manhã, pela noite, alteram os produtos que ali vendem, dinâmica característica principalmente nas sextas-feiras sobretudo em finais de semana (figura 25).

A dinâmica dos finais de semana agrega à feira e de acordo com moradores, especialmente em dias de domingo, a feira encontra-se notoriamente mais cheia pela manhã e no período da tarde/noite há sempre mais movimento na rua em razão de que maior parte dos moradores estarem pelo bairro e as atividades voltarem-se mais para lanches (figura 26, 27 e 28). Alguns desses pontos de lanches estão tanto na rua 26 quanto em uma das calçadas da avenida José Sarney (esses esperam as lojas fecharem para colocarem a sua estrutura improvisada e começar a vender (figura 28).

Figura 24. Funcionamento da feira durante o dia durante a semana.



Fonte: Arquivo Taynah Machado, 2021.

Figura 25. Funcionamento da feira durante a noite durante a semana.



Fonte: Arquivo Taynah Machado, 2021.

Figura 26. Funcionamento das barracas de lanches no domingo.



Fonte: Arquivo Taynah Machado, 2021.

Figura 27. Funcionamento das barracas de lanches no domingo.



Fonte: Arquivo Taynah Machado,2021.

Figura 28. Funcionamento das barracas de lanches no domingo.



Fonte: Arquivo Taynah Machado,2021.

A apropriação dos feirantes com o local é tanta que já possuem seus lugares “marcados” e há um zelo pelo local (figura 29). Nota-se que a estrutura da feira é de certa forma improvisada e caracterizada pela colocação de barracas com cobertura de lona e, de forma rústica, expõem seus produtos. A estrutura da feira é colocada na calçada entre a rua 26 e a avenida José Sarney, e quando não há tanto espaço na calçada, são diretamente locadas na estreita estrutura da via da rua 26. Com isso, o espaço encontra-se prejudicado para as atividades

e o constante fluxo de veículos. Segundo relatos, já aconteceram alguns acidentes por conta dessa mescla de fluxos, especialmente no cruzamento localizado entre a avenida José Sarney e a rua 26. Segundo alguns moradores, o abastecimento das lojas de maiores proporções acontece durante o período da manhã contribuindo ainda mais para o choque de atividades. De acordo com eles, a rua já foi alvo de atividades por parte principalmente de instituições como igrejas, que interditam a rua e reúnem-se para celebração e realização de atividades de toda sorte.

Figura 29. Feirante organizando sua tenda e varrendo a sua área da calçada.



Fonte: Arquivo Taynah Machado, 2021.

A sazonalidade é uma característica notável e marcante presente na rua 26, além da visível diversidade que a via abarca, tanto no decorrer do dia quanto nos diferentes dias da semana. Por essa razão, compreende-se assim a relevância da adaptabilidade desse ambiente ao cotidiano dos moradores da região. Assim, reflete-se acerca de aspectos temporais em meio urbano e qual o valor dessas noções para o meio quando transcritos na forma de ações que sejam temporárias.

6.2.1 O valor de intervenções temporárias e marcas deixadas na cidade

O espaço público da rua, quando reconhecido de seu papel no planejamento e ações projetuais em intervenções urbanas e na qualidade de vida de seus usuários, assume nova faceta frente à responsabilidade de fazer a diferença e contribuir para o fomento de novas

oportunidades para o âmbito econômico e no social promovendo a equidade social e não menos importante, equidade em saúde.

Nesse sentido, observa-se uma carência de convites do espaço urbano no que diz respeito a utilização em forma de permanência ou mesmo de melhor caminhabilidade para seus cidadãos. Por essa razão, as opções que hoje fazem das cidades um ambiente vivo e realmente um bom lugar, remanescem sobre as novas formas sustentáveis de refletir o ambiente urbano, as quais procuram reativar os espaços públicos mesmo que de forma temporária, assim, trazendo qualidade urbana, sentido, identidade e qualidade de vida para os seus habitantes.

Posto que a cidade é um organismo vivo, tida como caótica, múltipla e espontânea, à luz da sustentabilidade, o espaço público em si, a rua, é vista como uma possibilidade de refúgio frente às condições de vulnerabilidade e espontaneidade. Fontes (2012) debruçar-se sobre o fato positivo da característica efêmera da contemporaneidade, encarando-a como uma forte expressão em forma de válvula escape e liberdade dos indivíduos uma vez que a alta velocidade desse contexto pode abrir espaço para sua potência na forma de inquietações e imaginação que não mais estejam atreladas às normas prontas principalmente quando se trata desse comportamento com rebatimentos no urbanismo.

À vista da característica efêmera, Fontes (2012) retrata e trabalha as ações temporárias e sazonais no espaço urbano na contemporaneidade, como ações intituladas *intervenções temporárias*. Aborda também esses espaços como forma de atitude de agir e pensar a transformação dos espaços. A justificativa da autora pauta-se no argumento de que

(...) apesar de temporárias, elas paradoxalmente têm um impacto sobre os lugares que pode ser duradouro, e a intenção é verificar de que forma elas interferem nos espaços da vida coletiva em diferentes contextos urbanos. As intervenções aqui discutidas são intencionalmente temporárias, porque surgem de uma atitude diferenciada frente à cidade contemporânea e suas idiossincrasias (FONTES, 2012, p. 32).

Como uma forma desse escape, as ações temporárias surgem com o propósito de suprir as falhas do Estado, segundo Balem (2019). Alguns usos são dados de forma planejados, outros não, já outros são informais ou formais, espontâneos ou acidentais. Por essas amplas condições e diferentes contextos, as atividades temporárias devem ser cuidadosamente definidas.

Para agregar a discussão, Balem (2019) propõe-se discutir questões principais desses tipos de ações. Essas estariam dispostas por dois eixos principais: social e o econômico. A respeito do caráter social, observa-se um emergir de ações promovidas por movimentos sociais e coletivos aplicados à melhoria da qualidade do espaço e de vida nas respectivas comunidades.

Apresentam-se vínculos entre as ações efêmeras e os contextos de modo que haja um interesse de um grupo específico o qual procura agir por esta causa em escala mais reduzida. No sentido econômico, as ações sazonais proliferam maior visibilidade, oportunidades de novas formas de geração de renda e novas formas de consumo. As ações praticadas valem-se, segundo Balem (2019, p.02), da “(...) condição atmosférica do lugar e de sua vacância como elemento de seu projeto.”.

Questão essa levantada por Lynch (1959) quando se refere à construção desses bons lugares depende da decisão da forma desse aglomerado a partir das seguintes reflexões:

(...) apenas em objetos físicos inertes? Ou também em organismos vivos? quais são as atividades que as pessoas desenvolvem? Qual é a estrutura social? O sistema econômico? O sistema ecológico? O controle do espaço e o seu significado? Como é que se apresenta aos sentidos? Quais são os seus ritmos diários e sazonais? As suas mudanças seculares? (LYNCH, 1959, p.127).

Para que essas atitudes sejam praticadas em meio urbano, Lynch (1959), propõe-se trazer à tona a temática da construção de sentido, o qual representa “ a união entre a forma do ambiente e os processos humanos de percepção e de cognição” (LYNCH, 1959, p.127). Ainda que esse fator dependa da forma e da qualidade do espaço, há outros aspectos a serem considerados como a própria cultura, a experiência, os órgãos responsáveis, do temperamento e sobretudo do objetivo genuíno de quem observa uma vez que a percepção é um feito da criatividade. Lynch (1959) alude que a forma mais simplista de sentido é a identidade e que esta expressa “ o nível a que uma pessoa consegue reconhecer ou recordar um local como sendo distinto de outros locais – como tendo um carácter próprio vívido, único, ou pelo menos particular” (LYNCH, 1959, p.127).

Tendo em vista esses aspectos ratifica-se, portanto, a necessidade de uma estratégia para a melhoria das áreas urbanas e vida das pessoas. A colocação do usuário no centro dessa estratégia deve surgir a partir de uma abordagem gradual, que é justamente o entendimento da modificação cotidiana e gradual do ambiente pelos usuários e dessa forma encaixar-se no contexto já existente, como cita Lynch (1959). Com isso, construir um ambiente responsavelmente adaptado perante a qualquer contexto de aglomerados humanos, com aplicação de conceitos gerais e ações que sejam específicas, fazendo ligação do espaço físico e valores humanos.

6.3 Aplicação do mapa da empatia

Em virtude dos ideais anteriormente discutidos, a aplicação do Mapa da Empatia faz-se útil nesse processo de conhecimento dos desejos dos usuários e suas necessidades de forma mais profunda e empírica.

Introdução ao Mapa da Empatia

Para a aplicação desse método fez-se necessária uma visita ao bairro da Vila São Luís, na qual foi possível contactar 7 moradores do bairro, dentre eles 2 são ex-moradores. As conversas foram conduzidas por meio de conversas informais e perguntas abertas, adaptadas ao contexto urbanístico para esta pesquisa, como descritas abaixo.

Aplicação do Mapa da Empatia com os residentes da Vila São Luís



Lucilene

46 anos

Diarista e vendedora

- **O que pensa e sente?**

Lucilene expôs suas reais preocupações e suas aspirações com relação à sua vida no bairro e relatou a sua realidade. Ela conta que ¹²

Sobre o bairro, me sinto em casa. Não existe palavra melhor para descrever isso porque foi aqui que eu me estabeleci com meus filhos, que hoje já estão grandes e tomaram seus rumos. Tenho orgulho de onde eu vivo porquê é onde eu construí minha casa, e construí com muito suor (LUCILENE,2021).

Sobre a segurança, Lucilene sente e aponta que:

Aqui eu não me sinto insegura, aqui tem fama de facção, de maloqueiro na esquina, mas aqui é supertranquilo. Já aconteceu, já sim, mas é muito raro. Talvez até mais raro do que em qualquer outro bairro da cidade. Até porque as facções que tem aqui no bairro não roubam nem fazem nada com ninguém aqui, porque se fazem, levam punição. E assim, insegurança existe, mas eu gosto de morar aqui, pois moro há 14 anos. Eu, aqui, me sinto em um ambiente familiar e me sinto feliz em morar aqui. No máximo o que eu tenho visto foi confusão de vizinho, que eu quase nem vejo isso por aqui. Na verdade, eu passo muitas horas fora de casa e é até difícil eu ver mesmo, mas

¹² Entrevista concedida por LUCILENE. **Entrevista I.** [Dezembro 2021]. Entrevistador: Taynah Machado Pacífico de Sousa. São Luís,2021.

de ficar sabendo, não. Sobre minhas preocupações eu poderia dizer que as vezes, sim, à noite meu marido sai pra trabalhar e eu fico sozinha e isso, sim às vezes me deixa preocupada (LUCILENE,2021).

Sobre suas aspirações:

Eu gostaria de poder adicionar à minha rotina algo de estudo porque eu quero muito voltar a estudar e voltar à ativa, mas teria que ser pela noite porque eu trabalho e a única hora livre que eu tenho, mesmo cansada, eu queria estudar porque eu sei que é necessário. Teria que ser aqui pelo bairro porque não dá pra ficar indo longe também não! (LUCILENE,2021).

- **O que vê?**

Eu vejo a feira aqui, a feira da Mauro Fecury II que acontece todo dia, mas ela não é a melhor. A gente que mora aqui a gente sempre precisa tá indo nos outros bairros principalmente o Anjo. A feira do Anjo tem mais opção, maior qualidade e o preço é menor. Pela comodidade, compramos aqui, mas a de lá é melhor apesar do custo porque a gente tem que ir pagando passagem, andando não dá (LUCILENE,2021).

Quando o assunto inclinou-se para familiares e relações conjugais, logo comentou que

Aqui o que mais tem é parente que mora próximo. A avó, mãe, pai e irmã do meu marido moram subindo essa rua aqui e minha irmã também com as minhas sobrinhas. O pai dele é conhecido por aqui porque tem um bar que é logo ali na esquina. Tem sempre festa de reggae no bar dele. O pessoal gosta bastante. Aqui todo mundo acaba se conhecendo mesmo, tem jeito não, tanto amigos, quanto família, vizinho e tudo. O pessoal sempre se ajuda e se apoia por aqui (LUCILENE,2021).

Sobre os elementos do seu cotidiano Lucilene (2021) diz que

O que mais eu gostava de fazer mesmo era minha academia, aquela ali da Vila Ariri mas tive que parar porque faltou grana e também teve essa confusão toda de pandemia. Eu ia umas três vezes na semana. Agora o que resta mesmo o sedentarismo, mas eu sei que tem umas atividades que o povo faz por ali por cima, no posto de saúde, que botam as mulheres pra dançar zumba e fazer exercício e eu até já fui umas duas vezes quando tem, é bem legal até e se não fosse isso a gente tem a opção da estação da Vale ali na avenida, mas é muito longe.

- **O que fala e faz?**

Eu sou uma pessoa que gosto de sair logo de manhã pra resolver as coisas quando eu tô em casa, fico inquieta até. Eu sempre vou de manhã comprar logo os legumes e coisas de comida porque é a melhor hora e melhor de achar coisa boa na feira. Assim de outra coisa que faço mesmo é agora tô mais envolvida com as coisas da comunidade, eu nem procurava nem nada porque eu mesma já tinha perdido as esperanças em tudo então eu ficava na minha mas agora que tem umas atividades agora que tão surgindo e eu pra te ser sincera não tava nem aí mas eu percebi que é importante isso de se engajar eu vejo minha irmã que vive com o pessoal da igreja dela fazendo coisa por aqui e foi por ela que eu soube do grupo de Mulheres Guardiãs¹³. Dei até uma animada também e eu até fui lá na reunião que marcaram, acho que vai ser bom até. A gente até vê a comunidade fazendo coisas, tem sempre alguém que participa de algo, minha vizinha mesmo é dona disso. Mas assim, parece que até que enfim vão fazer as coisas pro povo daqui (LUCILENE,2021).

¹³ O programa do Governo do Maranhão direcionado às mulheres moradoras de bairros com maior vulnerabilidade social e zonas rurais chamado Mulheres Guardiãs, é um incentivo e auxílio em capacitação técnica para disseminar conhecimento sobre direitos das mulheres e aumentar conscientização sobre violência (GOVERNO DO MARANHÃO,2021).

Sobre suas ocupações e um pouco da sua rotina,

Eu não vou te mentir que eu até que me comunico bastante por aqui porque eu sou revendedora da Natura e eu tenho que vender meu peixe e fazer cobrança, passar pedido e tudo. Esse é o meu segundo trabalho. Com isso de sair, sair mesmo eu não saio muito até porque a grana é curta. O máximo que a gente faz aqui é se reunir com a família, amigos nas casas e tal no final de semana que eu tô em casa. Muito raramente a gente vai pro centro ou mesmo na praia. É difícil. Eu fazia mais antes de sair pra dançar reggae com meu nego mas fui deixando mais (LUCILENE,2021).

- **O que ele escuta?**

Lucilene (2021) diz quando perguntada sobre o que escuta “Ah mermã, aqui é só mesmo coisa de violência quando aparece! Naquele tal de jornal do Itaqui-Bacanga e nada mais”. Outro aspecto trazido pela entrevistada

Escuto muita gente falando que tá indo embora do bairro, vendendo a casa e voltando pro interior, justamente o contrário do que aconteceu no começo, o pessoal que vinha do interior pra ficar aqui, como eu. Eu acho que isso é muito de como a insatisfação com tudo, tanto com o governo, quanto aos próprios dirigentes do bairro, com as condições daqui, trabalho, vida mais tranquila e tal e lá é mais barato mesmo (LUCILENE,2021).

- **Quais são suas dores, seus medos, frustrações e obstáculos?**

Com isso de medo, eu tenho que falar da segurança, porque é o que preocupa a gente sempre. Minhas frustrações de agora por exemplo é o meu sedentarismo que atrapalha em tudo, fico toda travada, canso muito e eu deveria ter me envolvido mais nas atividades daqui da comunidade (LUCILENE,2021).

- **Qual seriam os seus ganhos e desejos específicos?**

“Locais de lazer, caminhada que não tem, aqui pra se locomover é meio complicado porque tem muitas ladeiras. Daqui pra avenida tu fica morta de cansada. Eu desejaria um senso comunitário maior, que as pessoas fossem mais engajadas e mais coisas aqui pelo bairro e tivesse mais atividades por aqui e isso seria bom”. Acrescenta Lucilene (2021) “Coisa para se fazer aqui e não ter que ir a outro bairro”.

- **O que é um bairro bom para você?**

“Pra mim um bairro bom é aquele que tem tudo e é onde você se sente bem” (LUCILENE,2021).



Beneilson

29 anos

Vigilante e pedreiro

- **O que pensa e sente?**

“Sempre o que eu penso daqui é a questão da segurança. Eu saio pra trabalhar, deixo minha esposa em casa à noite, fico preocupado. Por mim também já que eu trabalho de vigia, nunca se sabe, né?”¹⁴ (BENEILSON,2021). Sobre as suas aspirações ele relata o desejo de “fazer a minha casa, e quem sabe um dia construir umas *kitnet* para aluguel”. Também diz que

Como eu sou muito relax eu não tenho muita preocupação. Mas vejo que tem muito o que melhorar como a infraestrutura. Moradias construídas de uma vez ao invés de ficar com a casa meses e meses em construção, mas é o jeito e é a condição que temos e é assim que a gente tem feito por esses tempos que tão a cada dia mais difíceis (BENEILSON,2021).

Quando questionado, o entrevistado reflete sobre as fases e os diferentes aspectos observados pelo bairro

Hoje em dia eu vejo que a atenção do poder público já tá mais por aqui e também creio que seja por causa das pessoas envolvidas que são daqui do bairro. Se aqui é ruim de infraestrutura, tem uma parte melhor e mais nova que parece até outra vila, rua asfaltada, casa reformada e diferente e tudo e também tem uma parte pior (BENEILSON,2021).

Sobre essa parte nova e que recebe atenção recente aponta que “Tempo de eleição é assim mesmo”.

- **O que vê?**

Vejo muito isso bastante quando passo pelas ruas e as pessoas me cumprimentam, até minha esposa fica agoniada de ter que parar o tempo todo pra falar porque eu nasci e cresci aqui, então eu conheço muita gente. Em geral sou um cara do bem e que tenho boas relações aqui com as pessoas até porque minha família vive aqui também, como uma rua de distância logo ali pra cima. Tem também o bar dele que os pessoal gosta de fazer uma “resenha”, botar um reggae na radiola e tal, tomar uma cervejinha. É o dia que a gente relaxa e toma a gelada com a galera, sempre bom (BENEILSON,2021).

- **O que fala e faz?**

Beneilson fala sobre a relação com os demais moradores do bairro e o que normalmente faz em sua rotina no bairro

¹⁴ Entrevista concedida por BENEILSON. **Entrevista II**. [Dezembro 2021]. Entrevistador: Taynah Machado Pacífico de Sousa. São Luís,2021.

A gente gosta de sair, mas é sempre muito simples e casual e final de semana no sábado e domingo mesmo. Carne assada na casa dos parentes por aqui. Restaurante por aqui nem tem, o que a gente gosta é às vezes pedir uma coisa ou outra. Às vezes a gente gosta de reggae e forró, seresta. Evento mesmo é só a via sacra e no Anjo, os bares por aqui que tem uma radiola de vez em quando só (BENEILSON,2021).

- **O que ele escuta?**

Quando perguntado sobre o que escuta: “Mas não é perigoso? É uma pergunta corriqueira. A gente vive bem, mas sem vacilar! Até porque ninguém pode mexer com os moradores do bairro porque a facção castiga.” Sobre o que a mídia fala da Vila São Luís, diz que “Não mostram mais nada além de casos de violência, só mesmo”.

- **Quais são suas dores, seus medos, frustrações e obstáculos?**

“Medo, medo mesmo sé violência e a segurança” diz Beneilson (2021). Sobre obstáculos Beneilson (2021) diz “É essas partes mais esquecidas do bairro sempre ficam no esquecimento, não recebem melhorias.”

- **Qual seriam os seus ganhos e desejos específicos?**

Beneilson elenca nesta questão que gostaria que o bairro tivesse é que o bairro fosse melhor suprido com mais serviços de toda sorte e mais atividades que envolvam a comunidade e é claro uma melhor infraestrutura, como iluminação etc.

- **O que é um bairro bom para você?**

Um bairro bom pra mim, é um bairro que é mais acessível, que tenha mais opções o público da classe pobre, mais coisa perto que a gente não tenha que ir muito longe, pegando ônibus. Um bairro bem asfaltado, com pontos que a gente pode tá indo curtir com a família. Um lugar assim, para todo mundo! (BENEILSON,2021).



Lucivanda

27 anos

Recepcionista e esteticista

- **O que pensa e sente?**

A respeito do que sente em relação ao bairro, diz

Gosto muito de morar aqui, mas as vezes em um futuro próximo, tenho vontade de ir para mais perto do Anjo da Guarda. Antes até pensei em sair do bairro e ficar mais perto do meu trabalho e das coisas que gosto de fazer (LUCIVANDA,2021)¹⁵.

¹⁵ Entrevista concedida por LUCIVANDA. **Entrevista III**. [Dezembro 2021]. Entrevistador: Taynah Machado Pacífico de Sousa. São Luís,2021.

Relata quanto à segurança “seriam com os assaltos de sempre e a falta de infraestrutura. Eu vou comentar, mas eu tenho certeza que o que mais sinto aqui é meio que geral, as pessoas sempre vão falar que pensam no bairro como um bairro de infraestrutura fraquíssima.” (LUCIVANDA,2021).

- **O que vê?**

Eu vejo que é um bairro bom pra se morar porque temos vários familiares que residem no mesmo local então sinto a sensação de acolhimento, então eu consigo ver uma comunhão no bairro porquê várias famílias se encontram exatamente como a minha, morando perto. Todo mundo conhece todo mundo e isso coopera para nós ajudarmos uns aos outros (LUCIVANDA,2021).

Outro aspecto observado pela entrevistada é o fator infantil no bairro “Eu vejo que quase não tem atividades infantis porque o que eu frequentemente vejo é criança jogando na rua aqui, e as ruas são horríveis!” (LUCIVANDA,2021).

- **O que fala e faz?**

Gosto de fazer várias coisas mais sou fissurada na academia, não sou muito de sair à noite prefiro o aconchego do meu lar, não sou muito envolvida com a coisas do bairro não. O que eu faço as vezes é sair aqui pra lanchar com meu namorado. Tomar um açáí, comer uma pizza, hambúrguer somente nos dias em que eu estou fora da dieta. (LUCIVANDA,2021).

- **O que ele escuta?**

Sobre o que costuma escutar quando perguntada sobre o bairro onde mora diz que “Sendo bem sincera eu escuto muitas pessoas falando que aqui é muito perigoso devido a marginalidade, não tiro a razão até eu concordo mais já acostumei.” (LUCIVANDA,2021).

- **Quais são suas dores, seus medos, frustrações e obstáculos?**

Sobre essas questões, a moradora ressalta que:

A falta de infraestrutura no bairro nos entristece muito principalmente em tempos de grandes chuvas devidos a alagamentos, e sem dúvida, a marginalidade que temos em abundância no nosso bairro. Creio que o que todo mundo deseja é um bairro mais seguro acima de tudo (LUCIVANDA,2021).

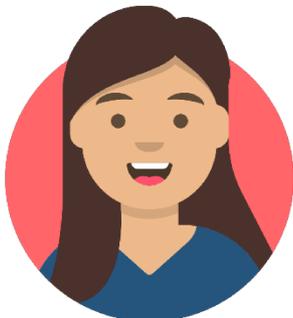
- **Qual seriam os seus ganhos e desejos específicos?**

A entrevistada aponta seus desejos e pontos positivos para o bairro seriam

Eu creio que projeto social infantil, implantação de academia ao ar livre, um bom asfaltamento e projetos para jovens porque muitos dos jovens que tem no bairro, no caso das meninas engravidam cedo demais, já os meninos se perdem nas drogas e na marginalidade. Então eu creio que seria muito significativo a implantação desses projetos nas vidas pessoas (LUCIVANDA,2021).

- **O que é um bairro bom para você?**

“Ter um ótimo serviço de transporte, boa infraestrutura, boa iluminação, abastecimento de água todos os dias e de boa qualidade e também um policiamento” (LUCIVANDA,2021).



Kelia

40 anos

Diarista

- **O que pensa e sente?**

Kelia diz que “Eu tenho muito orgulho de viver aqui, já morei em outros bairros, mas eu me encontrei aqui. Me engajei na comunidade, encontrei meu lar e me dou bem com meus vizinhos. Faço parte da comunidade. Eu me conquistei aqui.”¹⁶ (KELIA,2021).

- **O que vê?**

“Aqui tem a feira que é a da Mauro Fecury II, mas eu uso mais o supermercado porque já tem tudo no mercado e na feira tem que comprar de pouquinho e pouquinho e ainda não aceitam cartão”, aponta Kelia (2021). A entrevistada ressalta a movimentação de instituições religiosas

As igrejas daqui são muito engajadas, vivem fazendo coisa aqui pelo bairro. É rifa, é feijoada, é noite de doces, contribuindo com cesta básica. Se tem alguém doente também a faz pra ajudar. Aqui a gente sempre faz rifa também, a gente se reúne pra fazer essas rifas. Pra botar o time no campeonato da Vila São Luís, que acontece no Campo do Canarinho, tudo custa (KELIA,2021).

Ainda, coloca a questão do ensino “as crianças ficam jogadas e só tem duas escolas aqui. Pra crianças do jardim, não tem uma creche sequer. Se quiser colocar tem que pagar e nem sequer é barato” (KELIA,2021).

- **O que fala e faz?**

Me chamam as vezes de ‘vereadora’. O pessoal da igreja me ama, o pessoal do futebol também. Até no final de semana eu tô com esse povo, no sábado é com os coroaes e domingo dos mais jovens. É que a sede do time é aqui na minha casa, no meu quintal, a gente faz festa, reunião e tudo quanto é coisa (KELIA,2021).

Outra atividade relatada para responder essa questão, Kelia conta que

¹⁶ Entrevista concedida por KELIA. **Entrevista IV**. [Dezembro 2021]. Entrevistador: Taynah Machado Pacífico de Sousa. São Luís,2021.

Eu faço parte do GUME¹⁷ também, que é uma ONG que trabalha projetos sociais como aula, zumba, capoeira, cursos de pintura e essas coisas. É projeto do coletivo NÓS que é o grupo de vereadores que dão força. Em cada bairro tem um membro que foca, e no nosso é o do próprio bairro (KELIA,2021).

- **O que ele escuta?**

Eu nem digo que Vila São Luís, porque ninguém sabe assim de nome. Eu digo que é Anjo da Guarda. ‘Ah!!! Anjo da Guarda? Deus o livre, lá é muito perigoso’. Mas eu quero saber qual lugar que não é? lugar discriminado totalmente. De coisa de televisão quase não tenho tempo pra acompanhar, mas eu sei que o pouco que falam daqui é quando morre alguém ou fulano faz isso e aquilo de ruim. Nunca é algo bom (KELIA,2021).

- **Quais são suas dores, seus medos, frustrações e obstáculos?**

Kelia (2021) relata que “Medo realmente não tenho, vivo a vida sem grandes medos porque eu saio de noite e faço tudo sozinha, vou vivendo com fé em Deus”. Sobre suas frustrações enfatiza que “esse povo não procuram saber de nada e ainda reclamam quando alguém faz algo pra melhorar as coisas e algumas atividades, reclamam pela zoada. Pura ignorância!”.

- **Qual seriam os seus ganhos e desejos específicos?**

Quando perguntada sobre esse tema Kelia diz que o bairro poderia ter uma praça e mais áreas de lazer, e que poderia também ter o posto de saúde e um hospital melhor. Ainda, coloca como relevante a questão das crianças “Criança aqui brinca muito na rua, e é pra mais de 20 e as mães todas nas portas e fofocando” e por isso que reforça a importância de ações para crianças.

- **O que é um bairro bom para você?**

Pra mim é exatamente como a Vila São Luís. Ter boa relação com os outros moradores, ter uma vida tranquila. Tenho o conforto da minha casa, meu trabalho, minhas atividades aqui e é o que tenho, apesar das coisas ruins. Até porque ser feliz é simples, as pessoas que complicam, tendo saúde o resto a gente corre atrás! (KELIA,2021).

¹⁷ Grupo de Mulheres Evangélicas (Embora a sigla esteja em processo de mudança para Grupo de Mulheres Empreendedoras). Estas informações foram dadas pela Kelia, moradora da Vila São Luís.



Suzie

30 anos

Estudante

- **O que pensa e sente?**

Suzie diz que “Eu penso que é um bairro tranquilo de se morar, pelo menos onde eu moro, mas precisa melhorar em alguns pontos. Mas quanto às pessoas na rua e tranquilidade, eu vejo como favorável!”¹⁸ (SUZIE,2021). Aponta também questões sobre transporte público ao dizer que

A Vila São Luís deixa bastante a desejar na questão do transporte coletivo, só há cerca de 2 ônibus disponíveis e isso atrapalha muito e atrasa a rotina de quem depende dos ônibus. Da avenida principal até o ponto final da Vila São Luís é longe, como uns 15 minutos andando, ou seja, uma caminhada um pouco cansativa sem contar as ladeiras que não ajudam (SUZIE,2021).

Outro ponto levantado por Suzie (2021), foi quanto aos comércios no bairro “é distante de um supermercado grande com variedade porque os moradores têm que sair e comprar coisas no Anjo da Guarda, a gente não tem um supermercado assim por aqui e sinto falta disso.”

- **O que vê?**

“Eu nasci no bairro e por isso possuo uma relação estreita com os vizinhos e são como amigos e aqui, ao meu ver, as pessoas são receptivas” (SUZIE,2021).

- **O que fala e faz?**

“Com relação a vida profissional e acadêmica, eu tô concluindo um mestrado e sobre a vida pessoal, gosto de sair pelo dia e pela noite, quando tenho um tempo livre, mas busco outros locais fora do bairro.” (SUZIE,2021). Sobre a sua relação com o bairro Suzie (2021) diz “Geralmente não me envolvo nas atividades da comunidade daqui.”

- **O que ele escuta?**

“As pessoas que não moram no Itaqui-Bacanga acham que morar no bairro é perigoso. No entanto, vejo que os moradores acham o bairro tranquilo em sua maioria e não concordam com essa visão” (SUZIE,2021).

¹⁸ Entrevista concedida por SUZIE. **Entrevista V.** [Dezembro 2021]. Entrevistador: Taynah Machado Pacífico de Sousa. São Luís,2021.

- **Quais são suas dores, seus medos, frustrações e obstáculos?**

Os obstáculos colocados por Suzie (2021) foram “a falta do investimento em transporte coletivo e investimentos em toda área não só no bairro da Vila São Luís e Itaqui-Bacanga. A área Itaqui-Bacanga contribui para a riqueza do nosso Maranhão, economicamente falando e por conta disso e outros fatores deveria-se olhar um pouco mais para os moradores dessa área.”

- **Qual seriam os seus ganhos e desejos específicos?**

Seria de ganho para o bairro a instalação de ecoponto também, pro descarte mais adequado do lixo porque ninguém realmente entende isso, que é bom pra eles e pro meio ambiente. Outra coisa que eu vejo como positivo é a realização de palestras sobre consumo consciente e como descartar o lixo de forma adequada para a preservação do nosso futuro (SUZIE,2021).

- **O que é um bairro bom para você?**

“Pra mim, um bairro considerado bom é quando ele consegue oferecer uma qualidade de vida, seja oferecendo transporte público de qualidade, seja na segurança e na saúde” (SUZIE,2021).



Lucileide

56 anos

Diarista

- **O que pensa e sente?**

Lucileide (2021) relata que “Aqui já melhorou muito desde que eu me mudei, tô aqui já desde o começo, uns 30 anos já e vi muita coisa mudar, então o que eu realmente gosto de ter visto essa evolução. Eu sinto que está calmo e mais bem cuidado apesar de tudo”¹⁹.

- **O que vê?**

A entrevistada conta que “Coisa comum aqui de ver antes era casa de taipa, inclusive a minha, pouco a pouco a gente foi transformando em alvenaria e aí, hoje, o que eu vejo é essa evolução” (LUCILEIDE,2021). Ressalta um local que faz parte do seu dia a dia no bairro “A feira é onde eu sempre vou, quase todo dia mesmo. Mas lá é um amontoado de carro, confusão de gente e carro passando” (LUCILEIDE,2021). Também comenta que “Aqui cresceu bastante

¹⁹ Entrevista concedida por LUCILEIDE. **Entrevista VI**. [Dezembro 2021]. Entrevistador: Taynah Machado Pacífico de Sousa. São Luís,2021.

e agora podemos fazer umas coisas mais pro lado da Vila São Luís, porque antes tudo a gente tinha que buscar no Anjo.” Sobre violência, alega que “Já tá tudo bem melhor graças a Deus, já foi bem pior, mas com o passar do tempo tudo foi se ajeitando” Outro ponto observado pela Lucileide (2021) “Aqui as crianças mal têm onde brinca e ainda ficam batendo bola aqui nas portas dos outros fazendo barulho, elas tão sempre por aqui, capaz de um dia ainda acontecer algum acidente por causa das motos e dos carro tudo”.

- **O que fala e faz?**

“Eu na verdade sou bem reservada, até pra ir na casa das amigas é difícil. Com essa doidice de trabalho a semana toda chego cansada e mal tenho tempo de ficar sempre assim, na rua, só mesmo fico por aqui por casa no final de semana. Mas eu me dou bem por aqui com as pessoas daqui, não tenho problemas.” (LUCILEIDE,2021).

- **O que ele escuta?**

“Eu não vejo mais a crítica que a Vila São Luís é lugar ruim de morar como antes. Sempre gosta de reforçar que antes já foi pior em todos os sentidos ainda que hoje ainda possua os problemas.” Aponta também que escuta sempre dos moradores que hoje, a Vila está tranquila e que hoje é um lugar melhor em muitos sentidos.

- **Quais são suas dores, seus medos, frustrações e obstáculos?**

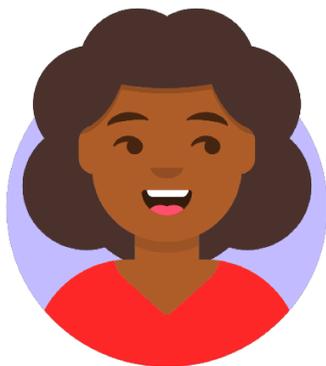
Quando questionada sobre esse tópico, Lucileide (2021) comenta “Eu acho que deveria ter mais atividades. Mais coisa pra gente fazer, chegar do serviço e ter algo pra fazer, se exercitar. Até mesmo para caminhar e se exercitar e é o que não tem aqui”.

- **Qual seriam os seus ganhos e desejos específicos?**

“Uma pracinha seria bom, um brinquedo pras crianças e que também possam aproveitar todo mundo junto. Vejo isso em outros bairros e queria isso pra cá também” (LUCILEIDE,2021).

- **O que é um bairro bom para você?**

“É onde não tem violência, não tem os atritos que sai todo mundo se acabando, essas confusões que é fofoca daqui e fofoca dali é viver com tranquilidade” (LUCILEIDE,2021).



Concita

48 anos

Diarista

- **O que pensa e sente?**

Eu gosto de morar aqui gosto bairro tem muitas coisas que eu acho que deveriam melhorar, mas eu acho que tá caminhando pra isso né. O governador tá investindo mais entendeu? Negócio desse esgoto a céu aberto também é uma coisa assim que eu tinha vontade você mudasse, mas as coisas não são como a gente quer né devagar tá melhorando graças a Deus!²⁰ (CONCITA,2021).

- **O que vê?**

Graças a Deus eu já moro aqui nesse bairro já tem mais de 28 anos, tenho muitos amigos, não tenho inimigos graças a Deus. Em geral, gosto muito do bairro. Tem coisas que eu queria que melhorasse, mas eu gosto muito de morar nesse bairro da vila São Luiz. Graças a Deus para mim é um bairro bom de se morar. Lazer que antes não tinha, hoje tem mais. O Prefeito e o Governador tão investindo mais nisso. A infraestrutura que é ruim, é uma coisa que, assim, eu queria que mudasse, mas as coisas não são como a gente quer e devagar, devagar as coisas tão melhorando (CONCITA,2021).

- **O que fala e faz?**

Ao relatar sobre fatos de seu cotidiano, Concita (2021) fala que

Aqui no bairro tem a praia, né, que fica próximo da gente atrás daqui aí eu gosto muito de ir na praia da guia, é um dos lazeres que eu gosto de fazer. Eu gosto muito de ir na igreja e eu sempre tô por lá fazendo as coisas pra ajudar. Também tem as outras coisas, assim, agora tá que eles estão fazendo mais praça essas coisas, mas também eu gosto de ir nas praças e às vezes faço umas caminhadas com minha irmã lá pro Anjo e quando tamo mais dispostas vamo lá na estação da Vale.

- **O que ele escuta?**

Tem muita gente que fala que o bairro é perigoso que que tem medo porque tem muito, muito marginal entendeu eu já moro há muitos anos eu não vejo desse tipo todo bairro tem pessoas ruins e todo bairro tem pessoas boas eu procuro sempre ver mais as pessoas boas do que as pessoas ruins Graças a Deus eu conheço muitas pessoas boas que moram na vila São Luiz conheço algumas pessoas que não são muito boas, mas eu relevo. Eu prefiro ver mais as pessoas boas (CONCITA,2021).

- **Quais são suas dores, seus medos, frustrações e obstáculos?**

²⁰ Entrevista concedida por CONCITA. **Entrevista VII.** [Dezembro 2021]. Entrevistador: Taynah Machado Pacífico de Sousa. São Luís,2021.

Concita (2021) “Eu tenho medo, eu tenho muito medo de ser assaltada né?! Graças a Deus, eu já morando esses anos todos nunca fui assaltada, mas eu tenho medo. O pessoal gente que já foi assaltada fala que tem medo de sair à noite. Esse é o medo que eu tenho do bairro”

- **Qual seriam os seus ganhos e desejos específicos?**

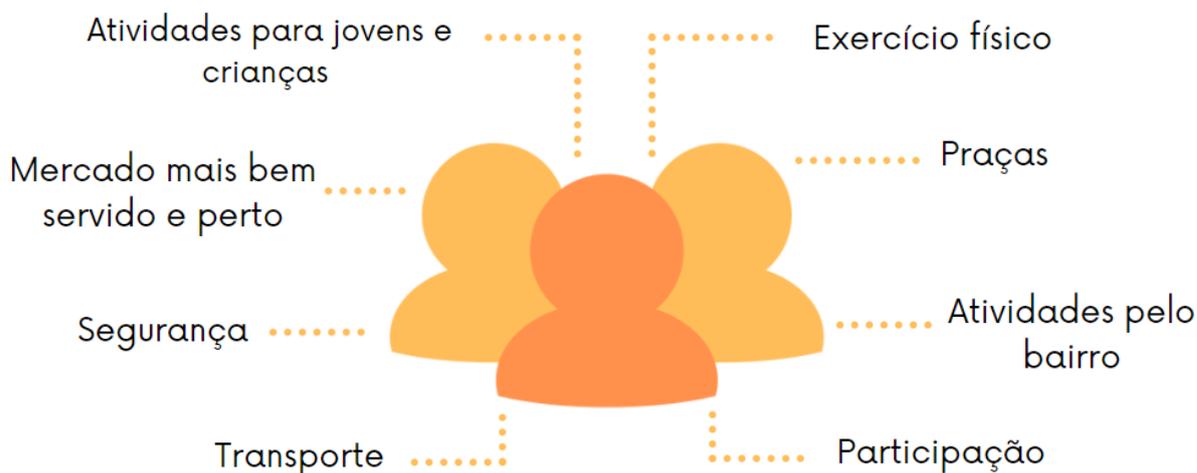
Eu queria que no bairro tivesse mais de uma linha de ônibus que a gente depende só de uma linha de ônibus, então a gente fica à mercê entrando nos ônibus superlotado passa na hora que eles querem então eu acho que se tivesse duas linhas de ônibus fazendo o trajeto dentro do bairro seria melhor para a gente para todos na comunidade entendeu? (CONCITA,2021).

- **O que é um bairro bom para você?**

Para mim é um bom bairro, é o meu que eu moro o meu bairro é um ótimo bairro. Eu tenho ótimos vizinhos, tenho muitos amigos aqui, onde eu moro pra mim é bom. Tá melhorando a cada dia mais, tá devagar ainda, mas tá melhorando porque eu lembro que quando eu comecei a morar aqui há 28 anos atrás não tinha asfalto, as casas eram todas de taipa, hoje em dia não tem mais casa de taipa, colocaram asfalto nas ruas e iluminação. Hoje em dia tá tudo normal, então pra mim o meu bairro é um bom bairro (CONCEITA,2021).

De modo a levar em consideração os aspectos levantados pelos moradores da Vila São Luís, algumas questões em comum foram abordadas por este grupo de 7 residentes, como demonstrada na Figura 30. Através dessa coletânea, busca-se incorporá-los à proposição plano de ocupação para a rua 26.

Figura 30. Síntese dos pontos mais citados pelos entrevistados.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

6.4 Proposição do Plano de ocupação para a Rua 26

Através da análise dos questionários, visitas e conversas, foi possível conhecer os anseios, necessidades e questões da população residente da Vila São Luís e redondezas. Por essa razão, propõe-se algumas ações temporárias que agregariam positivamente na comunidade especialmente para melhoria da qualidade de vida dos que na Vila São Luís residem. Pretende-se com essas propostas, agregar na vida desses moradores na criação de identidade com o local e com o florescimento da resiliência no bairro e nessa comunidade criando mecanismos de vitalidade. As propostas de atividades aqui apresentadas são ideias e reconhece-se que há certas limitações, principalmente pela pequena quantidade de entrevistados e também para a aplicação de tais propostas as quais demandam articulações específicas para sua realização.

Dentro do bairro, já há certa movimentação da comunidade no quesito participação ativa. O GUME e a própria organização do time de futebol local, já indicam uma germinação de relações de maior troca de indivíduo para com a comunidade e bairro. De certo esse é um processo que demanda energia, tempo e determinada complexidade organização de ações.

Aulas de ginástica e de dança

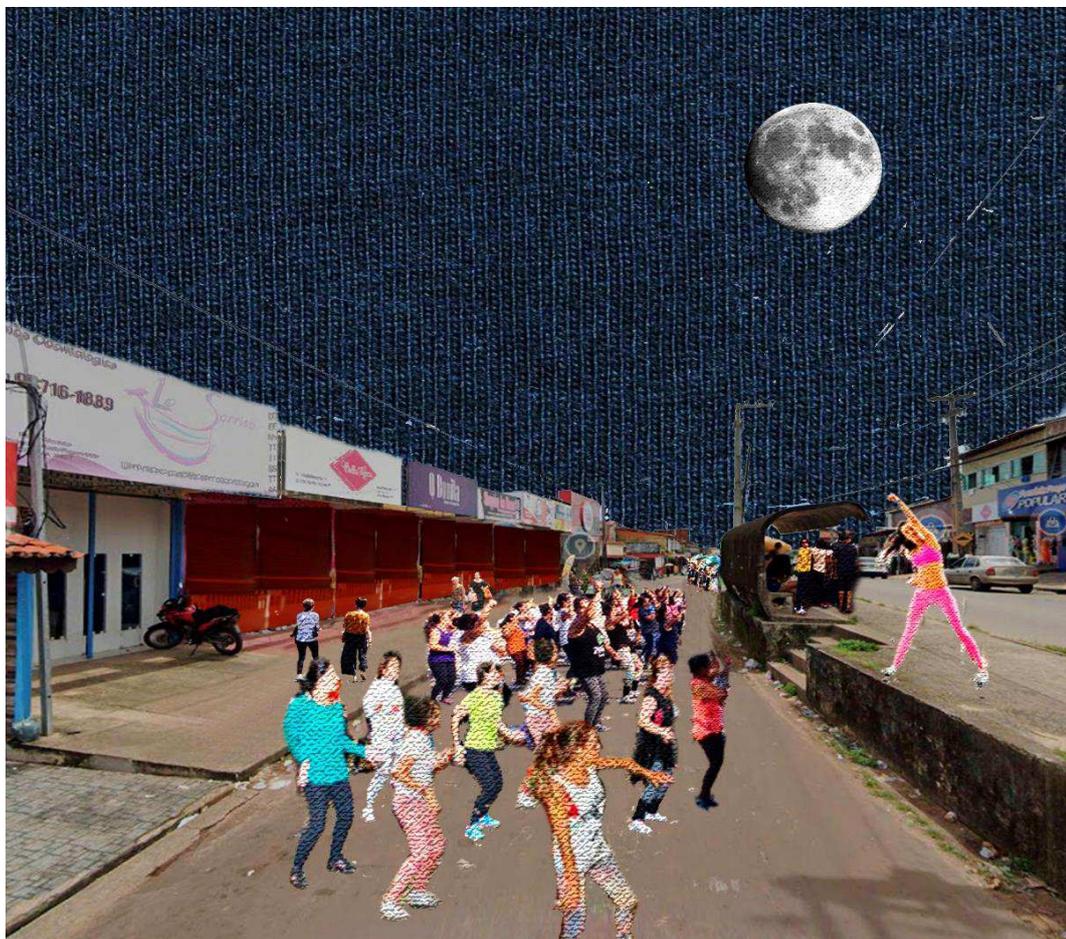
A moradora entrevistada Lucilene (2021) e Concita (2021) relatam sobre exercícios físicos que:

O que mais eu gostava de fazer mesmo era minha academia, aquela ali da Vila Ariri mas tive que parar porque faltou grana e também teve essa confusão toda de pandemia. Eu ia umas três vezes na semana. Agora o que resta mesmo o sedentarismo, mas eu sei que tem umas atividades que o povo faz por ali por cima, no posto de saúde, que botam as mulheres pra dançar zumba e fazer exercício e eu até já fui umas duas vezes quando tem, é bem legal até e se não fosse isso a gente tem a opção da estação da Vale ali na avenida, mas é muito longe (LUCILENE,2021).

Também deixa claro que “Minhas frustrações de agora por exemplo é o meu sedentarismo que atrapalha em tudo, fico toda travada, canso muito.” (LUCILENE,2021) Concita (2021) relata também que “(...) e às vezes faço umas caminhadas com minha irmã lá pro Anjo e quando tamo mais dispostas vamo lá na estação da Vale.” Esta atividade pauta-se principalmente nas falas dos que mais queixam-se de estarem sem atividades físicas e pela falta de espaços para a realização delas no bairro. A proposição idealiza dois dias para essas atividades, sendo uma vez durante um dia útil pelo período da noite (Figura 31), as informações recolhidas não são suficientes para exatidão dos dias que seriam mais propícios pela semana, e a outra parte da proposta seria realizá-la aos domingos pela manhã também, pois segundo relatos de moradores, é o dia que a maioria das pessoas não está no trabalho (Figura 32). O tráfego de veículos seria balizado parcialmente durante a realização dessas atividades e escoaria

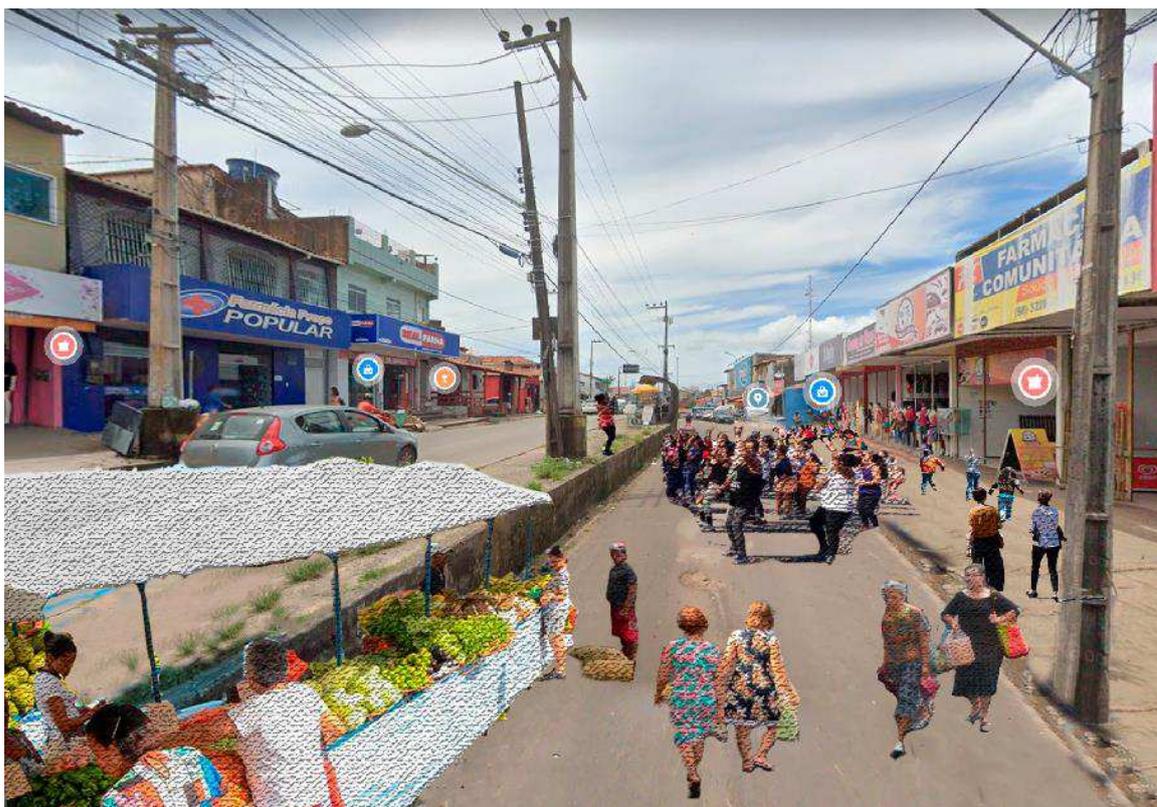
parcialmente pela rua Três, rua Sete, rua da União e as demais ruas internas do bairro. As aulas de ginástica e dança aconteceriam pela manhã na rua 26, logo ao lado da feira da Mauro Fecury II junto à atividade das crianças (Figura 40), como demonstra o mapa da figura 33.

Figura 31. Aulas de ginástica e dança na noite da semana.



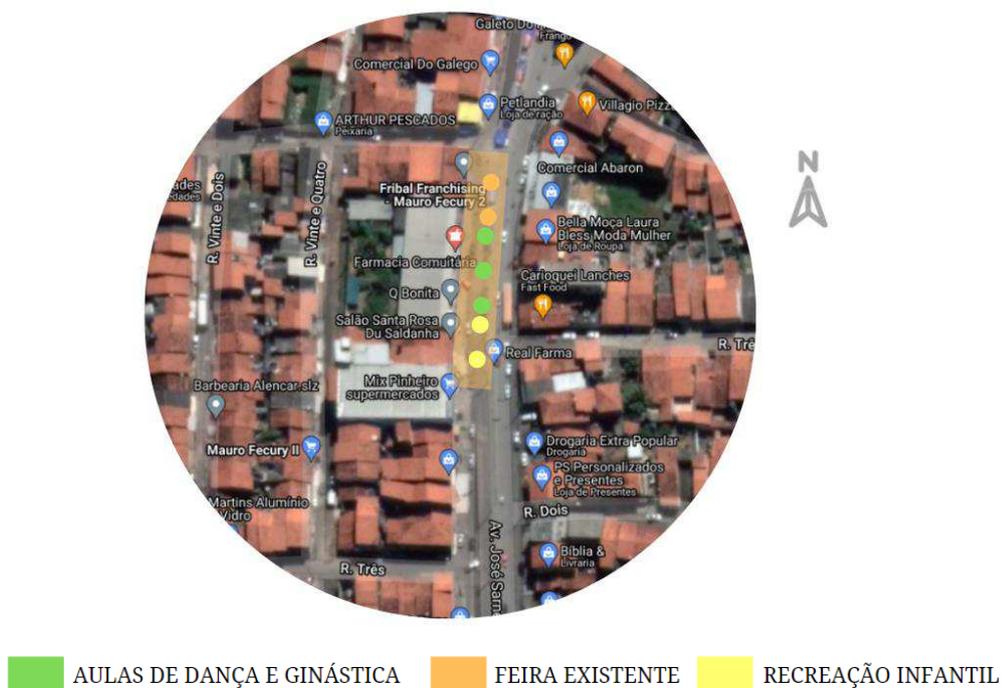
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Figura 32. Aulas de ginástica e dança aos domingos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Figura 33. Mapa da localização da proposta das aulas de ginástica e dança.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Feira +viva

Como antes demonstrado, já há uma feira na rua 26 de funcionamento diário. Embora exista há muitos anos, a moradora Suzie (2021) alega que o bairro “é distante de um supermercado grande com variedade porque os moradores têm que sair e comprar coisas no Anjo da Guarda, a gente não tem um supermercado assim por aqui e sinto falta disso.” Outro relato de outra residente da região para amparar o argumento da Suzie (2021), a Kelia (2021) diz que “Aqui tem a feira que é a da Mauro Fecury II, mas eu uso mais o supermercado porque já tem tudo no mercado e na feira tem que comprar de pouquinho e pouquinho e ainda não aceitam cartão”. Pode-se também adicionar os pontos levantados por Lucilene (2021)

Eu vejo a feira aqui, a feira da Mauro Fecury II que acontece todo dia, mas ela não é a melhor. A gente que mora aqui a gente sempre precisa tá indo nos outros bairros principalmente o Anjo. A feira do Anjo tem mais opção, maior qualidade e o preço é menor. Pela comodidade, compramos aqui, mas a de lá é melhor apesar do custo porque a gente tem que ir pagando passagem, andando não dá (LUCILENE,2021).

Ainda que a feira existente supra parte das necessidades os moradores sempre se queixam de haver pouca variedade de produtos e que por isso recorrem à algumas outras alternativas e localidades, ponto esse reforçado na aplicação do Mapa da Empatia.

Portanto, além da tentativa de atender à necessidade então comentada pelos moradores, a ideia da Feira+livre pauta-se na melhoria da estrutura da feira existente no sentido de melhoria das barracas por serem muito rústicas e na disposição da feira para atrair tanto a participação dos residentes quanto atrair mais produtores locais e assim estimular também a agricultura familiar da região. Nesse sentido, essas articulações necessárias poderiam surgir através de possíveis diálogos com órgãos responsáveis pela coordenação de feiras livres e produtores locais como a Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento (SEMAPA) e a Superintendência de Comercialização e Abastecimento.

Dessa forma, o propósito dessa ideia é possibilitar nesse espaço outras atividades, para além das existentes que possam agregar ao espaço público da rua 26 e à vida dos residentes, bem como somar no quesito oferta de produtos (para além do hortifruti, estendendo-se ao artesanato, e por ventura produtos como o mel, geleia, flores, produtos típicos, confecção de produtos de higiene artesanais etc.).

Em conjunto, como um dia de atividades pela região, nesse mesmo dia, poderia ser realizado também o cinema ao ar livre e a oficina de teatro (leitura nos tópicos a seguir). A escolha do sábado justifica-se por, segundo relatos dos moradores, como o do Beneilson (2021)

“A gente gosta de sair, mas é sempre muito simples e casual e final de semana no sábado e domingo mesmo...”, e da Lucileide (2021) que diz que “Com essa doidice de trabalho a semana toda chego cansada e mal tenho tempo de ficar sempre assim, na rua, só mesmo fico por aqui por casa no final de semana.”. Além desses comentários, a moradora Kelia (2021) que trabalha por toda a semana, ressalta que “Até no final de semana eu tô com esse povo, no sábado é com os coroas e domingo dos mais jovens. É que a sede do time é aqui na minha casa, no meu quintal, a gente faz festa, reunião e tudo quanto é coisa.”. Outro ponto levantado, além de terem que se deslocarem para fazer compras, Lucilene (2021) reforça que “Coisa para se fazer aqui e não ter que ir a outro bairro” e que desejaria “... mais coisas aqui pelo bairro e que tivesse mais atividades por aqui e isso seria bom”. Sendo assim, a maioria das pessoas estaria pelo bairro e a atividade funcionaria em um momento no início da noite (Figura 34). A atividade aconteceria na rua 26 a partir da ligação perpendicular com a rua Cinco até o MIX Pinheiros (supermercado) (Figura 35). O tráfego de veículos seria balizado durante a realização dessas atividades.

Figura 34. Feira + viva.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Figura 35. Mapa da localização da proposta da Feira + viva.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Cinema ao ar livre

Atividade direcionada aos diferentes públicos, mas especificamente para crianças pois elas, devido ao pouco espaço, utilizam às vezes da rua para brincar como já citado por Kelia (2021) a qual sempre está em contato com a comunidade e com o público de faixas etárias diversas, comenta sobre o fato de “Criança aqui brinca muito na rua, e é pra mais de 20 e as mães todas nas portas e fofocando”. A Lucileide (2021) aponta que no bairro “... as crianças mal têm onde brincar e ainda ficam batendo bola aqui nas portas dos outros fazendo barulho, elas tão sempre por aqui, capaz de um dia ainda acontecer algum acidente por causa das motos e dos carro tudo”. A moradora Lucivanda (2021) também reforça o ponto dos projetos para esta faixa etária ao falar que “Eu creio que projeto social infantil...projetos para jovens porque muitos dos jovens que tem no bairro, no caso das meninas engravidam cedo demais, já os meninos se perdem nas drogas e na marginalidade.”

Com base nos descontentamentos e comentários, a proposta do cinema poderia ser trabalhada de modo a melhorar e agregar à vivência no bairro. Esta ideia poderia acontecer em conjunto com algumas outras atividades (O dia da Feira + viva) embora em pontos diferentes da área de recorte, por justamente facilitar a compreensão do conteúdo exibido por parte dos telespectadores, por haver este espaço possível para a projeção e localização mais reservada, sendo ponto positivo por questões de acústica, pois há uma faixa de árvores entre a rua e a

avenida José Sarney. A moradora Suzie (2021) traz à tona a questão da conscientização na sua fala sobre “Seria de ganho para o bairro a instalação de ecoponto também, pro descarte mais adequado do lixo porque ninguém realmente entende isso, que é bom pra eles e pro meio ambiente.” Outro ponto relevante trazido por Suzie (2021) “... eu vejo como positivo é a realização de palestras sobre consumo consciente e como descartar o lixo de forma adequada para a preservação do nosso futuro.” Como comentado não há palestras para conscientização da população sobre assuntos diversos. Este também poderia ser um tema introduzido nas sessões, direcionada para todos os públicos embora elegíveis os conteúdos a serem projetados nas sessões.

O cinema seria locado na rua da União e a proposição ser idealizada aos sábados pelo fluxo de pessoas no bairro ser maior. A ideia seria propor ao menos uma sessão à noite e balizar o tráfego para as demais ruas, caso fosse necessário. A exibição seria feita nas paredes laterais da loja Santa Maria (Figuras 36 e 37) através da colocação de tecidos para possibilitar a projeção, na rua da União por já possuir um espaço hábil para esta atividade. Projeção podendo também ser feita diretamente nas paredes da loja Santa Maria.

Figura 36. Cinema ao ar livre.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Figura 37. Mapa da localização da proposta do cinema ao ar livre.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Oficina de teatro

Esta atividade baseia-se na dinâmica presente na região, mais especificamente no Anjo da Guarda que recebe a encenação da Via Sacra pelas ruas. Alguns moradores salientam a necessidade de locais para atividades ao ar livre e atividades voltadas para o público infantil e claro, com a possibilidade estendida às demais faixas etárias (figura 38). Portanto, a proposta envolveria o grupo de teatro da região, o GRITA. A ideia seria fomentar nas ruas este tipo de envolvimento da comunidade, como uma oportunidade de não somente entretenimento para o público infantil e os demais públicos, mas também uma possibilidade de gerar novas dinâmicas e quiçá oportunidades de engajamento profissional futuro. A intenção maior em promover a realização de atividades como essa para além da programação já realizada pelo grupo de teatro local, é estimular uma maior comunhão de pequenos grupos de pessoas interessadas e com maior frequência pela região.

A comunicação com o público, poderia ser concebida através dos canais já existentes que são as associações e grupos comunitários (como o GUME, a própria associação do time

local e o portal de comunicação do GRITA), por meio de ações de panfletagem, por canais como o uso de sons automotivos e por meio de canais de comunicação como rádio e até mesmo redes sociais.

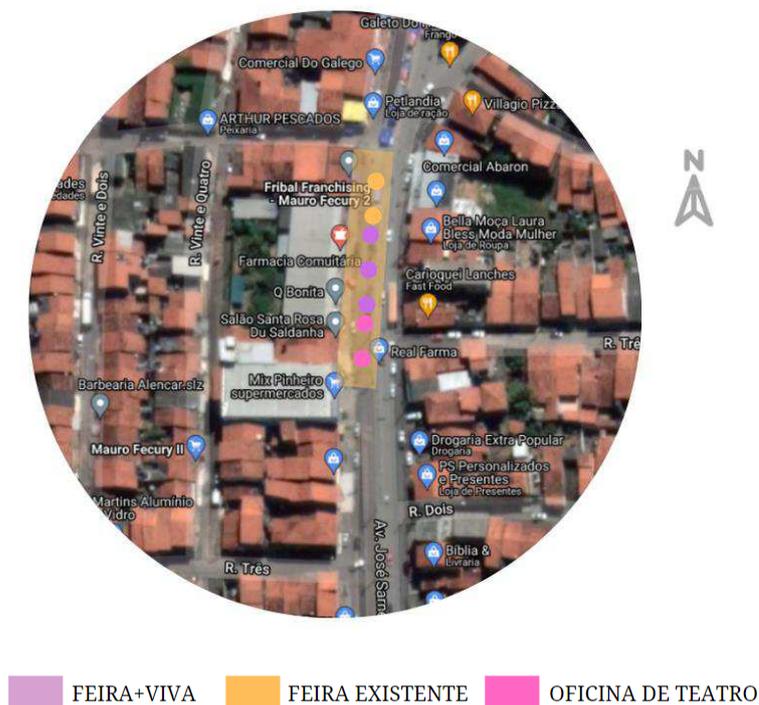
Essa atividade poderia acontecer logo ao lado da Feira + Viva, no momento da noite também e mais próxima do MIX Pinheiros, como sinaliza a figura 39. O tráfego de veículos seria balizado durante a realização dessas atividades.

Figura 38. Oficina de teatro na rua 26.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Figura 39. Mapa da localização da proposta da oficina de teatro.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Recreação infantil

Novamente, retoma-se o tema do público infantil o qual de acordo com os dados recolhidos e com base nas entrevistas, é um ponto que necessita atenção, e isso estende-se às mães e responsáveis do público infantil ali presente. Não foi possível conhecer mães no processo de entrevista, embora, durante a semana, algumas moradoras comentam que levam uma rotina pesada como a Lucileide (2021) e estarem mais em casa e pelo bairro nos finais de semana, como anteriormente comentado. Portanto, o dia de maior disponibilidade seria o dia de domingo pelo turno matutino, o qual foi sinalizado pelas entrevistas como um dia em que os moradores estão pelo bairro. O ponto de reforço para a ideia foram os comentários das moradoras Kelia (2021), Lucivanda (2021) e Lucileide (2021) sobre a necessidade de atividades voltadas para o público infantil.

A atividade aconteceria no mesmo horário das oficinas de dança e ginástica (figura 40) e ao lado dela a fim de otimizar aos pais a participação na atividade de dança, visto que as crianças estarão na recreação. Esta seria locada na região da rua 26 a partir do início da rua 5 até o MIX Pinheiros, como indicado no mapa da figura 41.

Figura 40. Recreação infantil na rua 26.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Figura 41. Mapa da localização da proposta de recreação infantil.



AULAS DE DANÇA E GINÁSTICA
 FEIRA EXISTENTE
 RECREAÇÃO INFANTIL

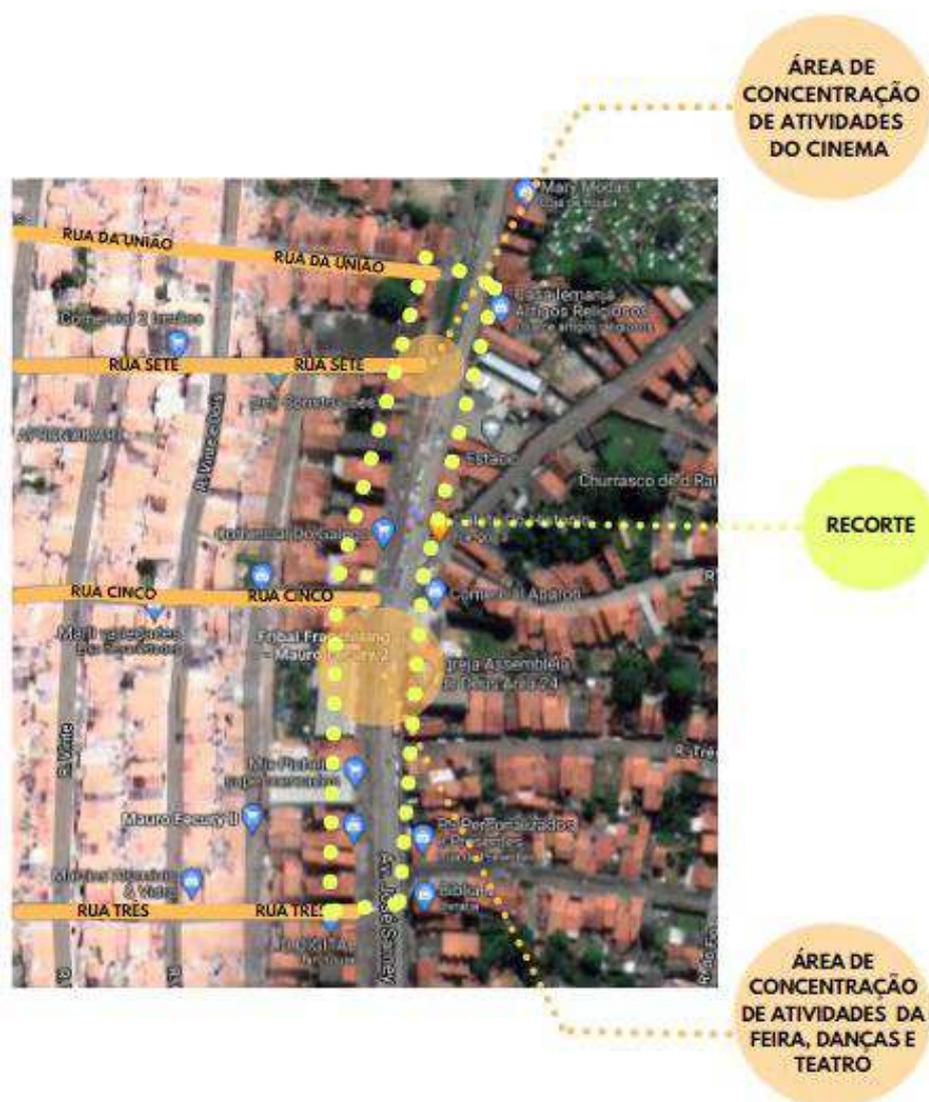
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Figura 42. Quadro síntese das atividades propostas.

| ATIVIDADE | TURNO | DIA DA REALIZAÇÃO |
|------------------------------|-------|-------------------|
| Oficina de dança e ginástica | Noite | Quinta |
| Recreação infantil | Manhã | Domingo |
| Oficina de dança | Manhã | Domingo |
| Feira+livre | Noite | Sábado |
| Oficina de Teatro | Noite | Sábado |
| Cinema ao ar livre | Noite | Sábado |

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Figura 43. Mapa geral das atividades.



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma em que a sociedade está organizada na cidade e como este meio urbano está disposto, pode propiciar ou mesmo atrapalhar o processo de doenças. A partir dessa visão, entende-se que as condições da relação entre saúde-doença e o ambiente construído são diretamente ligadas às condições em que a população está exposta, devido à estratificação socioeconômica. Através da perspectiva de um país subdesenvolvido, pelo grande fluxo de pessoas permitido, a própria superpopulação e a estrutura socioeconômica junto à má disposição de infraestrutura básica, trazem efeitos sobre o estado de saúde da população em geral e fatores agravantes para um momento de crise, aumentando a exposição da população aos estresses. Por isso, deve haver uma cautela maior no sentido de atribuição de recursos e atenção para áreas de vulneráveis e situações de risco.

Novas situações de risco e crises surgem a todo instante na cidade e por isso, a atenção dada a esses riscos é fundamental para a busca de soluções através de uma leitura mais profunda e multissetorial. No caso, a situação da pandemia anunciou a importância que a saúde deve ter em questões urbanas e individuais. O tema tornou-se protagonista em todos os âmbitos, uma vez que a crise sanitária testou os limites dos sistemas de saúde, das políticas públicas, economia e a própria capacidade de resposta das cidades perante à COVID-19. Além disso, incitou uma reflexão maior sobre características específicas das cidades que podem ou não propiciar a disseminação do vírus, demonstrou também que ações para melhorar a vida urbana podem ser mais intencionais e que há possibilidade de ações resilientes para recuperação de crises. É de suma importância notar que a saúde pode ser provida em ações que nem sempre são incisivas no setor de saúde.

Portanto, sabendo-se que o espaço público da rua possui um caráter híbrido e que assume funções plurais, oferece uma perspectiva porosa e adaptável frente as demandas que se apresentam e que pode ser explorado de várias formas. À vista disso, revela uma oportunidade de resposta e transformação, sendo característica essencial para formar cidades resilientes. Uma cidade resiliente não retorna ao seu estado anterior, ou seja, antes do momento de estresse sofrido. Uma cidade resiliente transforma-se e evolui. Embora seja uma tarefa desafiadora, esta depende sobretudo da vontade política e engajamento multissetorial da sociedade. Cujo desafio requer dos governos locais mecanismos que aproximem e fortaleçam a proteção de suas comunidades e de seus mais vulneráveis cidadãos.

O urbanismo é entendido como a resposta que deve ser dada aos embates que a vida cidadina impõe. O desafio é sempre proporcionar usos e soluções que fomentem qualidade para os usuários, introduzindo a vitalidade para então impulsionar a resiliência nesses espaços. Esse ideal que levar em consideração os valores locais só reitera as noções do que é uma cidade viva que evolui a partir da perspectiva das pessoas e que não atende a nenhum outro interesse em particular.

Como objeto de estudo deste trabalho, a rua 26 é caracterizada por vários usos já existentes, sendo um local importante no dia a dia dos residentes do bairro da Vila São Luís e adjacências. Observa-se que de maneira desordenada as atividades se acumulam nesse espaço, de modo a suprir as necessidades dos residentes. De acordo com o diagnóstico há muitos pontos que demonstram a situação de vulnerabilidade em que se encontra a região. Muito embora o local e seus residentes já vêm respondendo à essas condições limitantes a fim de construir seu cotidiano nesse espaço hábil, que é a rua.

Por essa razão, o foco voltado para a área dá-se a partir de propostas que reforcem o uso dessa rua com para atividades voltadas para o fomento e reforço da vitalidade desse local já tão incorporado ao cotidiano desses moradores. Essas propostas abarcam algumas condições expostas pelo grupo de entrevistados e buscam atender aos seus anseios e responder às suas frustrações.

Dessa forma, pretende-se corresponder às questões levantadas sobre a vitalidade urbana como instrumento de ações, ainda que pontuais, para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e fazendo prosperar de forma resiliente, contribuindo para experiências urbanas que interfiram diretamente no seu modo de relacionar com o meio, no sentido coletivo e sobretudo individual, pois cada indivíduo deve ser encorajado pelo meio ao uso ativo do corpo, especialmente quando o contexto não oferece nenhum tipo de vantagem para tais finalidades. Assim, canalizando as energias para a criação de um ambiente que seja proveitoso, convidativo, palco para trocas e interessante a partir da perspectiva do morador e, possivelmente dos externos.

De fato, uma intervenção de atributos físicos seria algo de grande valor para a área, já que a região carece de infraestrutura básica. Contudo, através desse estudo foi possível compreender que de forma temporária as pessoas podem construir um novo sentido de lugar, abrir novas perspectivas de utilização do espaço, expandir o leque de experiências, criar novas

dinâmicas de uso, novas identidades e retomada das já existentes e assim, criar um ponto propulsor de resiliência para melhoria da qualidade de vida das pessoas que ali vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Filipe L.; CARMO, Samuel L. **Construindo cidades saudáveis: a instrumentalização de políticas públicas intersetoriais de saúde a partir do Planejamento Estratégico Situacional**. Saúde Soc. São Paulo, v.29, n.2, e200058, 2020.

ARRIAL, Marcos; ARRIAL, Lucia R. **Pensamentos sobre centros urbanos resilientes**. THEMA, [s. l.], v. 14, p. 318-328, 2017.

BALEM, Tiago. **Os usos temporários no planejamento urbano**. XVIII ENANPUR Natal, 27-30 mai 2019.

BIANCHI, Ricardo; ZACARIAS, Giovanni. **Cidades resilientes: a importância do fortalecimento das comunidades**. Revista Ordem Pública, [s. l.], v. 9, ed. 1, p. 247-259, jan/jun 2016.

BUSS, Paulo; PELLEGRINI, Alberto F., **A saúde e seus Determinantes sociais**. PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva. Rio de Janeiro. 2007.

BUSS, Paulo; PELLEGRINI, Alberto F. **Determinantes Sociais: modelo de Dahlgren e Whitehead**. Centro de Estudos, Políticas e Informação sobre Determinantes Sociais da Saúde (CEPI DSS) / ENSP – FIOCRUZ. Rio de Janeiro/RJ, Brasil. 2011. Disponível em: <<http://dssbr.org/site/opinioes/intervencoes-individuais-vs-intervencoes-populacionais>>. Acessado em: 20 jan 2021.

BUSS, Paulo. **Globalização, pobreza e saúde**. Ciência e Saúde coletiva. Rio de Janeiro, 2006.

BRASIL. Lei Nº 9.503, De 23 de Setembro de 1997. **Código de Trânsito Brasileiro – CTB**. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19503compilado.htm >. Acessado em: 11 jan 2022.

CAIAFFA, Waleska et al. **Saúde urbana: “a cidade é uma estranha senhora, que hoje sorri e amanhã te devora”**. Ciência e Saúde Coletiva, Belo Horizonte, p. 1-12, 11 jul. 2008.

CARRAPATO, Pedro; CORREIA, Pedro; GARCIA, Bruno. **Determinante da saúde no Brasil: a procura da equidade na saúde**. São Paulo. 2017.

CUSTÓDIO, Mônico. **Mapa da empatia: o que é e 6 passos para criar um de qualidade**. <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/mapa-da-empatia/>>. Acessado em: Acessado em: 15 dez 2021.

DUTRA, LAÉCIO DA SILVA. **MERCADO PÚBLICO: função, forma e transformação do espaço urbano na região Itaquí - Bacanga, São Luís (MA)**. São Luís - MA: [s. n.], 2017. P. 252.

FAJERSZTAJN, Laís; VERAS, Mariana; SALDIVA, Paulo, H., N. **Como as cidades podem favorecer ou dificultar a promoção da saúde de seus moradores?** São Paulo. 2016.

FIORATI, Regina. **Determinantes Sociais da Saúde (DSS) - Histórico das principais teorias sobre a determinação social dos processos saúde-doença e primeiros modelos**. São Paulo. 2018.

FONTES, Adriana Sansão. **Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea**. Arquiteturarevista Vol. 8, n. 1, p. 31-48, jan/jun 2012.

FERREIRA, Mayara Lúcia Campos. **Uma história contada: A rua Miguel Dominici**. Monografia (Graduação) – São Luís – MA, 2017.

G1. **Após 1 ano e 4 meses, Avenida Paulista é reaberta parcialmente aos pedestres neste domingo**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/18/apos-1-ano-e-4-meses-avenida-paulista-e-reaberta-parcialmente-aos-pedestres-neste-domingo.ghtml>>. Acessado em: 21 dez 2021.

GOVERNO DO MARANHÃO. **Agenda de notícias da Via Sacra**. Disponível em: <<https://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/?tag=via-sacra>>. Acessado em: 11 dez 2021.

GOVERNO DO MARANHÃO. **São Luís 409 anos. Bairros da capital recebem obras do mutirão Rua Digna**. 2020. Disponível em: <<https://trabalho.ma.gov.br/sao-luis-408-bairros-da-capital-recebem-obras-do-mutirao-rua-digna/>>. Acessado em: 11 jan 2022.

GUIMARÃES, Raul B., da COSTA, Nuno M. e NOSSA, Paulo Nuno. **Saúde urbana e território: dos desafios pré e durante a pandemia às respostas pós-pandemia**. Saúde Soc. São Paulo, v.29, n.2, e000002, 2020.

IDEO. **HCD - Human Centered Design: Kit de ferramentas**. EUA: IDEO, 2009. 102 p. Disponível em: <<http://www.ideo.com/work/human-centered-design-toolkit/>>. Acessado em 03 jan 2022.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades** / Jane Jacobs; tradução Carlos S. Mendes Rosa; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. – 3 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. – (Coleção cidades)
MENDES, Denys. **O centro para pessoas**. Trabalho final de graduação – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Católica de Brasília. Brasília, p. 183. 2017

LADOT. **Learn About Slow Streets LA**. 2020. Disponível em: <<https://ladot.lacity.org/coronavirus/apply-slow-street-your-neighborhood>>. Acessado em 23 mar 2021.

LOBO, Larissa Costa, Silva, Ricardo Luis. **Lugares invisíveis: sobre o espaço público em São Bernardo do Campo**. Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística. São Paulo Vol. 5 no 1 – jun. 2015.

LYNCH, Kevin. **A boa forma da cidade**. 1981. Edições 70. Lisboa, Portugal.

MATTOS, Thiago et al. **Planejamento urbano e saúde pública: (re)visitando uma história contextualizada**. Intellectus. São Paulo. 2014.

MINHASAMPA. **Paulista Aberta**. 2016. Disponível em: <<https://www.paulistaaberta.minhasampa.org.br/>>. Acessado em: 21 dez 2021.

MORERA, Braulio Eduardo. **Do cities have adequate tools to plan their recovery from the COVID-19 crisis?** New York, United States of America. 2021. Disponível em: <https://resilientcitiesnetwork.org/urban_resiliences/do-cities-have-adequate-tools-to-plan-their-recovery-from-the-covid-19-crisis/>. Acessado em: 25 mai 2021.

NÓBREGA, Maria de Lourdes Carneiro da Cunha; TRINDADE, Isabella Leite. **Em busca do bom lugar**. Revista arq.urb., São Paulo, p.62 -76, mai/ago, 2019.

OLIVEIRA, Diego S.; SILVA, Sóstenes E., V. da; SILVA, Neuzianne de O. **Determinantes Sociais da Saúde: reflexões a partir das raízes da “questão social”**. São Paulo. 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Construindo Cidades Resilientes: Minha cidade está se preparando**. [s. l.]. [s. a.]. Disponível em: <<https://eird.org/curso-brasil/docs/modulo7/4.SEDEC-Cidades-Resilientes.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ONU-HABITAT. **Plano de resposta à COVID-19 do ONU-Habitat**. 2020. Disponível em: <https://unhabitat.org/sites/default/files/2020/07/1-covid_appeal2_-_porto-2.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **AVENIDA PAULISTA SERÁ REABERTA AOS DOMINGOS**. 2021. Disponível em: <<https://imprensa.prefeitura.sp.gov.br/noticia/avenida-paulista-sera-reaberta-aos-domingos>>. Acessado em: 21 dez 2021.

RESILIENT CITIES NETWORK. **What is urban resilience?** 2021. Disponível em: <<https://resilientcitiesnetwork.org/what-is-resilience/>>. Acessado em: 10 jun 2021.

RUMEL, Davi, SISSON, Maristela, PATRÍCIO, Maria Zuleica, MORENO, Claudia R. C. **Cidade Saudável: relato de experiência na coleta e disseminação de informação sobre determinantes de saúde**. *Saúde e Sociedade*. v.14, n.3, p.134-143, set-dez, 2005.

SARAYVA, Mayara. **Via Sacra do Anjo da Guarda deverá receber recorde de público, em São Luís**. 2019. Disponível em: <<https://www.ma10.com.br/2019/04/18/via-sacra-do-anjo-da-guarda-devera-receber-recorde-de-publico-em-sao-luis/>>. Acessado em: 20 dez 2021.

SERRA, Lívia Maria Furtado. **Dialogando com Alexander e Lefebvre, identificando padrões adotados na trajetória socioespacial de espaços residenciais em São Luís, Maranhão**. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. São Luís. 2020.

SOUSA, Taynah M., P. de. **Conforto Ambiental em Cidades Tropicais de Baixa Latitude: diretrizes para Sustentabilidade ambiental**. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. São Luís. 2019.

SOUZA, Diego; SILVA, Sóstenes; SILVA, Neuzianne. **Determinantes Sociais da Saúde: reflexões a partir das raízes da “questão social”**. São Paulo. 2013.

STREETS FOR ALL. **Slow streets**. Los Angeles, Canadá. 2020. Disponível em: <<https://streetsforall.org/covid19>>. Acessado em 23 mar 2021.

O IMPARCIAL. **Saiba como surgiu o bairro do Anjo da Guarda**. 2015. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2015/09/saiba-como-surgiu-o-bairro-anjo-da-guarda/>>. Acessado em: 19 dez 2021.

TORRES, Margarida; SILVA, Lígia; SANTOS, Luis; MENDES, José F. G. - **Saúde e bem-estar em meio urbano: das políticas à prática**. Guimarães, Portugal. 2013.

VILAÇA, Lis. **Casa moderna: armadilha ou máquina de morar? Arquitetura no filme Meu tio e na Carta da Atenas**. Vitruvius, 2015. Seção 163.04 ano 14 jul. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/14.163/5550>>. Acessado em 11 dez 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO. **WHO European Healthy Cities Network**. WHO. 2018. Disponível em <<http://www.euro.who.int/en/health-topics/environment-and-health/urban-health/who-european-healthy-cities-network/phases-of-the-network>>. Acessado em: 19 out 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO. **Statement of the WHO European Healthy Cities Network and WHO Regions for Health Network presented at the Sixth Ministerial Conference on Environment and Health**. Ostrava, Czech Republic, 13–15 June 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO. **World Health Day: Putting equity at the heart of COVID-19 recovery**. 2020. Disponível em: <https://www.euro.who.int/en/media-centre/events/events/2021/04/world-health-day-2021/news/news/2020/04/world-health-day-putting-equity-at-the-heart-of-covid-19-recovery?utm_source=WHO%2FEurope+mailing+list&utm_campaign=2be3bc3106-News_highlights_January_2018_COPY_01&utm_medium=email&utm_term=0_60241f4736-2be3bc3106-110534137>. Acessado em: 11 mai 2021.

ZAPATA-GARESCHÉ, Eugene. **A Resilient Recovery – the Road to a New, Better Future in Latin America after COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://resilientcitiesnetwork.org/urban_resiliences/resilient-recovery-road-to-new-better-future-in-latam-after-covid19/>. Acessado em: 15 mai 2021.



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO
<http://repositorio.uema.br/>

1 DADOS DO AUTOR

Nome: Taynah Machado Pacífico de Sousa

Curso/departamento: Centro de Ciências Tecnológicas CPF:11444615610

E-mail: taynahmacpac@gmail.com

telefone: **98982563520**

2 IDENTIFICAÇÃO DO DOCUMENTO

Tipo de documento: () Monografia de graduação () Monografia de especialização
() Dissertação () Tese () Livros () Artigo de periódico () Outro, informar qual:

Título do documento: A resiliência a partir da rua. Espaços itinerantes na Rua 26 no bairro da Vila São Luís.

Local: São Luís

ano: 2022

Orientador: Ingrid Gomes Braga

Co-orientador: Marluce Wall de Carvalho Venâncio

3 ESPECIFICAÇÕES PARA LIBERAÇÃO ON LINE

- a) Liberação imediata ()
- b) Liberação a partir de 1 ano ()
- c) Liberação a partir de 2 ano ()
- d) No aguardo do registro de patente ()

4 PERMISSÃO DE ACESSO

Na qualidade de titular dos direitos autorais do trabalho acima citado, **autorizo** a Biblioteca Digital da Universidade Estadual do Maranhão a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o referido documento de minha autoria, em formato PDF, para leitura, impressão e/ou download, conforme permissão assinalada.

São Luís, 15 de Abril de 2022

Taynah Machado Pacífico de Sousa

Assinatura do autor